



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CULTURAS
POPULARES

BRUNNA SANTOS DE OLIVEIRA

ENTRE FOLHAS E REZAS: A PRESENÇA DO BENZIMENTO EM POÇO VERDE-
SE

São Cristóvão - SE
Fevereiro, 2024

BRUNNA SANTOS DE OLIVEIRA

**ENTRE FOLHAS E REZAS: A PRESENÇA DO BENZIMENTO EM POÇO VERDE-
SE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Culturas Populares da Universidade Federal de Sergipe como requisito à obtenção do título de Mestra em Culturas Populares, na área de concentração “Culturas Populares e Sociedade”.

Orientadora: Profa. Dra. Lourdisnete Silva Benevides

São Cristóvão - SE

Fevereiro, 2024

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

O48e Oliveira, Brunna Santos de.
Entre folhas e rezas: a presença do benzimento em Poço Verde-SE / Brunna Santos de Oliveira; orientadora Lourdisnete Silva Benevides. – São Cristóvão, SE, 2024.
129 f. : il.

Dissertação (mestrado Interdisciplinar em Culturas Populares)
– Universidade Federal de Sergipe, 2024.

1. Cultura popular – Poço Verde, SE. 2. Cura. 3. Curandeiras I.
Benevides, Lourdisnete Silva, orient. II. Título.

CDU 316.7(813.7)

BRUNNA SANTOS DE OLIVEIRA

ENTRE FOLHAS E REZAS: A PRESENÇA DO BENZIMENTO EM POÇO
VERDE-SE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Culturas Populares da Universidade Federal de Sergipe como requisito à obtenção do título de Mestra em Culturas Populares, na área de concentração “Culturas Populares e Sociedade”.

Data:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Lourdisnete Silva Benevides (PPGCULT/UFS)
Orientadora

Profa. Dra. Neila Dourado Maciel (PPGCULT/UFS)
Membro Interno

Prof. Dr. Denio Santos Azevedo (PPGCULT/UFS)
Membro Interno

Profa. Dra. Lina Maria Brandão de Aras (FFCH/UFBA)
Membro Externo

A todos as rezadeiras e rezadores de Poço Verde-SE

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, ao universo, força criadora, todos os guias e seres espirituais que me guiaram até aqui e fizeram minha vida cruzar com a de várias pessoas essenciais para que esse trabalho se concretizasse.

As rezadeiras e os rezadores poço-verdenses, mestres que dividiram sua sabedoria comigo de uma maneira singular, alegre e afetiva.

Expresso também minha sincera gratidão a minha orientadora, Lourdisnete Benevides, pela orientação excepcional, paciência e incentivo ao longo deste processo. Sua experiência e sabedoria foram fundamentais para a condução deste estudo, e sou imensamente grata por sua dedicação.

Agradeço também a banca examinadora, Linda Brandão, Neila Maciel e Dênio Azevedo por dedicarem seu tempo e conhecimento na avaliação deste trabalho. Também, a Claudina Ramirez e Paula Xavier pelas sugestões valiosas na minha qualificação que enriqueceram significativamente a qualidade desta dissertação.

À minha família por me apoiarem em todas as minhas escolhas e por serem fonte de inspiração no cuidado a saúde de forma integral, em especial a minha avó que carrega consigo o dom de benzer. Aos meus amigos, Patrícia, Lucas Andrade, Arthur, Júlia, Antônia, Marcella, Myllena, Shelda, Igor, Ila, Maiza, Lucas Marcell, João Pedro, Rayza, Larissa, Rayanne, Carlos, Alisson, Laisa, Aialla, Júlia Lúrian e Carol que estiveram comigo durante todo esse processo.

Aos colegas de pesquisa, professores e colaboradores do Programa Interdisciplinar em Culturas Populares, agradeço pela troca de ideias e discussões construtivas que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

Cada pessoa mencionada desempenhou um papel fundamental na realização deste trabalho, e sou grato por fazer parte de uma comunidade tão solidária e inspiradora. Este é um marco significativo, e a contribuição de cada um não passa despercebida.

Gratidão a todos que fizeram parte desta jornada!

Sem folha não tem sonho

Sem folha não tem festa

Sem folha não tem vida

Sem folha não tem nada

(Salve as Folhas, 1989)

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo as práticas de cura realizadas por rezadeiras e rezadores do município de Poço Verde/SE. Ao lembrar memórias da minha infância que me fizeram entrar em contato com a minha criança que acreditava no poder da intenção, das rezas e das ervas, interessei-me em registrar essa prática tão antiga e potente. A presente pesquisa se justifica no atual cenário em que a hegemonia biomédica se torna um modelo de saúde autoritário, que desconsidera a autonomia dos sujeitos e torna os profissionais de saúde os únicos detentores de conhecimento. Com isso, percebe-se a necessidade de análise e registro de saberes populares relacionados à saúde, como forma de valorização dessas práticas de cura. A questão norteadora do presente trabalho é: como são realizadas as práticas de cura utilizadas por rezadeiras e rezadores do município de Poço Verde-SE? O objetivo geral é analisar as práticas de cura utilizadas por rezadeiras e rezadores do município de Poço Verde-SE. Tendo como objetivos específicos: apresentar aspectos históricos, geográficos e culturais do município; relacionar a prática do benzimento com os campos da medicina e da espiritualidade; descrever o ritual de benzimento praticado por rezadeiras e rezadores poço-verdenses. Para compreender o desenvolvimento da medicina no Brasil e sua relação com a prática de benzimento, o estudo teórico debruçou-se em autores como Hegenberg (1998), Figueiredo (2005) e Stancik (2009). A abordagem metodológica realizada acerca da memória e da história oral foi amparada por autores como Borelli (1992), Halbwachs (1990) e Delgado (2003). Já a análise das entrevistas foi amparada pelos estudos de autores como Oliveira (2014), Santos (2005) e Ilheo (2017). Para isso, utilizamos a pesquisa em história oral temática, com entrevistas semiestruturadas e registros audiovisuais. Após a coleta de dados, as falas foram transcritas e analisadas conforme a técnica de análise de conteúdo de Bardin. O trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe sob CAAE nº 68432623.0.0000.5546. A presente dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo intitulado traz um panorama geral acerca do município escolhido para realização da pesquisa. No segundo capítulo, buscou-se fazer uma contextualização da prática do benzimento na cultura popular brasileira, destacando sua importância como forma de cuidado com a saúde física e espiritual. Por fim, no terceiro capítulo, demonstra-se de forma direta os resultados da pesquisa, caracterizando os entrevistados e analisando os aspectos de suas falas. Em síntese, as narrativas dos entrevistados destacam a transmissão oral como principal meio de aprendizado, indicando uma continuidade geracional das práticas de benzimento. As práticas e os altares das rezadeiras e rezadores poço-verdenses revelam um hibridismo cultural, apresentando elementos das religiões afro-brasileiras, catolicismo popular e espiritualidade.

Palavras-chave: benzimento; cultura popular; saúde; Poço Verde/SE.

ABSTRACT

This dissertation aims to study healing practices carried by faith healers in the municipality of Poço Verde/SE. When reminiscing some of my childhood memories, I remember the day that I got in touch with a child who believed in the power of intention, of prayers and herbs. From that moment on, I decided to record this ancient and powerful practice. Our research can be justified by a scenario in which a biomedical hegemony becomes an authoritarian health model that ignores the autonomy of subjects and turns healthcare professionals into the exclusive holders of knowledge. Therefore, one can attest the need for analysis and record of popular wisdom concerned with health as a way of valuing these healing practices. We have the following guiding question: How these faith healers from Poço Verde/SE perform their healing practices? Our main goal is to analyze healing practices done by faith healers in the municipality of Poço Verde/SE. The specific goals are: to present historical, geographical and cultural aspects of the municipality; to link benzimento practice with medical field and spirituality; to describe benzimento ritual practiced by faith healers from Poço Verde. In order to understand medical development in Brazil and its link with benzimento practice, the theoretical studies were based on Hegenberg (1998), Figueiredo (2005) and Stancik (2009). The methodological approaches to oral memory and oral history took Borelli (1992), Halbwachs (1990) and Delgado (2003) as a basis. In turn, Oliveira (2014), Santos (2005) and Ilheo's (2017) studies contributed to underlie the interview analysis. For that, we used a topical oral history research together with semi-structured interviews and audiovisual recordings. After finishing data collection, all the speeches were transcribed and analyzed according to Bardin's data analysis technique. This work were submitted and approved by the Research Ethics Committee at Universidade Federal de Sergipe under CAAE n° 68432623.0.0000.5546. This dissertation is divided into three chapters. The first chapter gives an overview of the municipality chosen to carry out the research. In the second chapter, we contextualized the benzimento practice in Brazilian popular culture. We emphasized its importance as a way of caring for physical and spiritual health. Finally, in the third chapter, the results are directly showed where the interviewees are characterized and some aspects of their speeches are analyzed. In summary, interviewee's stories highlight oral transmission as the main means of learning which indicates the generational continuity of benzimento practices. These faith healers' practices and altars reveal a cultural hybridism that presents components of afro-brazilian religions, popular catholicism and spirituality.

Keywords: benzimento; culture, popular, health, Poço Verde/SE.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cemitério Santa Cruz.....	22
Figura 2 - Igreja de São Sebastião.....	24
Figura 3 - Escultura de São Sebastião.....	26
Figura 4 - Aqui nasceu Poço Verde.....	29
Figura 5 - Partitura da música Bendita e Louvada Seja.....	30
Figura 6 - Mapa do estado de Sergipe, destacando o município de Poço Verde.....	32
Figura 7 - Quadrilha poçoeverdense.....	34
Figura 8 - Banda de Pífano poçoeverdense.....	35
Figura 9 - A arte da tecelagem.....	37
Figura 10 - Filarmônica Lira Santa Cruz.....	38
Figura 11 - Representações da fé.....	39
Figura 12 - Rezadeira Maucinha.....	70
Figura 13 - Gráfico com indicação da residência dos entrevistados.....	74
Figura 14 - Altar de Deuzinha.....	82
Figura 15 - Altar de Maucinha.....	85
Figura 16 - Altar de Eronides.....	87
Figura 17 - Altar de Seu Fernando.....	89
Figura 18 - Benzido por Seu Fernando com a mão no terço.....	94
Figura 19 - Benzimento de sol e sereno.....	106

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil dos participantes da pesquisa.....	71
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANEPS – Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde

MOPS – Movimento Popular em Saúde

PNEPS – Política Nacional de Educação Popular em Saúde

SUS – Sistema Único de Saúde

UFS – Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I – O TERRITÓRIO E O POVO: TECENDO CONEXÕES	20
1.1 Poço Verde: perspectivas históricas, geográficas, religiosas e culturais.....	20
1.2 Memória e história oral: o povo como potência cultural	38
1.3 Rezadeiras e rezadores: história, memória e cultura	45
CAPÍTULO II - CULTURA POPULAR: AS MEDICINAS E A ESPIRITUALIDADE NAS PRÁTICAS DE BENZIMENTO	49
2.1 A prática do benzimento no Brasil.....	49
2.2 O benzimento como uma medicina popular	59
2.3 Interações entre espiritualidade e saúde	64
CAPÍTULO III – RITOS, SENTIDOS E CAMPOS DE CURA	70
3.1 A Iniciação	75
3.2 O ritual em cena.....	90
3.3 As rezas	100
CONCLUSÃO	111
REFERÊNCIAS	116
APÊNDICES	124

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de estudo as práticas de cura realizadas por rezadeiras e rezadores do município de Poço Verde, localizado no estado de Sergipe.

As rezadeiras e os rezadores são figuras importantes para a preservação da cultura popular e possuem grandes conhecimentos acerca das plantas medicinais e orações. Com o avanço da medicina moderna e a supervalorização dos saberes técnico-científicos em detrimento dos saberes populares e culturais, destaca-se a importância de compreender e enaltecer as práticas populares de cura através do registro e divulgação dos seus saberes.

O interesse pelo tema se deu a partir de inúmeras experiências vivenciadas ao longo da minha vida. Fui criada em um pequeno município do estado de Sergipe, Poço Verde, lugar que detém toda minha admiração. Crescendo numa cidade tão pequena, de aproximadamente 22.000 mil habitantes, e indo frequentemente à fazenda do meu pai e/ou dos meus avós, estive sempre em contato com a natureza. Correndo livremente e brincando com a terra, água e com as plantas. Quando tinha alguma questão de saúde, raramente ia a médicos. Sempre foi de costume dos meus pais me levarem as chamadas rezadeiras.

Lembro-me exatamente do processo: em uma casa humilde, geralmente cercada de plantas, uma senhora vestida de branco dirigia-me a um pequeno cômodo repleto de imagens de santos e orixás, perguntava o meu nome e, movendo algum ramo de erva como arruda ou “vassourinha”, proferia algumas palavras dotadas de fé, de mistério e de cura. Ao final da oração, entregava-me um caderno e uma caneta, e ditava o tratamento subsequente, que frequentemente era um banho com determinadas ervas que deveria ser tomado pelos próximos dias para descarrego energético, ou atração de algo que estivesse precisando. Obviamente, enquanto criança, não tinha noção do quão significativo eram esses momentos e do quanto iriam impactar minha formação enquanto pessoa. Creio que aqui, com o olhar atento e amoroso da minha criança, começou a minha trajetória com as práticas populares de cura.

Além dessas experiências em casas de rezadeiras, minha avó também foi uma grande inspiração para mim, apesar de não se considerar uma benzedeira. Por saber apenas uma oração para mau olhado, dedica-se a realizá-la somente aos familiares mais próximos quando necessário. Ainda assim, mesmo que raramente, vê-la exercer essa prática com tamanha fé e devoção é motivo da minha mais profunda admiração. Ela também me conta histórias da sua infância e de como a presença de benzedores foram marcantes no seu cuidado em saúde.

Com o passar dos anos fui distanciando-me de certos hábitos que tanto marcaram minha infância, a exemplo das visitas calorosas para ser rezada. No ritmo acelerado que a sociedade nos impõe, não há espaço para as palavras tranquilas ditas pelos sábios da fé, para o preparo de banhos de ervas, ou para acreditar em qualquer outra coisa que não a ciência ocidental. E foi assim que, aos poucos, a calma foi dando espaço para a correria, os cuidados naturais dando espaço para os comprimidos que sanam apenas os sintomas, e as rezadeiras dando espaço aos médicos.

Em 2015, iniciei a graduação em Enfermagem na Universidade Federal de Sergipe (UFS), mudei-me para a capital, Aracaju-SE. Mas, já nos primeiros períodos fui me sentindo desgastada e infeliz com a escolha do curso. Não sabia exatamente o porquê. Talvez a mudança para uma cidade grande, o distanciamento das minhas raízes, a incerteza da profissão. Algo faltava. Mas eu prossequia.

Até que conheci um determinado professor na universidade, Murilo Marchioro, que realizava meditações guiadas e decidi participar de alguma. Esse foi o meu primeiro contato, na universidade, com alguma prática de saúde alternativa. Através desse professor, conheci Simone Maria Leite Batista¹ (1957-2021) e o Movimento Popular em Saúde (MOPS), um marco na minha história.

Simone Leite foi conselheira nacional de saúde, teve grandes contribuições para Sergipe e para o Brasil. Formada em Enfermagem pela Universidade Federal de Sergipe, dedicou sua vida à luta pela saúde social, disseminando práticas, saberes e fazeres populares no cuidado com a saúde. Ajudou a construir o MOPS em Aracaju e em Sergipe, a Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde (ANEPS), assim como a Política Nacional de Educação Popular em Saúde (PNEPS-SUS). Sempre fez questão de levar

¹ Simone Maria Leite Batista possuía graduação em Enfermagem pela Universidade Federal de Sergipe (1980) e especialização em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública (1981). Era servidora pública, atuando na Secretaria de Estado da Saúde de Sergipe e na Secretaria de Saúde de Aracaju.

emancipação política e segue desde então se desenvolvendo economicamente através do cultivo de milho e feijão, além da atividade pecuária.

No aspecto religioso, há uma predominância da religião católica, tendo quase 90% da população declarando-se como católicos. Seguidamente, os fieis das igrejas evangélicas somando cerca de 5% da população. E apenas 0,3% se denominam como espíritas, umbandistas ou candomblecistas. Na cidade, fé é manifestada através de procissões, novenas, leilões e festejos aos padroeiros da cidade. Além disso, também é perceptível práticas ligadas ao catolicismo popular, como é o caso do benzimento.

As rezas populares apresentam ensinamentos e possuem função importante em suas comunidades, com grande importância histórica e antropológica, sendo um exemplo de patrimônio imaterial. O patrimônio imaterial pode ser definido como saberes, práticas e expressões culturais passados de geração em geração geralmente por meio da oralidade (Nascimento, Ayala, 2013).

O paradigma dominante de saúde considera apenas o saber científico como conhecimento verdadeiro, se opondo a outras formas de saberes e utilizando metodologias conservadoras, focando numa perspectiva biologicista de adoecimento e desconsiderando a autonomia dos sujeitos (Sthal, Leal, 2017). Não apenas nas grandes cidades, até mesmo em cidades pequenas e comunidades rurais, a desvalorização da cultura popular tem afastado as pessoas dos seus modos de ser e de fazer (Silva, 2009).

Os povos indígenas e africanos contribuíram em diversos aspectos na cultura brasileira, inclusive na cultura popular, através do conhecimento de ervas e suas indicações. Através desses conhecimentos, as práticas de rezadeiras ou benzedadeiras tiveram um papel muito importante no cuidado de pessoas que não tinham como recorrer à medicina alopática por falta de acessibilidade (Silva, 2009). Dentre as práticas, destacam-se as rezas, banhos, chás e garrafadas, utilizadas para tratar os males do corpo e do espírito.

As rezadeiras e os rezadores utilizam palavras e gestos como forma de cura, através orações de proteção e orações com intuito curativo (Pimentel, 2007). Essas práticas estão presentes em várias regiões brasileiras, mas se concentram na região Nordeste (Santos, 2009).

A tradição da reza é passada de geração em geração, geralmente por meio da oralidade (Silva, 2009; Pimentel, 2007). A oralidade, segundo o escritor e

ambientalista indígena Ailton Krenak, é elaborada com as experiências de vida de cada indivíduo, mas, através do compartilhamento com o grupo, acaba constituindo-se também como um sujeito coletivo (Abib, 2019). Conforme Halbwachs (1990), cada lembrança não é singular, mas encontra-se entrelaçada a um contexto social mais abrangente. Assim, a construção da memória de um indivíduo resulta da fusão das lembranças provenientes dos diversos grupos aos quais ele pertence e que o influenciam, como a família, a escola, o círculo de amizades e o ambiente de trabalho.

As rezadeiras e os rezadores veem o indivíduo de forma integral, levando em consideração as esferas material e espiritual. Já na terapêutica biomédica, a doença é vista de uma forma separada do todo. Com isso, é comum que as pessoas procurem o atendimento médico e o atendimento com as rezadeiras, utilizando os dois tratamentos de forma complementar (Santos, 2009).

Diante dessa perspectiva, a presente pesquisa se justifica no atual cenário em que a hegemonia biomédica e alopática se torna um modelo de saúde autoritário, que desconsidera a autonomia dos sujeitos e torna os profissionais de saúde os únicos detentores de conhecimento. Com isso, percebe-se a necessidade de análise e registro das experiências e saberes populares relacionados à saúde, como forma de valorização dessas práticas de cura e da cultura popular.

Adicionalmente, destaca-se a necessidade de expandir os estudos sobre essa temática. Embora existam trabalhos conduzidos no estado de Sergipe que abordam o tema do benzimento, é relevante observar que nenhum deles foi realizado na cidade objeto desta pesquisa, o município Poço Verde. Isso ressalta a importância de uma investigação mais aprofundada e específica para compreender as nuances e particularidades da prática de benzimento nesse contexto urbano específico.

Dentre esses trabalhos, ressaltamos a dissertação intitulada “Rezadeiras de Itabaiana/SE: entre herança cultural, a modernidade e os rituais de cura” (2014) de José Erivaldo Simões de Oliveira; e a dissertação de José Carlos Andrade Carvalho intitulada “Caracterização de Rezas Populares no Município de Itabaiana-SE: uma análise sociodiscursiva” (2015).

A questão norteadora do presente trabalho é: como são realizadas as práticas de cura utilizadas por rezadeiras e rezadores do município de Poço Verde-SE?

O objetivo geral do trabalho é analisar as práticas de cura utilizadas por rezadeiras e rezadores do município de Poço Verde-SE. Tendo como objetivos

específicos: apresentar aspectos históricos, geográficos e culturais do município de Poço Verde-SE; relacionar a prática do benzimento com os campos da medicina e da espiritualidade; descrever o ritual de benzimento praticado por rezadeiras e rezadores poçoeverdenses.

Para compreender o desenvolvimento da medicina no Brasil e sua relação com a prática de benzimento o estudo teórico debruçou-se nos autores Hegenberg (1998); Câmara, Fialho (2021); Figueiredo (2005); Stancik (2009); Calainho (2005); Santos (2009); Santos (2005); Oliveira (1985); Sthal, Leal (2017).

A abordagem realizada acerca da memória e da história oral foi amparada pelos autores Borelli (1992); Chauí (1995); Halbwachs (1990); Rech (2016); Pinsky (2008); Bosi (1994); Thompson (1992, 2000); Freitas (2006); Alberti (2004); Delgado (2003).

Já a análise das entrevistas foi amparada pelos estudos dos autores Quintana (1999); Moura (2009); Conceição (2011); Oliveira (2014); Asevedo (2012); Santos (2005); Ilheo (2017); Oliveira (1985); Dantas (2023).

Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem qualitativa através do método da história oral. Segundo Delgado (2003), a história oral produz narrativas como fontes de saber, incluindo as lembranças, observações, silêncios e emoções, constituindo uma visão singular da vida. Utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos para registrar as narrativas de pessoas que participaram de acontecimentos históricos, grupos, movimentos, entre outros (Freitas, 2006; ALBERTI, 2004). O tipo história oral temática foi o escolhido por delimitar a entrevista a um tema específico, no caso do presente trabalho, a prática de benzimentos.

A amostragem do presente estudo foi não probabilística por conveniência, já que a amostra selecionada é composta pelas rezadeiras e pelos rezadores mais conhecidas da região (identificadas através da população geral) e que aceitaram participar da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas e a utilização de recursos audiovisuais, como fotos e vídeos, mediante autorização. A entrevista semi-estruturada é composta por perguntas de identificação, aspectos socioeconômicos, e questões abertas que se relacionam com os objetivos do trabalho, remetendo ao início da prática de cura, as doenças mais comuns, as plantas utilizadas, entre outros.

As entrevistas foram realizadas entre abril e novembro de 2023, na residência dos entrevistados. Foram entrevistados 16 rezadores residentes no município de Poço Verde/SE, sendo 14 mulheres e 02 homens, com uma faixa etária entre 58 a 88 anos.

Após a coleta de dados, as falas foram transcritas e analisadas conforme a técnica de análise de conteúdo de Bardin. A análise de conteúdo é uma técnica que analisa as entrevistas e observações do pesquisador, a partir de três fases. Na primeira fase, é realizada uma pré-análise de todo o material transcrito. Na segunda fase, os textos são recortados em unidades de registro para serem agrupados em temas correlatos, formando categorias. E, por último, a fase da inferência e interpretação (Silva, Fossá, 2015).

Após coletar os dados, as entrevistas foram minuciosamente transcritas e examinadas em busca de palavras, frases e contextos que permitissem uma análise comparativa entre diferentes entrevistas. Com base nessa análise, foram identificadas e delineadas três categorias principais para discussão individual: a iniciação, que explora como os entrevistados iniciaram na prática de benzimento; o ritual em cena, que oferece uma descrição detalhada da preparação, instrumentos, dias e horários envolvidos na prática, bem como as gratificações associadas; e as rezas, concentrando-se na análise das orações específicas tradicionalmente utilizadas no benzimento. Essas categorias serviram como base para a interpretação e análise das informações coletadas.

A pesquisa atendeu os aspectos éticos, respeitando a dignidade e a integralidade do ser humano, conforme determinação da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 e da Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde. O trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe sob CAAE nº 68432623.0.0000.5546.

A presente dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo intitulado “O Território e o Povo: tecendo conexões” traz um panorama geral acerca do município escolhido para realização da pesquisa. Através da sua história, geografia, hábitos religiosos e culturais é possível compreender melhor o povo que o habita e suas relações entre si. Além disso, nesse capítulo também é discutido a importância da memória e do seu registro por meio da história oral como forma de considerar o povo enquanto potência cultural. E como os rezadeiras e rezadores são figuras relevantes para esse registro.

No segundo capítulo, “Cultura Popular: as medicinas e a espiritualidade nas práticas de benzimento” buscou-se fazer uma contextualização da prática do benzimento na cultura popular brasileira, destacando sua importância como forma de cuidado com a saúde física e espiritual. Assim como relacionando essa prática com a medicina popular e a espiritualidade.

Por fim, no terceiro capítulo, “Ritos, sentidos e campos de cura”, demonstra-se de forma direta os resultados na pesquisa, caracterizando os entrevistados e analisando os aspectos de suas falas. Dessa forma, são analisadas histórias envolvendo as rezas, como se deu o aprendizado da prática do benzimento, as plantas utilizadas, dias e horários, etc.

Diante da riqueza cultural e espiritual que permeia os rituais de benzimento, esta pesquisa propõe-se a mergulhar profundamente nesse universo, desvendando as crenças e as práticas que sustentam essa tradição em Poço Verde/SE. A partir dos teóricos citados e das entrevistas realizadas com os rezadores poço-verdenses, buscamos reconhecer essa importante manifestação cultural, que desempenha um papel fundamental na identidade e na espiritualidade dessa cidade.

CAPÍTULO I – O TERRITÓRIO E O POVO: TECENDO CONEXÕES

Neste capítulo apresento os aspectos históricos, geográficos, religiosos e culturais sobre a cidade de Poço Verde, município de Sergipe. Localizado no menor estado brasileiro, Poço Verde é um município de pouco mais de 20 mil habitantes. Por sua localização geográfica e histórica, o município foi durante muito tempo um local isolado e pouco desenvolvido. Essa condição, aliada ao avanço da modernidade, contribuiu para que Poço Verde fosse muitas vezes desvalorizado, inclusive por parte de seus próprios moradores.

No entanto, apesar de seu tamanho e passado relativamente recente, o território e o povo poço-verdense carregam uma infinidade de histórias, saberes e práticas que merecem ser registradas e enaltecidas. Essas histórias, saberes e práticas constituem a identidade cultural de Poço Verde, tornando-o um local único e singular. Milton Santos, um dos maiores geógrafos brasileiros, afirma que o território é um importante espaço de resistência e afirmação da identidade cultural das comunidades locais. O território é um espaço socialmente construído, permitindo a valorização das especificidades locais e a promoção da diversidade cultural (SANTOS, 2001). Para ele, as trocas espirituais também fazem e formam o território, uma vez que:

o território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. (SANTOS, 1999, p.8)

A citação enfatiza a importância de compreender o território não apenas como uma geografia física, mas como um espaço dinâmico e significativo no qual as interações humanas se desdobram. Portanto, é de suma importância compreender que histórias e memórias habitaram e resistem nesse território. Nos próximos tópicos, abordaremos três aspectos importantes: as perspectivas históricas, geográficas, religiosas e culturais do município de Poço Verde/SE; a memória e a história oral, como fontes de preservação da cultura popular; e as rezadeiras e os rezadores, como guardiãs e guardiões da tradição religiosa e cultural.

1.1 Poço Verde: perspectivas históricas, geográficas, religiosas e culturais

A obra de Denisson Curvelo (2022), intitulada “Poço Verde: início e desenvolvimento”, representa uma fonte rica e abrangente que engloba uma variedade de momentos históricos, sociais, religiosos e culturais da cidade. Sua abrangência e detalhamento tornaram-na a principal referência quando se trata da cidade de Poço Verde/SE e, por isso, foi amplamente utilizada neste capítulo.

Não se tem registros escritos de que os primeiros habitantes do município hoje designado de Poço Verde-SE tenham sido indígenas. Diferente de regiões vizinhas, como Simão Dias-SE, que era composta por matas virgens como uma opção para se esconderem das forças colonizadoras, nas terras poço-verdenses os caminhos eram secos e íngremes, o que afasta tal possibilidade (Curvelo, 2022).

O que se sabe é que a Coroa Portuguesa, como forma de manter o domínio das áreas recém-conquistadas, começou a conceder áreas a particulares para estimular a ocupação de terras brasileiras, por meio das chamadas sesmarias. Foi a partir de então, que surgiram os primeiros domínios no território que hoje se localiza o município de Poço Verde-SE (Curvelo, 2022).

A família Garcia d'Ávila recebeu várias sesmarias que abrangiam grande parte da região Nordeste, incluindo as cabeceiras do Rio Real que cortam o atual município de Poço Verde-SE, embora ainda continuasse com quase nenhuma ocupação humana. Em 12 de novembro de 1839, Sebastião da Fonseca Dória comprou as terras da fazenda Poço Verde e da fazenda Tabúa, pertencentes à vila de São João Batista de Jeremoabo, província da Bahia (Curvelo, 2022).

A fazenda Poço Verde era assim chamada por conta de um poço nela existente, que se formava pelas águas do Rio Real, o qual, mesmo durante longos períodos de estiagem, não secava. Nas margens desse poço, surgia uma vegetação sempre verde, o que acabou dando origem ao nome Poço Verde (Santos, 2021).

Sebastião da Fonseca Dória pediu autorização à paróquia de São João Batista de Jeremoabo para construir uma capela em devoção à Santa Cruz, tendo seu pedido negado pelos religiosos baianos. Dessa forma, ele recorreu à paróquia de Nossa Senhora Imperatriz do Campo, pertencente à vila de Campos do Rio Real, atual município de Tobias Barreto, já em território sergipano. Porém, como a fazenda Poço Verde não pertencia ao seu território, não seria possível autorizar tal construção, a menos que fosse em uma área de sua tutela.

Então, no dia 17 de junho de 1847, Sebastião da Fonseca Dória adquiriu outro sítio, localizado ao lado da fazenda Poço Verde, à margem esquerda do Rio Real, área já pertencente à vila de Campos. Utilizando-se de mão de obra escrava, construiu o Cemitério Santa Cruz com uma capela em seu interior, dedicada à Santa Cruz (Curvelo, 2022). Dessa forma, a construção da capela em homenagem à Santa Cruz marca o surgimento do município de Poço Verde. Atualmente, a fachada do cemitério encontra-se assim:

Figura 1 - Cemitério Santa Cruz



Fonte: acervo da autora (2023).

A figura 1 retrata a entrada do Cemitério Santa Cruz que fica localizado em um bairro que, atualmente, também recebe o nome de Santa Cruz, próximo ao centro de Poço Verde/SE.

Com o tempo, pequenas construções foram surgindo no entorno do Cemitério Santa Cruz, dando início a um povoado, que, mesmo em território sergipano, foi chamado de Poço Verde, fazendo referência à fazenda que se localizava do lado baiano:

aos poucos e de forma natural, a paisagem daquelas terras foi mudando. A cultura pastoril dos tempos de Império foi dividindo espaço com a agricultura. Casas comerciais foram sendo abertas e a população existente, vinda dos arredores baianos e da própria sede, foi se tornando cada vez maior (CURVELO, 2022, p. 21).

A abertura de casas comerciais aponta para o desenvolvimento econômico e a diversificação das atividades na região. No início do século XX, o povoado Poço

Verde já possuía várias ruas, casas enfileiradas, comércios abertos, e a agricultura começou a se desenvolver a partir das plantações de algodão, mandioca e abóbora, além da criação de gado. Tornando-se, em 1923, distrito de Campos do Rio Real (Curvelo, 2022).

Em paralelo ao desenvolvimento urbano, a comunidade viu não apenas o florescimento das atividades comerciais e agrícolas, mas também o surgimento de espaços fundamentais para a expressão cultural e religiosa. As primeiras manifestações religiosas do território poço-verdense tiveram início na Capela Santa Cruz, que, situada dentro do cemitério, tornou-se um ponto central para as práticas espirituais na região. A partir de então,

novenas em louvor a Santa Cruz começaram a ser realizadas dentro do cemitério por Manoel Benevides do Rosário, membro da comunidade que também criou a festa do dia 03 de maio. (CURVELO, 2022, p. 31)

A festa do dia 03 de maio em homenagem à Santa Cruz é uma celebração religiosa com novenas e missas, e finalizada no último dia com uma procissão pelas ruas da cidade. Porém, por ficar localizada dentro de um cemitério, a capela não era muito bem aceita pelo padre Basilício Raposo, contribuindo com a necessidade de construção de uma outra igreja. Em meados de 1930, foi erguida uma nova igreja, agora em homenagem a São Sebastião, tornando-se o maior e principal templo religioso do distrito (Curvelo, 2022).

A razão para a escolha de São Sebastião como novo padroeiro foi bastante simples: considerou-se homenagear o fundador do povoado, o fazendeiro Sebastião da Fonseca Dória, para justamente honrar a pessoa que deu início à comunidade. A Figura 2 mostra a Igreja de São Sebastião atualmente:

Figura 2 - Igreja de São Sebastião



Fonte: Portal Lagartense (2020)

A Igreja de São Sebastião configura-se como o principal templo religioso no contexto urbano de Poço Verde, assumindo a posição de maior relevância dentro da paisagem arquitetônica da cidade. Estrategicamente situada no centro de Poço Verde, essa edificação desempenha um papel proeminente na vida religiosa da comunidade, sendo um marco central para as práticas litúrgicas, eventos religiosos e expressões de devoção dos habitantes locais.

Até os nossos dias, o dia de São Sebastião, comemorado no dia 20 de janeiro, é considerado o principal evento festivo de Poço Verde, reunindo milhares de pessoas que saem em procissão por suas ruas, entoando o seu hino:

Salve o nosso Santo Padroeiro
Foi soldado e foi guerreiro
Mas lutou só pelo bem.
São Sebastião lutou no exército
de Deus também, e não bastou.

Não, não, não, não, não! Uma flecha
não bastou para calar a sua voz.

comunidade diante dos desafios ao longo de sua história. Dessa forma, o poema não apenas celebra a devoção religiosa, mas também destaca a relevância cultural e espiritual que São Sebastião detém como padroeiro da cidade.

São Sebastião é um santo cristão que foi martirizado no século III d.C. Segundo a tradição católica, ele nasceu em Narbonne, na França, por volta do ano 256 d.C., mas seus pais eram oriundos de Milão, na Itália. Em sua maioridade, ele se alistou como membro da legião romana comandada pelo então Imperador Diocleciano. Sebastião era um cristão devoto e secretamente ajudava outros cristãos que eram perseguidos pelo Império Romano (Oliveira, 2014).

Quando sua fé foi descoberta, Sebastião foi condenado à morte por flechamento. Ele sobreviveu às flechas e foi resgatado por uma viúva chamada Irene, que o curou de seus ferimentos. No entanto, quando ele se apresentou novamente ao imperador Diocleciano para repreendê-lo por suas políticas anti-cristãs, ele foi condenado à morte novamente e espancado até seu falecimento (Oliveira, 2014).

Figura 4 - Escultura de São Sebastião



Fonte: acervo da autora (2023).

A escultura de São Sebastião flechado, como destacada na figura, torna-se um poderoso ícone visual que evoca a narrativa religiosa associada ao santo padroeiro. Ela fica localizada em frente à Igreja Matriz de São Sebastião.

Embora São Sebastião seja amplamente venerado como um símbolo católico na cidade é pertinente estabelecer conexões com divindades de matriz africana que compartilham características ou simbolismos semelhantes. São Sebastião, reverenciado como um santo na tradição católica, e Oxóssi, um orixá presente nas religiões afro-brasileiras, compartilham certas semelhanças simbólicas, mesmo que provenham de origens religiosas distintas.

Ambos são associados ao arquétipo do caçador e são invocados como protetores dos que buscam ajuda em questões de saúde. São Sebastião, conhecido por sua força e resistência diante da perseguição, assim como Oxóssi, o guardião das florestas, poderoso caçador, também personificam conexões com a natureza e a busca espiritual (Meinberg, 2023).

A conexão entre São Sebastião e Oxóssi reside na sua natureza guerreira e protetora. Tanto o santo católico quanto o orixá Oxóssi são figuras ligadas à cura e à proteção. Eles assumem o papel de guardiões das lavouras e dos alimentos, simbolizando a importância da fertilidade e da abundância na vida das pessoas. Essa semelhança em seus papéis ressalta a diversidade de perspectivas espirituais que podem se manifestar de maneiras distintas dentro de diferentes tradições religiosas (Gervazoni, 2023).

Apesar dessa relação, em Poço Verde acontece apenas a celebração católica. Atualmente, não há presença ativa de terreiros na cidade. De acordo com Denisson Curvelo (2022), os registros concretos de práticas de candomblé remontam ao início dos anos 1970. Frequentadores relatam que neste local eram realizados rituais que incluíam danças com atabaques, oferendas aos orixás, incorporação de espíritos de caboclos, além de cânticos e orações. Curiosamente, o salão exibia quadros de santos católicos, evidenciando uma fusão de influências religiosas. Porém, esse terreiro existiu durante poucos anos, sendo desativado com a venda do imóvel-sede. De maneira semelhante, registros organizados da prática da umbanda datam do final dos anos 1980. Contudo, suas atividades foram encerradas na década seguinte, nos anos 1990 (Curvelo, 2022).

Essa ausência pode ser atribuída, em parte, à influência predominante da Igreja Católica na região, que detém mais de 90% de adeptos. A forte presença católica pode ter contribuído para a diminuição e eventual desaparecimento desses terreiros, refletindo as dinâmicas complexas entre diferentes práticas religiosas na comunidade de Poço Verde.

Como falado anteriormente, o impacto da devoção a São Sebastião foi tão significativo em Poço Verde que a igreja dedicada a ele tornou-se o maior e principal templo religioso do distrito. Porém, quando construída em 1930, a devoção à São Sebastião tinha o intuito de substituir a devoção à Santa Cruz, já que sua capela se localizava dentro de um cemitério e, para o padre Basílcio Raposo, este local era impróprio.

No entanto, o novenário à Santa Cruz já havia se estabelecido como uma tradição na área e sua possível interrupção era vista com resistência pelos fiéis. Consciente disso, o padre sugeriu a construção de uma capela fora do cemitério, para que as celebrações em honra à Santa Cruz pudessem ser transferidas para lá. Portanto, por volta da década de 1940, seguindo a sugestão do padre, os moradores juntaram recursos e ergueram uma capela fora do cemitério, onde a imagem da padroeira e as celebrações do novenário foram transferidas (Curvelo, 2022). Atualmente, a capela encontra-se dessa forma:

Figura 5 - Aqui nasceu Poço Verde



Fonte: acervo da autora (2023).

A figura 4 mostra a atual Igreja dedicada à Santa Cruz, tendo ao seu lado direito o Cemitério Santa Cruz. A sua frente, encontram-se escritos os dizeres: “Aqui nasceu Poço Verde”, simbolizando o início da história da cidade.

Em todo ano, após nove noites de novenas, ocorre a procissão no dia 03 de maio em homenagem à Santa Cruz, onde os fiéis devotos cantam com afinco o hino:

Bendita e louvada seja
 No céu a divina luz
 E nós também cá na terra
 Louvemos à santa cruz
 E nós também cá na terra
 Louvemos à santa cruz

Os céus cantam a vitória
 De nosso Senhor Jesus
 Cantemos também na terra
 Louvores à santa cruz
 Cantemos também na terra
 Louvores à santa cruz (...)
 (Bendita..., 2020)

Sua partitura encontra-se abaixo:

Figura 6 - Partitura da música Bendita e Louvada Seja

Mi do#
 I. Ben- di- ta e lou- va- da se- ja no
 fa# Si7 Mi La Si7
 céu a di- vi- na luz. E nós também
 Mi fa# Si7
 cá na ter- ra, lou- ve- mos a San- ta
 1 Mi 2 Mi
 Cruz! E Cruz!

Fonte: Cantos Piedosos (2016)

Além da festa religiosa na sede do município, acontece outra comemoração em um dos povoados poço-verdenses. No dia 03 de maio acontece a Festa da Santa Cruz da Serra Grande em Poço Verde, no povoado Saco do Camisa, também conhecido como Ventoso. Durante todo o dia dezenas de devotos sobem a serra em direção à capela. Muitas pessoas fazem promessas e sobem até mesmo descalças. Dentro da capela os fiéis acendem suas velas em agradecimento à Santa Cruz pelas graças alcançadas. Essa comemoração foi considerada patrimônio cultural de Sergipe através do Projeto de Lei (PL) de nº 268 (Macêdo, 2020).

Nas décadas seguintes, o distrito Poço Verde continuou a se desenvolver, obtendo grande poder econômico e forte eleitorado. Até que, no dia 25 de novembro de 1953, foi promulgada a Lei Estadual 525-A, onde o município de Poço Verde-SE adquiriu emancipação política, desmembrando-se de Tobias Barreto. Poço Verde traçava uma nova etapa de sua história, tendo como primeiro prefeito João Manoel de Oliveira, conhecido como “Juca Caria” (Curvelo, 2022).

Na análise da história de Poço Verde, emergem simbologias intrínsecas ao seu percurso histórico. A denominação "Poço Verde" encontra sua origem em um poço que, mesmo em períodos de estiagem, mantinha-se verde. Essa peculiaridade oferece espaço para uma interpretação simbólica, notadamente associada ao elemento água.

A água é reconhecida como a fonte primordial da vida, representando tanto a origem vital quanto a regeneração tanto do corpo quanto do espírito. Além disso, a

água é um símbolo de fertilidade, pureza, sabedoria e virtude, encapsulando uma série de significados que transcendem as fronteiras culturais e religiosas (Eliade, 1996).

Na Bíblia, por exemplo, os poços, fontes e rios são considerados agentes de fertilização divina, carregando consigo a capacidade de promover a abundância e refletir a benevolência divina. Esses locais são tidos como sagrados e frequentemente associados ao surgimento do amor e ao início de casamentos (Ribeiro, 2009).

Podemos relacionar essa definição com o surgimento da cidade de Poço Verde. Um poço que nunca seca em uma comunidade pode ser interpretado como um presente divino, trazendo consigo a promessa de recursos abundantes e a sustentação da vida. A presença contínua de água e plantas ao redor do poço podem ser simbolizadas como uma proteção e a bênção divina sobre a cidade.

Contudo, o poço não é o único elemento de significado a ser considerado. Outro fato simbólico de relevância é que a primeira edificação no território foi um cemitério, abrigando em seu interior uma capela. A presença de um cemitério pode ser um lembrete constante da história da área e das pessoas que viveram ali antes. A cidade que se ergue sobre esse local pode incorporar elementos de respeito e reconhecimento pelas gerações passadas, honrando as histórias e memórias que o cemitério carrega.

Ao refletirmos sobre esses elementos, relacionamos como as filosofias afrorreferenciadas ressoam com a ideia de que a vida, as relações e os ritmos naturais, incluindo os ciclos da vida e da morte, são fontes de ensinamentos valiosos e divinos. Eles nos lembram que cada aspecto da existência é como um livro aberto e uma escola sagrada que pode nos guiar em direção a uma vida plena e significativa. Essa abordagem nos convida a reconectar com memórias e saberes ancestrais, honrando as marcas do tempo que carregamos em nossos corpos como testemunhos de nossa jornada (Machado, Oliveira, 2022).

Geograficamente falando, o município de Poço Verde está situado no estado de Sergipe, em sua região centro sul, e encontra-se a 145 km de distância da capital, Aracaju. Abrangendo uma área territorial de 441,326 km² e com uma população estimada de 21.794 habitantes (IBGE, 2022).

É a última cidade do extremo sudoeste de Sergipe, fazendo divisa com a Bahia. A região está delimitada ao norte pelos municípios de Paripiranga e Adustina,

ambos situados no estado da Bahia. Ao oeste, limita-se com Fátima, Heliópolis e Ribeira do Amparo, também localizados na Bahia. Ao leste, faz fronteira com o município sergipano de Simão Dias, enquanto ao sul, sua fronteira é com o município Tobias Barreto (Santos, 2021).

Figura 7 - Mapa do estado de Sergipe, destacando o município de Poço Verde



Fonte: Almeida, et al (2022)

Estando localizado no semiárido sergipano, Poço Verde está inserido no polígono das secas, possuindo temperaturas elevadas durante o dia, que se tornam mais amenas à noite. Apresenta precipitações irregulares, sujeito a longos períodos de estiagem durante o ano (Santos, 2014).

Sua vegetação é constituída pelo bioma caatinga, caracterizado por arbustos e plantas herbáceas, acompanhados por árvores de porte reduzido, incluindo cactos,

xiquexique, mandacaru, macambira e outras espécies como jurema, pau-ferro, algaroba, umbuzeiro, pau de rato, entre outras (Prefeitura, 2015).

A principal base econômica da região é a agricultura, com foco no cultivo de milho e feijão. Poço Verde é o maior produtor de feijão em Sergipe, contribuindo com 28,9% da produção total do estado, e o 4º maior produtor de milho. Além disso, a pecuária é uma atividade relevante na região, com a criação de bovinos, caprinos e ovinos (IBGE, 2020).

Segundo levantamento do IBGE (2010)² revela que a predominância da fé Católica Apostólica Romana é notável entre os habitantes de Poço Verde, contando com uma significativa maioria de aproximadamente 19.617 pessoas. Em contraste, as práticas evangélicas possuem uma presença menor, com 1.125 adeptos, enquanto as filiações ao Espiritismo alcançam 34 pessoas. As tradições afro-brasileiras, representadas por Umbanda e Candomblé, registram uma presença ainda mais modesta, com apenas 16 seguidores. Além disso, destaca-se que mais de mil indivíduos optam por se declarar sem filiação religiosa, o contingente de pessoas que não se alinham a uma prática religiosa específica. Embora haja censos mais recentes disponíveis, o censo de 2010 foi o único que abordou detalhadamente a quantidade de praticantes de cada religião. O expressivo número de adeptos ao catolicismo sugere uma significativa influência cultural e social da tradição católica na cidade. Esse cenário pode impactar diversos aspectos da vida cotidiana, desde as práticas religiosas até as festividades, rituais e valores compartilhados pela comunidade.

Discorrendo sobre os aspectos culturais, as celebrações em honra às divindades católicas sempre fizeram parte do calendário junino poço-verdense, época em que se comemora as festas dos santos católicos Santo Antônio, São João e São Pedro. Conforme os santos católicos,

as fogueiras são queimadas tradicionalmente de acordo com a composição de cada família. Assim, se esta tiver algum Antônio, queima-se a fogueira no dia 13; se tiver algum João, no dia 24; no caso de Pedro, no dia 29; e se a família não tiver nenhum integrante com nome de algum dos santos homenageados, queima-se a fogueira no dia 23, na véspera do dia de São João, mas, se o patriarca ou matriarca da família for viúvo ou viúva, no dia 28, na véspera do dia de São Pedro. Acesas ao anoitecer em frente às casas, elas produzem uma espécie de confraternização entre as famílias, que reunidas nas calçadas, saboreiam comidas típicas e se divertem soltando fogos de artifício (Curvelo, 2022, p. 197).

Práticas como a queima de fogueiras, a decoração de espaços com bandeirinhas, o lançamento de fogos de artifício, a dança de quadrilhas e a degustação de comidas típicas são frequentes durante as festividades, simbolizando a gratidão aos santos pelas boas colheitas na agricultura (Curvelo, 2022). A seguir, a imagem da apresentação de uma quadrilha:

Figura 8 - Quadrilha poçoeverdense



Fonte: Leal (2015)

A quadrilha é uma dança tradicional brasileira, especialmente popular nas festas juninas. Ela é caracterizada por um grupo de pessoas organizadas em pares que executam passos coreografados ao som de músicas típicas juninas. As festas juninas, que celebram santos populares como Santo Antônio, São João e São Pedro, são ocasiões em que as quadrilhas são apresentadas, tornando-se uma tradição cultural durante esses eventos (Santos, 2017).

Em algumas ruas da cidade, os vizinhos se organizam para decorar a rua, preparar banquetes e organizam apresentações culturais, dando origem ao chamado São João de Rua. Na praça de eventos, as apresentações de quadrilhas, concursos de Rainha do Milho, casamentos caipiras e bandas de forró são tradições que atraem foliões de toda a região (Curvelo, 2022). Além disso,

em alguns pontos da cidade, também é possível ver exibições de reisado durante os festejos do mês de junho. Manifestação folclórica trazida por moradores de arredores baianos no final do século XX, o reisado tornou-se uma tradição em Poço Verde (Curvelo, 2022, p. 199).

Outra manifestação cultural encontrada na cidade Poço Verde-SE são os grupos de pífano. Representando uma de suas manifestações mais antigas, identificadas desde a década de 60, no povoado Amargosa (Curvelo, 2022).

Uma banda de pífanos é um grupo musical composto por músicos populares, em sua maioria autodidatas e artesãos de seus próprios instrumentos e composições. Elas apresentam-se com duas flautas, conhecidas como pífanos ou gaitas, além de instrumentos de percussão como caixa, zabumba, surdo e pratos. Esse tipo de banda é tradicional em algumas regiões do Brasil, especialmente no Nordeste, e tem raízes na cultura popular. As músicas executadas pelas bandas de pífanos são muitas vezes associadas a festas populares, celebrações religiosas e outras manifestações culturais locais (Menegatti, 2012).

As apresentações são tipicamente realizadas durante os novenários de São Sebastião e da Santa Cruz, contudo, é frequente que grupos se apresentem em novenas na zona rural e em outras ocasiões pela região (Curvelo, 2022).

Figura 9 - Banda de Pífano poço-verdense



FONTE: Curvelo, 2022, p. 202.

Após explorar a rica expressão musical das bandas de pífanos, voltaremos nossa atenção para outra manifestação cultural significativa na região: a tecelagem. Na década de 1960, a técnica de tecelagem em tear de pedais foi introduzida em Poço Verde por Maria de Filhinha de Jesus, também conhecida como "Dona Fiinha". Ela se mudou para a região de Amargosa junto com sua família, trazendo consigo um pequeno tear, que passou a utilizar para produzir peças que vendia em feiras livres locais (Curvelo, 2022).

A partir desse momento, várias reuniões e pesquisas foram realizadas, sempre com o apoio da Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe - Emdagro. Com a ajuda do Projeto de Apoio às Famílias de Baixa Renda da Região Semiárida de Sergipe - Pró-Sertão, da Secretaria de Estado da Agricultura, do Abastecimento e da Irrigação, a construção do primeiro galpão de trabalho tornou-se uma realidade no terreno doado por Dona Fiinha, ao lado de sua casa. Esse empreendimento envolveu um grupo de dez mulheres que, após se formarem para propor o projeto, trabalharam arduamente para torná-lo uma realidade (Zacchi, 2011).

Em 2001, a Associação de Cultura Artesanal de Poço Verde foi fundada, expandindo-se para novos núcleos nos povoados de Malhadinha, Rio Real e Nossa Senhora das Lajes. Os primeiros teares foram construídos pelo próprio grupo, enquanto dona Fiinha supervisionava de perto a montagem dos liços e pentes. A prática da tecelagem, juntamente com outras parcerias já consolidadas, passou a integrar o Programa Artesanato Solidário - ArteSol, que estava investindo em novas frentes (Zacchi, 2011). E assim o projeto começou a se desenvolver:

o Programa adquiriu o maquinário, realizou nova ampliação no galpão de trabalho, conseguiu o apoio para a instalação hidráulica do prédio e investiu nas capacitações necessárias. Há dados que apontam que a Associação de Cultura Artesanal de Poço Verde chegou a envolver 180 famílias economicamente beneficiadas pela atividade (Zacchi, 2011, p. 36).

Através da aquisição de aprendizado e experiência ao longo do tempo, os grupos familiares envolvidos criam belos produtos que são vendidos no mercado e que enchem de orgulho a comunidade. Isso faz com que a arte de tecer se torne um patrimônio do município (Curvelo, 2022).

Figura 10 - A arte da tecelagem



Fonte: Zacchi, 2011.

Cabe destacar também a atuação da Filarmônica nesse município. Desde sua fundação em 25 de maio de 2000, a Associação Musical Filarmônica Lira Santa Cruz tem desempenhado um trabalho de grande importância em Poço Verde-SE, promovendo o desenvolvimento e a disseminação da arte musical, bem como do ensino da música no município. É liderada pelo maestro João Marcos Rosário e composta por estudantes das escolas da rede municipal e estadual. Através da oferta gratuita de aulas, jovens e adultos têm a oportunidade de aprender a tocar instrumentos musicais e, posteriormente, são selecionados para integrar a orquestra da instituição (Macêdo, 2021; Curvelo, 2022).

A Filarmônica Lira Santa Cruz participa de diversos eventos realizados no município, como a comemoração da Emancipação Política, Independência do Brasil, festas religiosas, desfiles, atos cívicos, encontros de bandas filarmônicas, dentre outros (Macêdo, 2021). Através de sua importante atuação, foi considerada patrimônio cultural imaterial de Sergipe por meio da Lei 8.938, de 14 de dezembro de 2021 (Curvelo, 2022).

Figura 11 - Filarmônica Lira Santa Cruz



Fonte: Curvelo, 2022, p. 271.

Ao abordar os diversos elementos que compõem a cidade de Poço Verde, exploramos seus aspectos históricos, geográficos, religiosos e culturais. Neste mergulho, não apenas desvendamos as camadas do passado que moldaram seu presente, mas também nos conectamos as tradições vivas que ecoam nas práticas religiosas e nos eventos culturais. Cultura e história entrelaçam-se, refletindo a riqueza e a diversidade que tornam esta cidade única.

1.2 Memória e história oral: o povo como potência cultural

Não existirá um porvir verdadeiro para humanidade e não existirá um verdadeiro progresso, se o futuro não tiver um 'coração antigo', isto é, se o futuro não se basear na memória do passado (Distante, 1998, p. 84).

Figura 12 - Representações da fé



Fonte: acervo da autora (2023).

A sociedade contemporânea frequentemente nos transmite a ideia de que o conhecimento reside nos volumes impressos, nos artigos especializados e nas produções acadêmicas em geral, particularmente aquelas caracterizadas por uma metodologia científica rigorosa e, desse modo, reconhecidas como expressões de uma verdade universal.

Somos encorajados a explorar a cultura de nações estrangeiras, a apreciar músicas internacionais e a adquirir fluência na língua inglesa, considerada como idioma global. Contudo, surge a indagação: e quanto à nossa cultura? E acerca dos costumes e práticas presentes nas menores localidades brasileiras? E quanto ao conhecimento que subsiste nas expressões, na oralidade e nas vivências dos diversos sábios e sábias que residem nos recônditos mais distantes deste vasto Brasil?

O recorte deste trabalho trata do povo que, dotado de grandes conhecimentos acerca de rezas e plantas, resiste em todos os cantos à pressão incessante de nos medicalizar e nos distanciar do natural. Conforme destaca Ivanir dos Santos (2023), há uma distinção entre sabedoria e instrução, a sabedoria vai além da simples

aquisição de conhecimento formal. Ao mencionar a diferença entre a sabedoria representada por uma senhora julgada analfabeta, mas dotada de um "saber brilhante", o orador critica a hierarquia imposta pelo iluminismo, que valoriza a instrução formal e acadêmica como medida de conhecimento. Na tradição africana, especialmente na cultura yorubá, o respeito pelos mais velhos está vinculado à valorização da experiência de vida e à sabedoria acumulada ao longo dos anos (Santos, 2023).

O principal meio de repasse dos conhecimentos acerca do benzimento é através da oralidade. Dessa forma, ouvir as narrações de velhos curandeiros contribui para a valorização da identidade sociocultural da nossa região.

É imprescindível preservar a memória para fortalecer o sentimento de pertencimento de uma cultura e identidade de um povo, uma vez que tais conhecimentos são de valor inestimável. Além disso, a preservação da memória é crucial para disseminar essa cultura e contribui para a valorização social de práticas populares.

Quando consideramos os rezadores e rezadeiras, indivíduos que possuem um conhecimento tradicional transmitido de geração em geração, é importante destacar os fatores que os identificam como tal, incluindo elementos culturais. Entre esses elementos, as memórias desses praticantes são particularmente relevantes, pois estão diretamente relacionadas à sua história de lutas, sofrimentos e resistência. Essas memórias têm como objetivo tornar visível a cultura da qual fazem parte, não apenas pelo reconhecimento formal, mas também pelo reconhecimento social (Oliveira, Padilha, 2011).

Existem vários conceitos relacionados à memória. Segundo Borelli (1992), a memória tem o poder de trazer o passado para o presente, por meio de depoimentos orais, permitindo a reconstrução e a compreensão da história humana. Nesse sentido, a busca pela experiência perdida, ao mergulhar no passado, pode gerar a emergência de algo novo.

Marilena Chauí (1995) afirma que a memória consiste na evocação do passado, sendo uma capacidade humana de reter e preservar o tempo que já se foi, resgatando-o da possibilidade de ser completamente perdido.

De acordo com Halbwachs (1990), toda lembrança não é única, mas está interligada a um contexto social mais amplo. Portanto, a formação da memória de uma pessoa é uma combinação das memórias dos diferentes grupos que ela integra

e que a influenciam, como a família, a escola, o grupo de amigos e o ambiente de trabalho. Esse autor complementa:

diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar muda segundo as relações que mantenho com os outros meios (Halbwachs, 1990, p. 51).

Dessa forma, a memória é essencial para a preservação da identidade de um povo, já que todas as lembranças, ainda que individuais, são formadas no âmbito de um grupo. Ela é uma ferramenta poderosa para a compreensão e valorização da diversidade cultural e para a construção de uma sociedade mais inclusiva e consciente da sua herança cultural. Para isso, é essencial para uma comunidade que seus membros conheçam a história local - com suas características, costumes e cultura - a fim de fomentar um sentimento de continuidade (Rech, 2016). Como a memória está diretamente relacionada a construção e preservação da identidade de um povo, ela pode ser utilizada como fonte de estudos, conforme nos explica Pinsky (2008):

a memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e seleção do que é importante para o sentimento da unidade, de continuidade e de coerência – isto é, de identidade. E porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias de pessoas ou grupos, passível de ser estudadas por meio de entrevistas de História oral. As disputas em torno das memórias que prevalecerão em um grupo, uma comunidade, ou até em uma nação, são importantes para se compreender este mesmo grupo, ou a sociedade como um todo (Pinsky, 2008, p. 167).

Portanto, apesar de ser uma lembrança individual, as histórias contadas pelos velhos possuem base na memória coletiva de uma comunidade (Bosi, 1994). É uma função importante porque:

há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente de seu grupo: nesse momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade (Bosi, 1994, p. 63).

O termo “velhos” é utilizado neste trabalho com base no conceito de Eclea Bosi. Esse termo, apesar de frequentemente ser associado de forma pejorativa a um período de declínio e incapacidade, pode ser interpretado de forma positiva, representando a sabedoria e o conhecimento acumulado ao longo da vida. Para ela,

a idade cronológica não é o único fator determinante para se definir uma pessoa como "velha", mas sim as experiências de vida, a sabedoria e a memória que cada indivíduo acumula ao longo do tempo. Ela apresenta o conceito de velhos como uma categoria social que detém uma memória coletiva que é transmitida através de suas histórias de vida e narrativas sobre o passado (Bosi, 1994).

Segundo Bosi, não há necessidade de nenhum documento que possa servir de base para confrontar os fatos relatados e analisar possíveis distorções e lacunas. O interesse está centrado no que é lembrado e o que é selecionado para ser preservado na narrativa de vida do entrevistado. Não há uma preocupação com a veracidade do relato, já que os erros e lapsos do narrador são menos graves em suas consequências do que as omissões da história oficial (Bosi, 1994). Nesse sentido,

[...] os depoimentos orais vêm a ser nosso instrumento mais justo (por justiça e por justeza), não apenas pelo que trazem como testemunhos de experiências vivenciadas ou transmitidas, como também pelo que podem oferecer de desprendimento e autenticidade na expressão de nossos narradores. Vozes periféricas portadoras de outros valores e saberes sobrevividos ao largo do discurso centralizador. Ondas excêntricas fazendo circular, pela transmissão da palavra, nossa fortuna cultural. Palavras pródigas, prodigiosas, pronunciadas por quem provou a vida como o pulsar de adversidades e superações, e degustou-a pelos tempos afora; por quem soube, com temperança, amadurecer histórias em convivência amorável com o tempo. Memória (Nascimento, 2006, p. 9).

Diante da riqueza de experiências e saberes presentes nas vozes periféricas, as quais constituem o cerne de nosso estudo, a citação ressalta a importância dos depoimentos orais como instrumentos fundamentais. Essas vozes, autênticas e desprendidas, oferecem testemunhos valiosos de vivências, transmitindo não apenas histórias individuais, mas também valores e saberes que resistem às margens do discurso centralizador.

A memória e a história oral representam abordagens fundamentais para a compreensão e preservação das experiências humanas ao longo do tempo. Enquanto a memória reflete a maneira como indivíduos e comunidades recordam, interpretam e narram eventos passados, a história oral é uma metodologia que se utiliza das narrativas pessoais para capturar histórias individuais e coletivas que muitas vezes não são documentadas em fontes escritas convencionais.

A história oral é uma maneira de buscar relatos sobre experiências passadas e presentes de pessoas significativas em uma determinada localidade e/ou comunidade. Dessa forma, compreende-se que a entrevista oferece ao pesquisador a chance de conhecer, ouvir e se relacionar com pessoas de diversas classes sociais, além de envolver-se com as histórias que elas compartilham. As entrevistas de história oral são uma ferramenta importante para explorar aspectos da experiência histórica que são frequentemente deixados de lado em documentos escritos, como as relações interpessoais, a vida cotidiana e as atividades de grupos clandestinos. Além disso, elas permitem o acesso a uma rica evidência sobre os significados subjetivos e pessoais de eventos passados, que muitas vezes não são capturados em outras fontes históricas (Thompson, 1992).

De acordo com Freitas (2006), a história oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana. Estuda os acontecimentos históricos, grupos, instituições, movimentos, entre outros, através de narrativas de pessoas que deles participaram ou assistiram, aproximando-se do objeto de estudo (Alberti, 2004). Possui caráter multidisciplinar, podendo ser utilizada por diversas áreas como História, Antropologia, Psicologia, Sociologia, entre outras (Alberti, 2004; Freitas, 2006).

Segundo Delgado (2003), a história oral produz narrativas como fontes de saber, incluindo as lembranças, observações, silêncios e emoções, constituindo uma visão singular da vida.

Esse método permite um registro alternativo da história, que foi realizada exclusivamente com fontes escritas e dando voz aos grandes homens. A história oral dá voz aos esquecidos da história, possibilitando novas versões mais democráticas (Freitas, 2006). Essas abordagens são especialmente cruciais para preservar a memória de grupos minoritários, tradições culturais e eventos históricos não registrados oficialmente. Ao recuperar a história dos excluídos, constitui um instrumento de construção de identidade e transformação social (Ferreira, 2002). Portanto, é:

uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os

menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época (Thompson, 1992, p. 44).

Apesar de sua singularidade, alguns historiadores tradicionais descredibilizam a história oral por serem fontes subjetivas e passíveis a falhas e fantasias. Porém, a subjetividade está intrínseca em qualquer fonte histórica, sendo escrita, visual ou oral (Freitas, 2006). As críticas quanto à subjetividade, distorções e falta de veracidade dos depoimentos, não desqualificam a história oral, mas tornam-se um recurso adicional para a pesquisa (Ferreira, 2002). Já que as narrativas carregam consigo uma capacidade única de dar vida às memórias:

narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras os registros da memória e da consciência da memória no tempo. São importantes como estilos de transmissão, de geração para geração, das experiências mais simples da vida cotidiana e dos grandes eventos que marcaram a História da humanidade. São suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo (Delgado, 2010, p. 43).

Assim, a história oral não apenas contribui para a construção ou reconstrução de identidades, mas também se empenha em dar voz à multiplicidade de perspectivas que compõem a vida coletiva. A abordagem da história oral possui uma característica notável: a sua natureza heterogênea e intrinsecamente dinâmica na captação do passado, através da visão de diversos narradores. Essa metodologia envolve uma tarefa complexa de produção de registros, que simultaneamente lida com intersubjetividades e busca estabelecer fundamentos históricos sólidos (Delgado, 2010)

Existem três tipos de história oral: (1) Tradição oral, utilizada em sociedades que preservam a sabedoria dos ancestrais através da transmissão verbal de geração para geração, possuindo um caráter mais coletivo; (2) História de vida, tendo um caráter autobiográfico sem a utilização da escrita, abarca toda a existência do entrevistado, desde a sua infância até o momento da entrevista; e (3) História oral temática, não abrange necessariamente toda a vida do entrevistado, mas sim sua relação com determinado tema específico. Dessa forma, na história oral temática,

podem ser entrevistadas várias pessoas para fazer uma comparação, evidenciando memórias coletivas (Freitas, 2006).

Embora este estudo adote uma abordagem decolonial, foi essencial recorrer a autores de origem eurocêntrica para estabelecer a definição de história oral. Optamos por incorporar autores com perspectivas diversas a fim de enriquecer o debate e ampliar as análises propostas neste estudo.

Nesse contexto, a memória e a história oral são poderosas ferramentas para manter viva a riqueza da experiência humana, permitindo que as gerações presentes e futuras se conectem com as narrativas individuais e coletivas que moldaram e continuam a moldar nossa sociedade.

1.3 Rezadeiras e rezadores: história, memória e cultura

O ato de benzer está presente em diversas situações do nosso cotidiano, como a bênção que os netos pedem aos avós, que a madrinha dá aos afilhados, ou que o padre dá aos fiéis (Oliveira, 1985). Mas, afinal, o que é benzer?

De acordo com Menezes (2020), benzer é livrar do mal e exige muita fé, tanto do benzedor quanto do benzido.

Benzimento, benzeção e benzedura são considerados sinônimos e definidos como “ato ou efeito de benzer”. Já o agente que pratica o benzimento é denominado benzedor/benzedeira ou rezador/rezadeira. No Dicionário do Folclore Brasileiro, Cascudo (2000) conceitua rezador como:

indivíduo com poder de proteger as pessoas contra as doenças e outros males pela reza. Usa água benta, galinhos de certas plantas, acende velas enquanto vai rezando, às vezes com expressões ou versos incompreensíveis. Muitas vezes, o rezador é benzedor e curandeiro, recomendando o uso de beberagem, emplastos, purgantes e chás (Cascudo, 2000, p. 588).

Os benzedores e benzedeiros são pessoas simples e crédulas, que deixam de lado sua comodidade para ajudar o próximo, aplicando forças benéficas em outro ser (MENEZES, 2020; SUSSOL, 2020). Leite e Archanjo (2008) complementam que:

as benzedeiros encaram seu ofício como um serviço assumido por tradição, por acreditarem no bem que fazem aos outros [...]. Não cobram pelos serviços prestados, mas muitos dos que procuram seus serviços costumam levar presentes como forma de agradecimento (Leite; Archanjo, 2008, p. 18-19).

Segundo Sussol (2020), em geral, existem três tipos de benzimentos: (1) orações que narram uma lenda; (2) apenas um arranjo de palavras, muitas vezes sem nexos; e (3) palavras que rimam entre si. Podem trazer invocações de Deus, Jesus Cristo, Virgem Maria ou santos.

O ofício de rezadores e benzedeiros é muito antigo e faz parte da história de populações tradicionais, sendo importantes figuras da cultura popular. Essas figuras desempenham papéis cruciais ao longo do tempo, transmitindo conhecimentos, crenças e práticas que são passados de geração em geração. Sua atuação vai além do aspecto religioso, abrangendo a espiritualidade e a medicina popular. Ao desempenhar suas funções, os rezadores e benzedeiros contribuem para a preservação de um rico patrimônio cultural, revelando a profundidade das práticas e saberes enraizados nas comunidades que atuam (Coutinho, 2018).

O termo 'culturas populares' vem sendo discutido ao longo do tempo e ainda não tem unanimidade de conceituação entre os pesquisadores, já que sofre alterações de acordo com momentos históricos. O conceito aqui utilizado será o de José Carvalho (2010) que classifica as culturas populares como um conjunto diverso de formas culturais que foram criadas e preservadas pelas comunidades do país, como danças, artesanato, ciências da saúde, poesia, histórias, rituais e tradições espirituais.

De acordo com o autor, o meio de expressão e transmissão desses conhecimentos se dá principalmente por meio da oralidade, sendo um importante instrumento de preservação dos conhecimentos e experiências tradicionais em meio à intensa pressão da homogeneização da cultura (Carvalho, 2010).

Para Brandão (2009), a cultura não se expressa unicamente de uma forma materializada, mas também está principalmente presente no compartilhamento de símbolos daquilo que vivemos, sentimos, dialogamos e partilhamos. Estando a cultura presente nos atos, nos gestos, nos feitos, mitos, palavras, crenças, valores e significados.

Até meados do século XVII, a nobreza participava das crenças religiosas das classes subordinadas e não havia uma divisão clara do que era cultura popular e o que cultura de elite. Mas, aos poucos, esse distanciamento vai ocorrendo em virtude de motivos políticos. A centralização do Estado e a definição das doutrinas por parte da Igreja são alguns desses fatores (Catenacci, 2001).

A partir de então, ocorreu a valorização da cultura ocidental moderna em detrimento da cultura popular tradicional (Catenacci, 2001). Porém, ao invés de enxergá-las como antagônicas. Chauí (1986) afirma que é preciso olhar para a cultura popular como algo que se realiza no interior da cultura dominante, buscando formas de resistir a ela.

Para se pensar o papel que essas importantes figuras da cultura popular desempenham atualmente, é preciso considerar toda a história de construção da modernidade que se constituiu a partir do colonialismo, tendo a Europa como modelo universal, e compreender como isso foi devastador e violento para as outras culturas. Para Ailton Krenak (2019), a colonização vem da ideia de que existe uma humanidade esclarecida, os brancos europeus, que precisam encontrar a humanidade obscurecida e a trazer para a luz, como se existisse um único modo de ser, pensar e agir.

De acordo com Pedro Abib (2019) a colonização não foi um processo único e passado, vai além de uma imposição política. A colonização permanece até os dias atuais, mesmo com a emancipação das colônias, surgindo na forma de colonialidade. Através da colonialidade, o pensamento dos colonizadores consegue adentrar a mentalidade dos colonizados, fazendo com que aspectos culturais como símbolos, crenças, espiritualidade e costumes, sejam invisibilizados e subalternizados (Abib, 2019).

Sendo assim, o saber europeu é considerado como único e universal na construção de conhecimentos, deixando de lado os saberes de povos não ocidentais. As tradições dos povos indígenas e africanos foram silenciadas em detrimento da cultura ocidental e de comportamentos e crenças provenientes do cristianismo (Carvalho, 2010). Com isso, compreende-se a importância do pensamento decolonial através de uma educação emancipadora, que dialogue com os saberes dos povos silenciados, reconhecendo sua ancestralidade, seus rituais, formas de expressão como cantos e danças, crenças espirituais, e demais aspectos da vida (Abib, 2019).

A prática de benzedura é um fenômeno cultural que resistiu a todas as fases da história do Brasil, continuando a existir até os dias atuais, mesmo com os avanços da ciência médica. Sua persistência não pode ser atribuída apenas à falta de atendimento médico, pois a maioria das pequenas cidades e comunidades no interior do Brasil tem acesso aos cuidados médicos convencionais. Isso sugere a

necessidade de adotar uma visão mais ampla, relacionada ao contexto cultural, ao estudar a prática de benzeção nos tempos contemporâneos (Lima, 2020).

Dentro do contexto dos processos culturais discutidos, observa-se que as benzedeadas e os símbolos de cura, bênçãos, banhos e rituais a elas associados atraem aqueles que culturalmente reconhecem seu valor e têm fé em suas práticas (Azevedo, Lemos, 2018).

No próximo capítulo, exploraremos o início do benzimento no Brasil e sua relação intrínseca com a espiritualidade e a medicina popular. Analisaremos como essas práticas foram introduzidas no contexto brasileiro, examinando as influências culturais, históricas e sociais que moldaram o desenvolvimento do benzimento ao longo do tempo. Além disso, examinaremos a interseção entre o benzimento, a espiritualidade e a medicina, destacando como essas dimensões se entrelaçam nas práticas tradicionais de rezadeiras e rezadores em território brasileiro.

CAPÍTULO II - CULTURA POPULAR: AS MEDICINAS E A ESPIRITUALIDADE NAS PRÁTICAS DE BENZIMENTO

2.1 A prática do benzimento no Brasil

Para compreender como se deu a formação da prática do benzimento no Brasil é preciso, primeiramente, percorrer e entender os conceitos saúde-doença que fizeram e fazem parte da história brasileira.

Ao longo da história brasileira, a concepção de saúde e doença passou por diversas transformações, sendo influenciada por fatores sociais, culturais e políticos. Durante o período colonial (1500-1822), as doenças eram consideradas castigos divinos e a prática de assistência à saúde era desempenhada pela Igreja, através de caridade e de rituais de exorcismo. Havia pouco acesso a tratamentos médicos e uma forte influência da religião (Hegenberg, 1998).

Durante os estágios iniciais da colonização, havia apenas alguns poucos médicos pioneiros disponíveis em todo o vasto território brasileiro, e as condições para o exercício da medicina eram desfavoráveis. Com isso, nossos ancestrais se acostumaram a buscar cuidados de saúde com outros provedores, incluindo as rezadeiras (Câmara, Fialho, 2021). Desse modo, é possível observarmos que

a ausência de profissionais formados nas academias, em diversas regiões do país, ao longo dos séculos XVIII e XIX, não poderia ser sentida como lacuna por parte da população ou como algo que deveria ser preenchido para o bem geral da comunidade. A população estava habituada a lidar com a inexistência deste profissional. Esta era a regra e essa experiência não era vivenciada necessariamente como falta por parte da população (figueiredo, 2005, p. 62)

Até as primeiras décadas do século XIX, todos os médicos formados disponíveis no país vinham da Europa. Foi somente com a criação das Escolas de Medicina de Salvador e do Rio de Janeiro que surgiu a possibilidade de formação de médicos no Brasil. Os profissionais com formação superior na área da saúde eram chamados de físicos (Stancik, 2009).

Além dos físicos, os jesuítas se juntaram ao tratamento de doenças quando se estabeleceram no Brasil a partir de 1549. Apesar de o principal objetivo da presença dos jesuítas no Brasil Colonial estar relacionado à disseminação da fé

católica, em especial à conversão dos povos indígenas, eles se orgulhavam por oferecer serviços médicos, boticários e de enfermagem para a população, mantendo registros de receitas e fórmulas medicinais, acumulados a partir de suas experiências nas terras brasileiras. Para além dos interesses da Igreja, os jesuítas eram excelentes observadores da fauna e da flora brasileira, identificando diversas espécies e cultivando aquelas com propriedades curativas. Eles estudavam o modo de ação dessas espécies para tratar os diversos males que afetavam a população colonial (Calainho, 2005).

Os jesuítas também mantinham importantes hospitais. E, além desses hospitais administrados, existiam as Santas Casas de Misericórdia, que gradualmente se espalharam pelo território brasileiro. As Santas Casas representavam uma iniciativa humanitária que visava prestar auxílio aos doentes, principalmente àqueles que eram mais necessitados, mantendo-se através de doações (Stancik, 2009).

Diante de uma realidade em que a presença do médico era rara, cara e, principalmente, pouco acreditada pela população, muitas vezes a melhor, se não a única, alternativa era lidar com os problemas de saúde cotidianos com os recursos disponíveis. Uma das alternativas era procurar agentes que estavam acostumados a fornecer esse tipo de assistência, que eram geralmente conhecidos como curandeiros e benzedores. Esses agentes eram muito apreciados e gozavam da confiança e simpatia da população, além de compartilhar uma visão de mundo, crenças e concepções do processo saúde-doença semelhantes (Stancik, 2009).

A escassez quase completa de cuidados médicos hospitalares durante esse período ampliou a busca pelas habilidades curativas de curandeiras e benzedoras. Por meio de suas preces e práticas adivinhatórias para afastar energias negativas, elas preenchiam o vazio deixado pela falta de médicos e cirurgiões (Lima, 2020).

Esses conhecimentos populares eram transmitidos de geração em geração, como ainda se pode observar nos dias atuais. Eles foram desenvolvidos a partir de uma complexa mistura de saberes e práticas indígenas, africanas e europeias, envolvendo o uso de plantas medicinais, benzeduras e invocações. Com esses conhecimentos, procurava-se lidar não apenas com problemas de saúde menores, mas também com problemas graves que afetavam a saúde da população (Santos, 2009).

A partir da chegada da família imperial portuguesa ao Brasil, em 1808, algumas transformações significativas começaram a ocorrer, ganhando ainda mais força no final da década de 1820. Nesse período, observou-se o desenvolvimento da química e da física; houve um crescente questionamento do papel da religião como parâmetro para a interpretação e compreensão do mundo; o sobrenatural, a ação de espíritos ou de Deus foram gradativamente perdendo espaço como explicações para as enfermidades; o hospital foi sendo ocupado pelos médicos, em detrimento do papel que antes era exercido pelos religiosos; muitos médicos passaram a acreditar que o conhecimento das doenças e a cura deveriam estar sob o domínio exclusivo das ciências naturais, utilizando métodos experimentais (Hegenberg, 1998).

Com a crescente importância dada ao conhecimento científico e à objetividade na medicina, a atenção dos médicos passou a estar mais focada na doença em si, muitas vezes em detrimento do indivíduo que a sofria. A doença era vista como algo externo ao paciente, a ser diagnosticado e tratado, e não como uma experiência pessoal e subjetiva que afetava sua vida como um todo (Figueiredo, 2005).

À medida que o Estado brasileiro se consolidava, líderes políticos, a elite e os intelectuais passaram a ter como objetivo a implantação de um modelo de "civilização" e "progresso" semelhante ao europeu. Houve uma busca por uma nova identidade nacional, e parte da intelectualidade, incluindo os médicos, sentiu a necessidade de eliminar os vestígios do período colonial considerados atrasados (Stancik, 2009).

A elite intelectual e médica brasileira do século XIX via a medicina e a higiene como instrumentos para a modernização do país e de sua população. Eles consideravam que a medicina e a higiene eram a chave para o progresso e o desenvolvimento social, e que era necessário abandonar os "velhos hábitos" e costumes populares que eram vistos como retrógrados e prejudiciais à saúde e ao desenvolvimento do país.

Nesse contexto, os médicos e higienistas assumiram um papel importante na definição das políticas públicas de saúde e higiene, na formação de uma nova elite intelectual e na criação de um discurso científico e racional que substituísse as antigas crenças populares e religiosas (Stancik, 2009). Portanto,

situar a cidade, lavar as ruas, contar os corpos, recolher nos lazaretos são medidas de contenção e atalho. Será preciso prevenir a epidemia mediante projetos de redefinição da infraestrutura urbana. Paralelamente, apresenta-se uma agenda política e sanitária para regulamentar a construção das casas, e nesse contexto a habitação coletiva ocupará em pouco tempo o núcleo excelente da insalubridade urbana (...) Mais do que defender a sociedade contra a extinção dos valores sistêmicos que naturalizam a escravidão sob um racismo de Estado, é preciso defende-la agora dos riscos implicados na existência desassistida da população produtiva (...) aos poucos as ruas e a circulação nas ruas serão investidas pelo dispositivo médico-higienista (Medeiros, 2021, p. 87).

Os médicos assumiram a responsabilidade de mapear os territórios entre as fronteiras permitidas e proibidas, traçando limites territoriais entre o saudável e o insalubre, o higiênico e o contaminado. Nesses discursos, a confluência envolvia a supressão de hábitos e costumes culturais considerados antiquados e prejudiciais à imagem do progresso, ao mesmo tempo em que promovia a adoção de práticas e comportamentos alinhados com os padrões estéticos dominantes (Buriti, 2011).

Pode-se traçar uma relação entre higiene, práticas policiais e o contexto colonial europeu nas Américas, bem como as formas de racialização que emergiram dessa experiência. A higiene, juntamente com suas práticas que se estendem às atividades policiais, não só herdaram, mas também estão inextricavelmente ligadas à dinâmica do projeto colonial europeu nas Américas, como nos explica Medeiros (2021):

(...) a Higiene e as práticas policiais que lhe são coextensivas são herdeiras e inseparáveis da realidade do projeto colonialista europeu na América, tal como das formas biopolíticas de racialização que conhecemos pela experiência de vida. (...) O problema colocado pela ordem colonial era o da raça enquanto o princípio de exercício de poder e mecanismo de adestramento das condutas. Racializar significou ora naturalizar a servidão, ora produzir uma margem de liberdade que fosse subsídio para que se incorporasse a universalidade dos valores da civilização europeia (Medeiros, 2021, p.188).

Foi a partir de então que

os médicos com outros profissionais da área de saúde (enfermeiros, farmacêuticos, dentre outros) demarcaram quem poderia exercer as profissões relacionadas com a arte de prevenir ou curar doenças. Com a regulamentação de tais conselhos, o Estado delegava poderes para que os mesmos combatessem o exercício ilegal da medicina em quaisquer de seus ramos (Santos, 2005, p. 159).

Os médicos, por meio das faculdades, da Sociedade de Medicina e de seus periódicos, empreenderam o trabalho de desqualificar as terapêuticas e terapeutas populares, cuja legitimidade era colocada em questão. No decorrer do século, tornou-se comum rotular de "charlatães" todos os terapeutas populares não legitimados pela academia (Stancik, 2009). Nesse sentido, é possível observar que

no Brasil, pela Lei de 13 de Outubro de 1832 e pelo artigo 25 do Regulamento da Junta de 29 de Setembro de 1851, não se podia exercer a medicina ou quaisquer dos seus ramos sem título conferido pelas nossas Escolas ou sem a habilitação de diplomas estrangeiros. O conteúdo das leis veio a ser reeditado e atualizado em outras leis e regulamentos ao longo de toda a segunda metade do XIX. Os "práticos" da cura - unificados sob o nome "charlatões" - serão multados e acusados de estelionato nos jornais, nos artigos de medicina e nas teses dos ilustrados em geral. De fato, os interessados na cruzada anticharlatanismo serão os médicos em disputa por mercado, as casas de saúde e faculdades de medicina disputando poder e verdade (Medeiros, 2021, p. 189-190).

Dessa maneira, médicos, intelectuais e outras autoridades empenharam-se em eliminar e descreditar os conhecimentos religiosos presentes em práticas sociais das classes populares. Essa ação foi reforçada por meio de legislações que buscavam impor diretrizes normativas, com o objetivo de construir uma nação saudável e moldada à imagem dos países europeus (Barros, 2022).

Em uma de suas crônicas, Machado de Assis escreveu que:

curandeiros, por exemplo. Há agora uma verdadeira perseguição deles. Imprensa, política, particulares, todos parecem haver jurado a exterminação dessa classe interessante. O que lhes vale ainda um pouco é não terem perdido o governo da multidão. Escondem-se; vão por noite negra e vias escuras levar a droga ao enfermo, e, com ela, a consolação. São pegados, é certo; mas por um curandeiro aniquilado, escapam quatro ou cinco (Machado de Assis, apud Chalhoub, 1996, p. 164-6).

Porém, mesmo com a ascensão dos médicos e sua busca por delimitar as práticas terapêuticas e o cotidiano da população, isso não significava que eles tinham o poder absoluto para impor suas concepções e interesses. Durante muito tempo, a população permaneceu alheia a essas transformações e resistente aos esforços dos médicos em desqualificar aqueles que tratavam enfermidades sem possuir diploma. Para o povo, incluindo membros da elite, a ilegalidade não significava falta de aptidão ou charlatanismo, como argumentavam os médicos acadêmicos. Esse fato é de grande importância para a compreensão das práticas de

cura naquele período. Portanto, as práticas de cura populares mencionadas anteriormente conseguiram sobreviver e continuar sendo utilizadas durante todo o período monárquico, e posteriormente, adentraram também a República (Stancik, 2009). Essa característica abrangia grande parte da população,

não são apenas pessoas “simples”, oriundas da classe popular e que tradicionalmente tiveram pouco acesso à educação formal e ao saber médico. Pessoas instruídas, que se consultam frequentemente com médicos e que possuem uma situação financeira mais confortável também o fazem; é o caso de políticos, professores, profissionais da saúde, entre outras. Pessoas que acreditam nas benzedeadas, no poder das rezas, na eficácia das ervas... Pessoas que buscam a medicina popular como alternativa ou como uma forma de complementar o tratamento da medicina tradicional. Afinal, muitas pessoas vão ao médico e à benzedeadas ao mesmo tempo (Santos, 2007 apud Hoffmann-Horochovski, 2015, p. 121).

A quantidade de indivíduos que procuravam a orientação de curandeiros para aliviar suas preocupações, enfrentar suas adversidades e buscar ajuda no poder do divino, incluindo aqueles que os ridicularizavam em público, mas secretamente recorriam aos seus serviços, era imensurável. Os curandeiros e benzedeadas em geral eram procurados por seus serviços não necessariamente devido à ausência de médicos e cirurgiões disponíveis na cidade (Medeiros, 2021). Interessante que,

se aceitarmos a veracidade do índice, podemos pensar que médicos de formação acadêmica precisaram travar áspera batalha não só com os erveiros da terra, mas com a própria burguesia de sobrado, que eles furtava o prestígio ou se recusava, sem sentimentalismos, a trocar o emprego do saber sigiloso das ervas pela oferta da medicina científica (Medeiros, 2021, p. 197).

Durante alguns séculos, os médicos competiram em evidente desvantagem com diversos terapeutas populares, muitas vezes desqualificando suas práticas. Na virada do século XIX para o XX, finalmente conseguiram reconhecimento, credibilidade e um status social distinto dos terapeutas populares, ganhando poder e projeção social. Parecia como se os médicos estivessem se vingando pela desvantagem enfrentada anteriormente (Stancik, 2009).

Observa-se uma idealização heróica do profissional médico. Segundo Buriti (2011, p. 21), o médico “torna-se o engenheiro da saúde, o pedagogo das almas, o destruidor dos micróbios, dos vírus, das doenças e responsável por restabelecer a cura na cidade e na família”. Esse trecho revela um fenômeno sociocultural no qual

a sociedade contemporânea tende a supervalorizar a figura médica, muitas vezes relegando ao segundo plano os saberes populares.

Com a associação da medicina à ciência e o afastamento da dimensão religiosa, juntamente com o avanço nos métodos terapêuticos e preventivos, os médicos adquiriram um poder nunca antes visto. Eles eram agora vistos como uma elite que tinha como missão proteger a população de seus próprios vícios, doenças, maus hábitos e ignorância. Com a conquista da hegemonia, veio uma postura autoritária por parte dos agentes que se consideravam membros de uma elite encarregada de salvar a população da ignorância e das doenças, com o objetivo de levar o país à civilização e ao progresso (Stancik, 2009). O fato é que

o cientificismo, cada vez mais presente entre a intelectualidade, dava forças para o combate ao não-científico, aos chás e ervas receitados pelos populares, pelas benzedeadas e pelas parteiras. Uma guerra de saberes era visível. Os terapeutas populares estavam cada vez mais acuados pela força e repressão da medicina científica, dita racional e verdadeira (Buriti, 2011, p. 65-66).

Uma mudança significativa que ocorreu na medicina naquela época foi a fragmentação do corpo do paciente, não apenas com o surgimento de novas especialidades médicas, mas também com a fragmentação do corpo do paciente como objeto de conhecimento (Stancik, 2009). É o que observamos na

mudança de ênfase para a compreensão da doença, fundada agora na separação corpo-alma, é a gênese da especialização da prática médica tal como conhecemos nos dias atuais, inclusive no Brasil, que assume características específicas. Uma medicina estreitamente voltada à medicalização da sociedade, e com isso interferindo direta e favoravelmente na neutralização das tensões sociais, e contando com a sua principal aliada, as multinacionais do remédio (Oliveira, 1985, p. 25).

Conforme nos afirma Medeiros (2021), essa representação biológica do corpo é o resultado de um aumento significativo de esforços políticos em consonância com uma lógica de simplificação e desencantamento do mundo. Com o advento e consolidação da medicina moderna, emerge o modelo biomédico. Este novo paradigma introduz abordagens inovadoras para o cuidado da saúde, incluindo o uso de substâncias farmacêuticas criadas em laboratório, procedimentos cirúrgicos avançados, dispositivos médicos de última geração, a profissionalização do conhecimento clínico e uma crescente dependência de instituições hospitalares (Guedes, 2022). Assim,

sabe-se como Descartes compara o coração a um relógio, afirmando que o sangue circula no corpo como os contrapesos movem engrenagens. Também as árvores produzem frutos como os relógios indicam as horas. O que vemos nascer aos poucos é a imagem do corpo extensivo. Trata-se da assimilação do funcionamento do corpo à tecnologia do dispositivo mecânico, substituição do corpo constelado pelo jogo de ligações mecânicas (Medeiros, 2021, p. 30).

A analogia estabelecida por René Descartes, na qual compara o corpo a uma máquina complexa, revela a influência do pensamento mecanicista que permeou sua obra. Ao equiparar o coração a um relógio, Descartes busca ilustrar a concepção de que o corpo humano opera de maneira ordenada e previsível, assemelhando-se aos movimentos mecânicos de uma engrenagem. Essa perspectiva reflete a visão reducionista que ganhou destaque no período cartesiano, caracterizada pela tentativa de explicar fenômenos biológicos por meio de metáforas mecânicas.

Nesse sentido, a partir da segunda metade do século XIX, dois movimentos relacionados ao processo médico-paciente crescem notadamente. O primeiro movimento está relacionado à compreensão da medicina como uma arte de cura que acontece em nível microscópico, exigindo uma análise minuciosa, aprofundada e especializada do profissional (Figueiredo, 2005).

O segundo movimento, que se conecta com o primeiro, busca desenvolver um olhar médico especializado, sofisticado e erudito, que é construído independentemente do conhecimento popular e, muitas vezes, em oposição a ele (Figueiredo, 2005). Foi então que,

a partir destes dois grandes movimentos a prática médica altera-se em direção a uma contínua especialização. O conhecimento médico é cada vez mais identificado como um saber erudito, inserido na comunidade profissional e científica. O espaço de intimidade entre o médico e o paciente diminui, profissionaliza-se cada vez mais, e o contato do paciente com o médico modifica-se, delegando ao profissional o controle do processo de conhecimento do corpo e suas alterações. Há um distanciamento entre o conhecimento popular do corpo, da doença e da saúde, do conhecimento acadêmico mais sistematizado e elaborado, conduzido pelo profissional formado e credenciado nos espaços acadêmicos (Figueiredo, 2005, p. 65).

Apesar de todo esse processo de silenciamento e apagamento das práticas populares de cura, a fusão de elementos culturais provenientes de diversos grupos sociais nas práticas de saúde em nosso país continuará ao longo dos séculos,

resistindo aos esforços das instituições médicas em busca de uniformização e controle exclusivo sobre os cuidados de saúde (Lima, 2020). Essa persistência sugere que, mesmo diante das mudanças sociais e das transformações nas estruturas de poder, as comunidades continuam a encontrar valor e eficácia em métodos que integram dimensões espirituais, culturais e sociais na promoção da saúde e no enfrentamento de enfermidades.

Ao longo do tempo, tanto em nível mundial como nacional, o modelo de saúde vigente começou a ser contestado pela sociedade civil, que expressava insatisfação em relação às formas desumanas de tratamento a que os doentes eram submetidos (Câmara, Fialho, 2021). Então, a partir do século XXI, o modelo biomédico tradicional tem se revelado incapaz de suprir as novas exigências de atendimento à saúde, o que culminou no debate de novas políticas de atenção (Lima, 2020).

No campo da educação, a Educação Popular (EP) surgiu nas décadas de 1950 e 1960 a partir de experiências de alfabetização de camponeses. Os educadores buscavam estimular uma visão de mundo mais crítica, trazendo uma emancipação social, e não apenas passar os conhecimentos de alfabetização dominante (Brasil, 2012). A EP foi sistematizada a partir de 1960 pelo educador Paulo Freire, para ele, não se pode compreender o ser humano desconsiderando seu contexto social (Sthal, Leal, 2017).

Com o golpe militar de 1964, muitos intelectuais que apoiavam a EP foram perseguidos, presos ou exilados. Ainda assim, a Educação Popular foi se desenvolvendo em toda a América Latina, ampliando os movimentos populares e se tornando uma forma de resistência ao regime imposto (Brasil, 2012). Foi na década de 1970 que a área da saúde se aproximou da Educação Popular, também como uma forma de resistência ao regime militar, pois os serviços públicos de saúde eram precários, os trabalhadores não possuíam seguridade social e as condições de renda, moradia e alimentação eram péssimas (Brasil, 2012; Sthal, Leal, 2017).

Dessa forma, começaram a surgir organizações de ações em saúde desvinculadas do Estado, onde os profissionais passaram a se relacionar com grupos populares e reivindicar serviços públicos de qualidade e participação social (Vasconcelos, 2004). Esses movimentos propiciaram um olhar crítico para a saúde, trazendo novos modelos de atenção que dialogassem com a cultura popular, dentre eles, destaca-se a criação do Movimento Popular de Saúde (MOPS) (BRASIL, 2012). O MOPS, que integrava militantes e lideranças populares, contribuiu com o

fortalecimento do Movimento de Reforma Sanitária, e conseqüentemente com a criação do Sistema Único de Saúde em 1988 (Sthal, Leal, 2017).

Em 1994, o Ministério da Saúde lançou o Programa Saúde da Família (PSF), com o objetivo de fornecer cuidados básicos de saúde às comunidades dispersas em todo o território brasileiro. O PSF tinha como propósito ampliar o acesso das pessoas ao Sistema Único de Saúde (SUS) em cada município, implementando uma abordagem centrada na prevenção e promoção da saúde junto às famílias (Lima, 2020). Além disso, em 1998, foi criada a Rede Nacional de Educação Popular em Saúde, e em 2003 a EP foi instituída no Ministério da Saúde (Brasil, 2012).

A Educação Popular em Saúde pode ser definida como uma ação de saúde orientada pela integralidade e acessibilidade à população (Vasconcelos, 2004). De forma político-pedagógica, promove a autonomia das pessoas, a relação de horizontalidade entre os saberes populares e científicos, estimulando o pensamento crítico e a participação popular (Brasil, 2012).

Em 19 de novembro de 2013, a portaria nº 2.761, institui a Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (PNEPS-SUS). Reafirmando um dos princípios do SUS, a PNEPS busca intensificar o protagonismo popular nas ações de saúde, valorizando saberes e práticas culturais (BRASIL, 2013). A política busca estimular o compartilhamento de saberes, práticas e experiências populares e científicas, promovendo ações de saúde integrais e com participação popular (Sthal, Leal, 2017).

A PNEPS também reforça uma mudança de paradigma do modelo biomédico, autoritário e medicalizante, não como forma de se sobrepor ao conhecimento científico, mas sim de promover diálogos e agir de forma compartilhada (Brasil, 2012). A saúde realizada de forma tradicional, conta com práticas populares de cuidado que combina crenças, valores, saberes e experiências da população. Entre as práticas populares de cuidado, encontram-se os raizeiros, benzedeiras, curandeiros, práticas de matriz africana e indígena, dentre outros. Assim, fica nítido que a Educação Popular em Saúde é de suma importância para a construção de um modelo de saúde que compreende os determinantes sociais, valoriza os saberes populares e estimula a autonomia e a participação da comunidade (Sthal, Leal, 2017).

A interação entre os dois sistemas terapêuticos - o biomédico e o popular - ocorre de maneira ativa e discreta, formando um sistema de cura complexo. Esse

sistema é caracterizado por experiências de hibridismo, nos quais diversos agentes sociais entrelaçam seus conhecimentos, crenças, práticas e saberes (Lima, 2020).

Em síntese, convergência de diferentes formas de compreensão e tratamento da saúde cria um sistema heterogêneo de cura, no qual os saberes ancestrais coexistem e dialogam com os avanços científicos contemporâneos. Nesse contexto, a complementaridade entre os dois sistemas ressalta a importância de uma abordagem integrativa e inclusiva, reconhecendo a diversidade de perspectivas e práticas que contribuem para a promoção do bem-estar e da saúde nas comunidades.

2.2 O benzimento como uma medicina popular

Durante o período colonial, as já existentes práticas de cura originárias conviveram com as práticas advindas de outros povos, africanos e portugueses. Causando uma convergência cultural, marcada pelo atravessamento dessas práticas e sua conseqüente expansão. A partir dessa interação surgiram métodos de cura híbridos nos quais as diferentes influências culturais contribuíram para a criação de um contexto de saúde único, no qual elementos religiosos, mágicos e medicinais se entrelaçaram (Lima, 2020).

Os conhecimentos populares/tradicionais sobre saúde fazem parte de um amplo espectro de manifestações culturais, por vezes enigmáticas mesmo para os códigos da medicina acadêmica (Guedes, 2022). De uma forma geral,

o termo medicina vem do latim [medicare] = “curar, sarar”. É a ciência da cura ou da prevenção das doenças com fundamento no respeito à vida em todas as suas especificidades. Embora conceituada em moderna e popular, é uma só. Difere apenas nos processos terapêuticos (Guedes, 2022, p. 7).

Uma vez contextualizado o termo "medicina" como a ciência voltada para a cura e prevenção das doenças, é pertinente explorar as diversas manifestações culturais que contribuíram para a construção desse conceito ao longo do tempo. Entre essas manifestações, destacam-se as práticas indígenas e africanas, que utilizavam ervas e orações para o tratamento em saúde.

Durante o período Colonial, os jesuítas, que mantinham contato direto com os indígenas, iniciaram o desbravamento das plantas medicinais no Brasil e a

divulgação da farmacopéia indígena, apesar dos jesuítas desvalorizarem as práticas de cura desempenhadas pelos pajés. Com o avanço da colônia e o aumento do número de escravos, se pode observar que estes também realizavam curas envolvendo plantas medicinais e benzeduras. Isso não se deve apenas pela falta de médicos e medicamentos, mas também pelas raízes culturais (Badinelli, 2014).

Contudo, desde os tempos da colonização europeia, uma atitude de desvalorização em relação aos conhecimentos populares e tradicionais tem persistido e aprofundado. Durante esse período, o pensamento ocidental foi imposto como a única forma legítima de racionalidade, suprimindo outras maneiras de pensar e agir. Em essência, o projeto colonial estabeleceu que nenhum tipo de conhecimento seria considerado válido a menos que tivesse sido validado pela ciência ocidental. Conseqüentemente, as práticas de saúde oriundas do saber popular/tradicional, mesmo que demonstrassem eficácia, foram marginalizadas e, em alguns casos, até mesmo criminalizadas pela medicina oficial (Guedes, 2022).

Segundo Elda Rizzo (1985), a medicina popular brasileira compreende práticas de cura que se originam de tradições culturais populares e que são utilizadas pelas camadas populares da sociedade. Inclui o uso de plantas medicinais, rezas, práticas corporais. É uma forma de resistência cultural e social. A autora destaca a importância da valorização e do reconhecimento dessas práticas como uma forma de respeito à diversidade cultural e à pluralidade de saberes e práticas de cura existentes na sociedade brasileira (Oliveira, 1985).

A medicina popular é muitas vezes vista como uma prática irracional e sem fundamentação científica, enquanto a medicina erudita é vista como detentora de uma verdade universal, a única forma de cuidado legítimo em saúde. Portanto,

a principal diferença entre a terapêutica oficial e a medicina popular, associada à rituais mágico-religiosos, e suas ideias de causas reside no fato de que os médicos consideram a doença algo objetivo que pode ser analisada separada do paciente, os curandeiros, rezadores/benedores integram o corpo e o sujeito. Para estes terapeutas a cura se constitui uma explicação: a construção de uma narrativa na qual a doença é localizada numa estrutura temporal de acontecimentos, que propicia ambos, cliente e curandeiro, lidarem com suas experiências de um novo modo (Rabelo, 1998, p. 47-48).

Enquanto os médicos da terapêutica oficial consideram a doença como algo objetivo, separado do paciente e sujeito a análises independentes, os curandeiros e benzedores integram o corpo e o sujeito em sua abordagem terapêutica. Portanto, a

revitalização desses conhecimentos tradicionais é de extrema importância. A própria definição de saúde difundida pela Organização Mundial da Saúde (1946), considera que: "saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doenças". Logo, pressupõe uma assistência integral. O resgate de saberes populares, como o das rezadeiras e rezadores, oferece uma abordagem complementar e mais holística para enfrentar os problemas de saúde decorrentes da urbanização agressiva, da mecanização, da industrialização dos alimentos e da perda de conexão com as raízes culturais e biológicas (Guedes, 2022).

Dessa forma, a interação entre a medicina popular e a oficial se torna uma expressão concreta da ecologia de saberes, onde se reconhece a importância de estabelecer um espaço de diálogo entre os conhecimentos científicos e os conhecimentos tradicionais. Esse conceito é definido como:

a ecologia de saberes é, por assim dizer, forma de extensão ao contrário, de fora da universidade para dentro da universidade. Consiste na promoção de diálogos entre o saber científico ou humanístico, que a universidade produz, e saberes leigos, populares, tradicionais, urbanos, camponeses, provindos de culturas não ocidentais (indígenas, de origem africana, oriental, etc.) que circulam na sociedade. [...] Começa a ser socialmente perceptível que a universidade, ao especializar-se no conhecimento científico e ao considerá-lo a única forma de conhecimento válido, contribuiu ativamente para a desqualificação e mesmo destruição de muito conhecimento não-científico e que, com isso, contribuiu para a marginalização dos grupos sociais que só tinham ao seu dispor essas formas de conhecimento (Santos, 2011, p. 75-76).

As epistemologias do Sul, desenvolvidas a partir dos anos 2000, têm como objetivo identificar e enfatizar os conhecimentos antigos e contemporâneos dos grupos sociais que resistiram à hegemonia do eurocentrismo moderno. Elas reconhecem a validade e a importância da ciência moderna como um tipo de conhecimento, mas não como o único tipo válido e significativo. Além disso, essas abordagens enfatizam a possibilidade de compartilhamento de conhecimento e tradução intercultural entre diferentes sistemas de conhecimento (Santos, Meneses, 2010). Assim,

através dos diálogos de Boaventura de Souza Santos (2005, p.26) com a diversidade cultural de povos e comunidades, visualiza-se a muralha cientificista sobre a ciência popular/tradicional: São disso exemplo, a redução do conhecimento dos povos conquistados à

condição de manifestações de irracionalidade, de superstições ou, quando muito, de saberes práticos e locais cuja relevância dependeria da sua subordinação à única fonte de conhecimento verdadeiro, a ciência; a subordinação dos seus usos e costumes ao direito do Estado moderno e das suas práticas econômicas à economia capitalista; a redução da diversidade da organização social que os caracterizava à dicotomia Estado/sociedade civil; e ainda a conversão da diversidade das suas culturas e cosmologias em superstições sujeitas a processos de evangelização ou aculturação (Guedes, 2022, p. 13).

Embora frequentemente associem a origem das doenças a causas espirituais ou metafísicas, isso não implica uma negação das explicações científicas das doenças por parte das benzedeadas (Quintana, 1999). Segundo Hoffmann (2012), “a benzedeadada reconhece que, às vezes, a reza não é suficiente para tratar alguns males e aí recomenda ao paciente que procure auxílio médico”. Ou seja, elas compreendem seus limites de atuação e acreditam que ambas as práticas podem ser utilizadas de maneira complementar. Desse modo, observamos que

a mesma combinação de práticas científicas e tradicionais – ir ao médico e ao curandeadado ao mesmo tempo – é uma maneira transacional de aproveitar os recursos de ambas as medicinas e com os usuários revelam uma concepção mais flexível que a do sistema médico sectarizado na alopatia, e que muitos folcloristas e antropólogos que idealizam a autonomia das práticas tradicionais. Da perspectiva dos usuários, ambas as terapêuticas são complementares, funcionam como repertório de recursos a partir dos quais efetuam transações entre o saber hegemônico e o popular (Canclini, 1998, p. 348).

Com isso, torna-se evidente que as práticas de cura da medicina convencional e os serviços de saúde oferecidos pelos rezadores estabelecem uma relação de complementaridade no contexto sociocultural analisado. Nesse cenário, as pessoas doentes buscam todas as opções disponíveis para tratar suas enfermidades, independentemente de se tratar de terapias convencionais ou populares. Isso demonstra que, nesse contexto, a busca pela cura não se limita a abordagens médicas oficiais, mas se estende às práticas populares igualmente (Lemos, 2010).

Nesse sentido, podemos situar uma definição mais abrangente em relação ao termo ‘cuidado’, proposta por Leonardo Boff. Zelar pela nossa saúde implica em abraçar uma perspectiva abrangente, buscando constantemente estabelecer um equilíbrio entre corpo, mente e espírito. Nesse processo, convocamos o médico para cuidar do corpo, o terapeuta para atender à mente e o sacerdote para atender ao

espírito. Ao unir esses profissionais, trabalhamos em conjunto em prol da totalidade do ser humano, reconhecendo a interconexão entre todas as suas dimensões (Boff, 2017). Ele complementa:

(...) o cuidado é mais do que um ato singular ou uma virtude ao lado de outras. É um modo de ser, isto é, a forma como a pessoa humana se estrutura e se realiza no mundo com os outros. Melhor ainda: é um modo de ser-no-mundo que funda as relações que se estabelecem com todas as coisas (Boff, 2017, p. 102).

O trecho destaca a abordagem ampla de cuidado como um modo de ser-no-mundo que fundamenta as relações entre as pessoas e as coisas. O ato de benzimento, com suas práticas e rituais, pode ser entendido como uma expressão desse modo de ser-no-mundo, incorporando o cuidado como uma dimensão fundamental de sua atuação. Nesse contexto, convergem artifícios e estratégias de sabedoria enraizados na cultura popular, envolvendo saberes sobre plantas, banhos, fórmulas, infusões, crenças supersticiosas, técnicas de massagem, rituais de escalda-pés, métodos de suadouro, preparações caseiras e, por vezes, até produtos industrializados. Essas ações são respaldadas pelas perspectivas terapêuticas das benzedadeiras, que combinam conhecimento tradicional com experiência empírica (Lemos, 2010).

A abundância de elementos e recursos medicinais na natureza leva as pessoas a buscar alívio para seus males por meio de diversos meios, sendo a fé um componente essencial nesse processo, contribuindo significativamente para a promoção da cura (Ribeiro, 1999). A interação entre a busca por recursos naturais e a fé evidencia uma conexão profunda entre a espiritualidade e a saúde, onde a confiança nas propriedades curativas da natureza se entrelaça com crenças e práticas religiosas.

A capacidade curativa da sabedoria popular transcende as limitações temporais, espaciais e científicas (Guedes, 2022). À medida que o colonialismo subjogava os indivíduos escravizados, impondo a devastação de suas faculdades cognitivas, a fragmentação de suas raízes e o trauma do afastamento; as táticas de sobrevivência empregadas pela linhagem daqueles que conseguiram reconstruir-se a partir dos destroços e contornar a violência física infligida à sua compreensão do mundo, podem ser consideradas, no mínimo, como estratégias radicais de resistência e preservação (Medeiros, 2021).

Definitivamente, o benzimento é uma expressão da medicina popular que resiste e se faz presente até os dias atuais. Sua atuação transcende as fronteiras dos aspectos físicos, alcançando uma integração eficaz entre os fatores sociais, psicológicos e espirituais que desempenham um papel fundamental na preservação da saúde individual. Ao resistir e persistir, o benzimento não apenas preserva tradições culturais, mas também evidencia sua relevância como uma abordagem holística que reconhece a interconexão entre o corpo, a mente e o espírito. Nesse contexto, o benzimento se revela como uma expressão viva e dinâmica da sabedoria popular, contribuindo para a pluralidade de abordagens terapêuticas disponíveis na diversidade do cenário médico e cultural.

2.3 Interações entre espiritualidade e saúde

Um dos elementos que caracterizam as benzedoras é a sua fé e conexão com as forças divinas. Antes de realizar seus rituais, elas pedem a intercessão de um santo, Deus ou até mesmo de alguma divindade (Silva, 2022). E então, se consideram médicas populares guiadas por Deus para realizar benzimentos (Maschio, Zomer, 2021). Nessa perspectiva,

a benzedura pode ser caracterizada como uma atividade principalmente terapêutica, a qual se realiza através de uma relação dual – cliente e benzedor. Nessa relação, a benzedora ou benzedor exerce um papel de intermediação com o sagrado pela qual se tenta obter a cura, e essa terapêutica tem como processo principal, embora não exclusivo, o uso de algum tipo de prece (Quintana, 1999, p.51).

É preciso considerar a presença e influência da religião na vida dos rezadores e conseqüentemente na prática do benzimento. Brandão afirma que

talvez a melhor maneira de se compreender a cultura popular seja estudar a religião. Ali ela aparece viva e multiforme e, mais do que em outros setores de produção de modos sociais da vida e dos seus símbolos, ela existe em franco estado de luta acesa, ora por sobrevivência, ora por autonomia, em meio a enfrentamentos profanos e sagrados entre o domínio erudito dos dominantes e o domínio popular dos subalternos (Brandão, 1980, p. 15).

Logo, o aspecto devocional está relacionado à necessidade de uma religiosidade popular e acessível, que inclua as nuances dos sincretismos

característicos da cultura brasileira. Ademais, o benzimento é uma prática cultural transmitida de geração em geração, seguindo a lógica e a ideia do dom da comunicação direta com o universo sagrado, com o objetivo principal de promover a cura (Azevedo, 2018).

Assim como em outros países com forte tradição cristã, no Brasil as crenças e práticas apresentadas pela organização religiosa oficial têm sido gradualmente reinterpretadas pela população, considerando suas vivências diárias específicas (Gaspar, 2004). A maioria das rezadeiras são católicas, mas suas práticas não estão de acordo com as exigências da Igreja Católica, já que elas pertencem ao que é conhecido como catolicismo popular. Esse tipo de religiosidade é repleto de símbolos e comportamentos criados e adaptados a partir das crenças e experiências de vida, e representa uma forte força de resistência (Silva, 2009). Como catolicismo popular, entende-se:

concretamente, chamamos provisoriamente “Catolicismo Popular” as representações e práticas relativas ao culto dos santos e à transação com a natureza e não os sacramentos e a catequese formal. Os santos são as representações fundamentais do Catolicismo Popular. Concebidos como pessoais e espirituais dotados de poderes sobrenaturais, eles são tidos como capazes de exercer influência sobre o curso da vida e da natureza. A noção popular é muito mais abrangente de que a dos santos canonizados, pois ela compreende também os diversos títulos devocionais de Jesus e de Maria, as almas de defuntos e figuras mais ou menos lendárias. Cada um desses seres espirituais pode conceder graças e proteção celestiais a quem lhes dedica culto ou invoca sua proteção. Assim, o Catolicismo Popular conhece uma multidão de santos, desde aqueles oficialmente reconhecidos pelo magistério eclesiástico até santos locais cujo culto não dura mais do que duas ou três gerações (Oliveira, 1985, p.113-114).

Embora baseada no modelo hegemônico católico, a religião no Brasil apresenta uma grande diversidade cultural e estabelece um dinâmico catolicismo popular e sincrético, que reflete a realidade social, muitas vezes, das classes menos favorecidas. No âmago dessa religiosidade, encontra-se a devoção aos santos: por meio de orações, promessas e oferendas, acredita-se ser possível influenciar os santos e obter sua proteção e auxílio. É importante ressaltar que essa religiosidade contém diversos elementos das religiões africanas e indígenas. Esses elementos se mesclam em parte com o catolicismo e, em parte, continuam a existir como religiões independentes (Carvalho, 2015).

Acredita-se que a fusão dos elementos religiosos dos ameríndios/as com as concepções religiosas dos africanos/as tenha contribuído para a criação de uma nova expressão de fé. Simultaneamente, essa interação possibilitou a (re)interpretação do catolicismo, considerado oficial e desenvolvido na Europa, que foi estendido ao território brasileiro durante o período colonial. Esse entrelaçamento cultural teria sido responsável por proporcionar à população brasileira uma modalidade de Catolicismo agregador, caracterizado como popular (Conceição, 2011).

O fator crucial reside não nas religiões em si, mas na espiritualidade que está subjacente a elas. É essa espiritualidade que promove a união, conexão, reconexão e integração. É a espiritualidade, e não a religião, que desempenha um papel na formação de alternativas para um novo paradigma civilizatório (Boff, 2017). A espiritualidade, ao contrário das religiões institucionalizadas, oferece um espaço flexível para a busca individual de significado e propósito, permitindo que as pessoas se conectem com algo maior do que elas mesmas.

É notável a crescente importância atribuída à espiritualidade ou ao caminho espiritual, concebido como uma jornada em busca de autoconhecimento e autodesenvolvimento. Essa abordagem transcende os limites estritos do domínio religioso, estendendo-se a campos tão diversos quanto à psicologia e a medicina. A compreensão sobre espiritualidade e seu papel no bem-estar humano reflete-se também na prática de benzimento. O cerne da benzeção reside na concepção de promover a cura, seja ela física ou espiritual, através da palavra e da oração. Nesse contexto, o benzedor desempenha o papel de intermediário entre Deus, deuses ou forças espirituais, e aquele que busca a cura. Essa função mediadora do benzedor desperta a espiritualidade presente na comunidade ou no indivíduo (Azevedo, Lemos, 2018).

Vale lembrar que, mesmo antes da chegada dos colonizadores europeus ao território brasileiro em 1500, as populações indígenas já desenvolviam práticas medicinais de caráter mágico-religioso. Os líderes espirituais, conhecidos como xamãs ou pajés, desempenhavam um papel crucial nessa forma de medicina, integrando suas crenças nos deuses e na harmonia com a natureza para enfrentar as enfermidades e angústias que afetavam suas comunidades (Lima, 2020).

A prática da benzeção é baseada em gestos e não em rituais burocráticos. Nesse contexto, o poder intuitivo da benzedora está em plena atividade no

momento da benção. Utilizando elementos materiais, como rosários, fitas de palha, faca, cinza, cuspe, vinho e pinga; e elementos naturais, como ramos verdes, sal, água e açúcar (Lemos, 2007). A oração combina elementos da religiosidade popular e da medicina popular, invocando não apenas a espiritualidade, mas também a influência da natureza (Azevedo, Lemos, 2018).

A utilização de imagens religiosas é uma prática comum no ritual da benzedura. As benzedoras se colocam como intermediárias da cura, invocando as entidades divinas para realizar o processo de cura. Elas desempenham o papel de mediadoras e interlocutoras entre a pessoa que está sendo benzida e as entidades espirituais. As representações simbólicas utilizadas pelas benzedoras, como imagens e objetos diversos, assumem o papel de agentes do sagrado, já que são essas representações que as benzedoras convocam para intervir em prol da cura dos males que a pessoa carrega (Silva, 2013).

Para as benzedoras, os santos desempenham um papel de apoio nos momentos de angústia e aflição do dia a dia. Além disso, eles atuam como intermediários entre os pedidos de bênçãos das rezadeiras e o divino (Lemos, 2010). Os santos são, geralmente, venerados e representados no altar dos rezadores. As imagens e representações exercem um papel fundamental nesse processo, pois atuam como canalizador, símbolo da comunicação com o divino e localizam a espiritualidade no tempo e no espaço. O altar da benzedora se transforma em uma fonte condutora de espiritualidade, que se espalha para o ambiente e para as pessoas que estão presentes. É através desse altar e do ritual que a benzedora celebra a sua fé (Barros, 2022).

No entanto, enquanto no passado predominava uma influência católica hegemônica, hoje existe uma diversidade religiosa evidente, tanto entre os rezadores quanto nas entidades espirituais invocadas, bem como entre a clientela atendida por eles. Existe uma variedade de representações simbólicas que desempenham um papel central no ritual do benzimento, as quais estão intrinsecamente relacionadas às escolhas religiosas envolvidas: santos católicos, figuras do movimento espírita, santos populares e também entidades oriundas das religiões afro-brasileiras, como Exu e Caboclo. Essa diversidade de imagens reflete as crenças espirituais de cada rezador e das pessoas que buscam seus serviços, evidenciando uma pluralidade de influências religiosas e espirituais presentes no contexto do benzimento (Silva, 2013).

Dentro do contexto dos saberes populares, a compreensão das enfermidades do corpo é intrinsecamente conectada aos desequilíbrios da alma, destacando a ausência de uma separação rígida entre corpo e alma. Esses conhecimentos baseiam-se em princípios que reconhecem a influência divina e/ou espiritual no desenvolvimento das doenças, bem como no tratamento e na busca pela cura. A concepção de que os males físicos podem ser reflexos de desarmonias na esfera espiritual ressalta a importância do cuidado integral e da busca por equilíbrio em todos os aspectos da vida. Essa interconexão entre corpo e alma é central nas práticas de cura populares, como o benzimento, que buscam restabelecer a harmonia em todos os níveis do ser humano (Lemos, 2010).

Além disso, existe outro fator primordial para se destacar que é a respeito da crença na prática de benzeção. A fé do paciente ou cliente no processo e na habilidade da benzeadeira, vista como detentora de um dom divino, aliada ao reconhecimento da comunidade, desempenham um papel crucial para que o processo de cura seja eficaz (Azevedo, Lemos, 2018). A prática da benzeção funciona, portanto, como gesto e confiança, sua eficácia está relacionada a intenção de cura, a entrega e na troca entre benzeadeira e paciente, pois a culminância do ato depende dessa relação.

O rezador é amplamente influenciado pelo reconhecimento de sua comunidade, uma vez que esse reconhecimento é essencial para o sucesso de suas práticas. Isso ocorre porque a cura no contexto da benzedura está intrinsecamente ligada à presença da "tripla fé": a fé do próprio benzedor, a fé do paciente ou cliente e, por fim, a fé da comunidade que também exerce um papel indireto no processo de cura. Nesse sentido, a eficácia da cura realizada por meio das preces está diretamente ligada à maneira como essas benzeadeiras são percebidas pelo público a quem prestam seus serviços. E para que a cura seja alcançada, a pessoa que está sendo benzida deve nutrir uma fé determinada nos poderes mágicos das preces, além de confiar no trabalho da benzeadeira (Quintana, 1999). Pois,

a eficiência de sua cura está nas relações de confiança e solidariedade que marcam o vínculo entre comunidade/benzeadeira. A benzeadeira crê em si, como portadora de um dom divino de cura; o enfermo crê que ela tem esse dom, foi escolhida por Deus para interceder em benefício dos seus filhos; e a comunidade, ao reconhecer a benzeadeira, reafirma a crença, dá credibilidade ao seu poder de cura (Silva, 2013, p. 132).

Nesse sentido, compreendemos que o benzimento se revela como um elo íntimo entre a espiritualidade e o processo de cura. Ao invocar representações simbólicas e entidades espirituais, as benzedeadas e benzedores estabelecem uma conexão profunda entre o mundo material e o sagrado, tornando-se mediadores entre a dimensão terrena e a espiritualidade transcendente. Nesse contexto, a fé do benzido, a confiança nas habilidades da rezadeira ou rezador e a intercessão das entidades divinas são elementos intrincados que se entrelaçam para buscar a cura tanto do mal físico quanto do espiritual. A diversidade de imagens utilizadas reflete a pluralidade de crenças presentes na sociedade, testemunhando um espaço onde as diferentes espiritualidades podem coexistir e colaborar na busca pelo bem-estar integral das pessoas.

CAPÍTULO III – RITOS, SENTIDOS E CAMPOS DE CURA

Figura 13 - Rezadeira Maucinha



Fonte: acervo da autora (2023).

O terceiro e último capítulo aborda os resultados da pesquisa propriamente dita. Revisitar e conhecer novas rezadeiras e rezadores de Poço Verde/SE foi viver momentos ímpares e repletos de acolhimento, boa recepção e muita demonstração de fé. A coleta de dados foi realizada através de entrevista semi-estruturada, fotos e vídeos mediante autorização dos participantes. Ao todo, foram entrevistados 16 (dezesesseis) agentes dessa prática de cura.

A pesquisa apresentada nesta dissertação emprega a técnica de Análise de Conteúdo de Bardin como método de análise dos dados coletados. A Análise de Conteúdo é um método amplamente utilizado em pesquisa qualitativa que permite a interpretação sistemática de dados textuais, com o propósito de identificar padrões, temas e significados subjacentes. Este método oferece uma estrutura eficaz para examinar e compreender os dados, especialmente quando se lida com informações qualitativas, como entrevistas, transcrições ou documentos escritos (Bardin, 2011).

A aplicação da Análise de Conteúdo de Bardin nesta pesquisa permitiu uma investigação aprofundada acerca do tópico de estudo em questão, contribuindo assim para o avanço do conhecimento nessa área.

Após a coleta de dados, todas as entrevistas foram transcritas e lidas detalhadamente para a identificação de palavras, frases ou contextos que pudessem ser analisados conjuntamente, de uma entrevista para outra. Dessa forma, foram criadas três categorias para serem discutidas individualmente. São elas:

- 1) A iniciação: neste tópico abordaremos a forma como o entrevistado iniciou na prática de benzimento;
- 2) O ritual em cena: descrição detalhada sobre sua preparação, instrumentos utilizados, dias e horários, e a gratificação que estão envolvidas nessa prática;
- 3) As rezas: essa categoria se concentra na análise das rezas específicas que são tradicionalmente utilizadas no benzimento.

As falas foram agrupadas nessas três categorias e a seguir foram interpretadas e analisadas.

As primeiras rezadeiras e rezadores participantes da pesquisa foram contatados por já serem conhecidos da pesquisadora³, dentre eles sua própria avó. Os demais, foram indicações de familiares, amigos e conhecidos da cidade. Ao todo, foram 16 (dezesesseis) entrevistados, que estão descritos no quadro a seguir:

Quadro 1 - Perfil dos participantes da pesquisa

Nome	Gênero	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Religião
Maria Márcia dos Santos (conhecida como Maucinha)	Feminino	70 anos	Viúva	Ensino fundamental incompleto	Católica
Araci Ninim dos Reis (conhecida como Araci)	Feminino	78 anos	Casada	Ensino fundamental incompleto	Católica

A aplicação da Análise de Conteúdo de Bardin nesta pesquisa permitiu uma investigação aprofundada acerca do tópico de estudo em questão, contribuindo assim para o avanço do conhecimento nessa área.

Após a coleta de dados, todas as entrevistas foram transcritas e lidas detalhadamente para a identificação de palavras, frases ou contextos que pudessem ser analisados conjuntamente, de uma entrevista para outra. Dessa forma, foram criadas três categorias para serem discutidas individualmente. São elas:

- 1) A iniciação: neste tópico abordaremos a forma como o entrevistado iniciou na prática de benzimento;
- 2) O ritual em cena: descrição detalhada sobre sua preparação, instrumentos utilizados, dias e horários, e a gratificação que estão envolvidas nessa prática;
- 3) As rezas: essa categoria se concentra na análise das rezas específicas que são tradicionalmente utilizadas no benzimento.

As falas foram agrupadas nessas três categorias e a seguir foram interpretadas e analisadas.

As primeiras rezadeiras e rezadores participantes da pesquisa foram contatados por já serem conhecidos da pesquisadora², dentre eles sua própria avó. Os demais, foram indicações de familiares, amigos e conhecidos da cidade. Ao todo, foram 16 (dezesesseis) entrevistados, que estão descritos no quadro a seguir:

Quadro 1 - Perfil dos participantes da pesquisa

Nome	Gênero	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Religião
Maria Márcia dos Santos (conhecida como Maucinha)	Feminino	70 anos	Viúva	Ensino fundamental incompleto	Católica
Araci Ninim dos Reis (conhecida como Araci)	Feminino	78 anos	Casada	Ensino fundamental incompleto	Católica

² Brunna Santos de Oliveira, autora da pesquisa.

Maria Madalena de Jesus (conhecida como Marizete)	Feminino	74 anos	Viúva	Analfabeta	Católica
Lourdes Silva, (conhecida como Lurdinha)	Feminino	58 anos	Casada	Ensino fundamental incompleto	Católica
Eronides Santos Borges (conhecido como Eronides)	Masculino	80 anos	Casado	Ensino fundamental incompleto	Católica
Josefa Belarmina de Jesus (conhecida como Zefinha)	Feminino	80 anos	Casada	Ensino fundamental incompleto	Católica
Evangelista Souza Araújo (conhecida como Lili)	Feminino	88 anos	Viúva	Analfabeta	Católica
Maria Deuzinha da Silva (conhecida como Deuzinha)	Feminino	68 anos	Viúva	Ensino fundamental incompleto	Católica
Fernando Ferreira Maynard (conhecido como Seu Fernando)	Masculino	78 anos	Casado	Ensino fundamental incompleto	Católica
Maria de Jesus Santos (conhecida como Maria de Dedé)	Feminino	59 anos	Casada	Ensino fundamental incompleto	Católica
Maria de Souza Sobrinho (conhecida como Dona Maria)	Feminino	72 anos	Casada	Ensino fundamental incompleto	Católica
Maria Correia de Assunção (conhecida	Feminino	68 anos	Viúva	Analfabeta	Católica

como Maria)					
Dolores dos Santos (conhecida como Lôra)	Feminino	71 anos	Casada	Ensino fundamental incompleto	Católica
Maria Anita (conhecida como Nita)	Feminino	82 anos	Viúva	Ensino fundamental incompleto	Católica
Lúcia Alves Oliveira (conhecida como Lucinha)	Feminino	65 anos	Casada	Ensino fundamental incompleto	Católica
Vanice Santos (conhecida como Vanice)	Feminino	58 anos	Casada	Ensino fundamental incompleto	Católica

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Inicialmente, observamos a predominância de mulheres exercendo a prática do benzimento, dentre os 16 (dezesseis) entrevistados, 14 (quatorze) são mulheres, correspondendo a um valor de 87,5%. Segundo Carvalho (2015), isso se deve ao fato de as mulheres historicamente estarem ligadas a papel de cura de enfermidades. Enquanto desempenhavam suas funções como domésticas, cultivavam uma grande variedade de plantas nos quintais, tanto para ornamentar a residência, quanto para uso na culinária e como ferramentas de apoio em práticas de cura e rezas.

Destaca-se também a questão da idade. Apesar de ter encontrado pessoas relativamente jovens, duas entrevistadas com 58 anos e uma com 59 anos, os demais são idosos acima dos 65 anos. Esse fato evidencia que a tradição não está sendo adequadamente transmitida, o que levanta preocupações sobre o futuro dessas práticas e o potencial enfraquecimento do conhecimento e sabedoria acumulados ao longo de gerações.

A maioria (10 participantes) mora na zona urbana, os demais na zona rural compreendendo os povoados São José, Malhada da Onça e Borrocões.

Figura 14 - Gráfico com indicação da residência dos entrevistados



Fonte: elaborado pela autora (2023).

Além disso, também corroborando com os estudos apresentados anteriormente, o nível de escolaridade dessas pessoas alterna entre analfabetas e aquelas com o ensino fundamental incompleto. Isso evidencia como todos os entrevistados não tiveram um acesso adequado à educação formal. Porém, de forma alguma isso indica falta de competência ou sabedoria. Muito pelo contrário, os rezadores detêm conhecimentos profundos sobre plantas medicinais, rituais de cura, e têm uma compreensão íntima das necessidades de cada pessoa atendida.

No caso da religião, todos os entrevistados se identificaram claramente como católicos, porém, algumas declarações e objetos em seus altares demonstram indícios de outras religiões, como o espiritismo, a umbanda e o candomblé. Por exemplo, a presença dos santos São Cosme e Damião que se constituem como elementos do sincretismo religioso. Imagens de orixás em seus altares, como Iemanjá, assim como de pretos velhos. Falas como “veio na minha memória”; “São Cosme e Damião apareceram”; que denotam a presença de uma mediunidade.

Após a caracterização dos entrevistados, procederemos à exploração da primeira categoria de análise, que se concentra na iniciação na prática de benzimento. Este estágio revelará importantes nuances sobre o processo de introdução desses indivíduos no ofício do benzimento, permitindo uma compreensão mais aprofundada das influências, tradições e experiências que moldaram suas

habilidades nesse contexto espiritual e curativo. Ao adentrar nessa categoria, almejamos elucidar os fatores determinantes e as etapas envolvidas no desenvolvimento das práticas de benzimento entre os entrevistados, contribuindo assim para um panorama mais completo e contextualizado dessa expressão cultural e espiritual.

3.1 A Iniciação

Nessa primeira categoria, analisamos a forma como o benzimento chegou à vida dessas pessoas e como elas aprenderam a replicar tal prática. Esse é um tema importante a ser debatido, pois, pode ter chegado como um simples interesse de aprender com outra pessoa, ou, ainda, de uma forma puramente espiritual, como observaremos em seus relatos.

Segundo Quintana (1999), existem duas formas de processo de iniciação das benzedoras: uma delas é imitativa, fundamentada na aprendizagem por imitação, na qual os mais jovens aprendem a partir um benzedor da própria família, transmitindo o conhecimento de geração em geração. A segunda forma ocorre por meio de uma experiência mística, na qual o conhecimento é transmitido por uma entidade espiritual, que pode se manifestar como um anjo ou um guia.

A primeira entrevistada, Maucinha³, está intimamente ligada à inspiração deste trabalho, já que é avó da pesquisadora. Sentada no sofá de sua casa, nos relata como o benzimento sempre esteve presente em sua vida, desde a infância, quando precisou desses cuidados. Ela conta uma de suas primeiras experiências:

quando eu tinha 12 anos, teve uma despalha de milho em minha casa, que o pessoal de antigamente despalhava o milho na mão, aí eu estava no terreiro e passou um mal em minha perna, ficou vermelha, com pouco instante essa perna inchou e encolheu, eu não podia topar o pé no chão, ficou longe do chão. Para melhorar, eu fui na casa de um rezador e ele rezou, e tomei um remédio, o nome é Aguardente Alemão. E através de muita reza, outra mulher também rezou, mas todos os dois que rezaram em minha perna já morreram. Antigamente o pessoal falava “congestão” passou na perna, e aí essa mulher que chamava Cassimira e o primeiro que rezou foi João Correia (...) Através das rezas minha perna voltou ao normal. Hoje em dia tô com 70 anos e caminho normal e tô bem graças a Deus.
(Maucinha, 2023)

3 Maria Márcia dos Santos, conhecida como Maucinha, 70 anos, moradora da zona urbana do município de Poço Verde/SE. Entrevista realizada em 07 de abril de 2023.

Maucinha conta que durante sua infância, era comum a procura por rezadores para tratar de questões de saúde, já que ela morava no interior e não havia atendimento médico acessível. Quando mais velha, ela lembra de como aprendeu a também exercer tal prática:

eu aprendi com uma mulher chamada por nome de Osória, já morreu também. Ela que me ensinou, que era uma reza muito boa e eu tenho na minha mente até hoje (...) Quando eu aprendi a rezar eu tinha uns 20 anos.
(Maucinha, 2023)

Em uma outra entrevista, realizada com Araci⁴, que nos recebeu com um enorme sorriso e disposta a ajudar, nos revela que nos primeiros anos de sua vida sequer acreditava na prática do benzimento, até passar por uma situação específica:

não tinha fé, depois de mais velha foi que eu fiquei com fé, quando eu vi o olhado entrar na minha casa. Eu tenho um menino, ele era pequenininho, bem pequeno, se muito ele tinha era 6 anos. Aí o Correio era ali e veio uma mulher da roça pegar uma carta da família que vinha de São Paulo, e ela veio pedir pra mim ler a carta. Mas a carta era tão mal escrita que eu não consegui ler a carta. Aí chamei Messias, meu filho, e ele leu e a mulher ficou assim (gesto de espanto), a mulher não prestou atenção no que tinha na carta, só com o olho assim em cima do menino, assombrada. Aí quando ela saiu, o menino se arriou numa rede, ele era perigoso, pulador, se arriou lá (gesto de deitado). Valei-me Nossa Senhora! Aí eu chamei uma senhora rezadeira. A rezadeira veio, rezou, assim que ela terminou de rezar o menino sarou. Aí comecei a ter fé em olhado.
(Araci, 2023)

Percebemos em ambos os relatos a presença do benzimento em experiências específicas de suas vidas. Desde problemas físicos, como a congestão na perna relatada por Maucinha, a problemas espirituais como o mau olhado que foi colocado no filho de Araci.

Araci também passou a rezar após aprender com uma outra rezadeira. Além disso, diz que também aprendeu em livros:

eu aprendi com outra rezadeira, o nome dela era Valdeci, já morreu. Eu também encontro umas rezinhas nos livros, aí eu copio, aí rezo.
(Araci, 2023)

A prática do benzimento é frequentemente transmitida de um rezador ou rezadeira mais experiente para um aprendiz dentro da mesma comunidade ou família, conforme observamos nos relatos. Portanto, a oralidade desempenha um

⁴ Araci Ninim dos Reis, conhecida como Araci, 78 anos, moradora da zona urbana do município de Poço Verde/SE. Entrevista realizada em 08 de abril de 2023.

papel fundamental para a perpetuação desse saber. Uma outra entrevistada, Lôra⁵, nos conta como também aprendeu através de uma senhora:

tem muitos anos, desde o tempo de eu moça, tinha uns 18 a 20 anos. (...) Eu aprendi com uma senhorinha que era minha amiga. Eu ficava na casa dessa senhorinha e ela sabia de tanta da reza minha fia, sabia de tanta reza, agora eu só aprendi de mau olhado, e dor de dente e sol e sereno só, mas ela sabia de muita reza. A gente novo não tinha cabeça pra isso, pensava que era prosa, no fim as minhas palavrinhas que hoje em dia eu sei é poucas, mas rezo de fé e quem cura já vi que é a fé viu, pode ser três palavras, mas o que cura é a fé, perante a Deus que já tem gente vindo aqui de longe pedir pra eu benzer e se dá bem com as palavrinhas que eu sei.
(Lôra, 2023)

Diferente dessas quatro rezadeiras, que relataram que aprenderam com outras pessoas que não tinham uma ligação familiar, Marizete⁶, Eronides⁷, Lili⁸, Nita⁹ e Vanice¹⁰ contam que aprenderam através dos pais, avós ou outros familiares:

muitas rezas que eu aprendi foi com meu pai. Ele me ensinou a reza que eu tinha vontade de aprender e ele ensinou muitas rezas que hoje em dia eu num sei mais rezar. Que eu comecei mesmo foi com uns 25 anos.
(Marizete, 2023)

meu pai e minha mãe, meus tios, era tudo rezador. Aí agora eu não queria aprender, quando pensava que não, chegava uma pessoa pra rezar e meu pai dizia “vai rezar, tenha fé e vá rezar”. Aí comecei. E comecei sarando, ensinando remédio, e as pessoas se dando bem (...) Tinha uns 20 anos, hoje eu tô com 80.
(Eronides, 2023)

eu aprendi com 7 anos, eu já rezava em criança que a minha avó era benzedeira, minha bisavó. E ela me ensinou o que ela sabia. Ela me ensinou e eu hoje tô rezando no pessoal, enquanto vida Deus me der, e saúde, eu rezo. (...) Chegou uma criancinha doente de olhado e minha avó disse “agora é você quem vai rezar” (...) O primeiro é o pai-nosso que nós reza e oferece e daí daquele pai-nosso vai rezando aquelas outras oração pra tirar quebranto e olho grosso, inveja, maldição, usura, com as palavras de Deus pai e filho e Espírito Santo.
(Lili, 2023)

5 Dolores dos Santos, conhecida como Lôra, 71 anos, moradora do povoado Malhada da Onça em Poço Verde/SE. Entrevista realizada em 16 de setembro de 2023.

6 Maria Madalena de Jesus, conhecida como Marizete, 74 anos, moradora da zona urbana do município de Poço Verde/SE. Entrevista realizada em 08 de abril de 2023.

7 Eronides Santos Borges, conhecido como Eronides, 80 anos, morador da zona urbana do município de Poço Verde/SE. Entrevista realizada em 20 de agosto de 2023.

8 Evangelista Souza Araújo, conhecida como Lili, 88 anos, moradora da zona urbana do município de Poço Verde/SE. Entrevista realizada em 12 de outubro de 2023.

9 Maria Anita, conhecida como Nita, 82 anos, moradora do povoado Malhada da Onça em Poço Verde/SE. Entrevista realizada em 16 de setembro de 2023.

10 Vanice Santos, conhecida como Vanice, 58 anos, moradora do povoado Borrocões em Poço Verde/SE. Entrevista realizada em 15 de outubro de 2023.

eu aprendi com minha avó, do lado de meu pai.
(Nita, 2023)

eu aprendi com uma tia minha que já morreu minha fia, nem viva é mais. Eu tinha 14 pra 15 anos quando eu comecei a benzer pela primeira vez. Tive esse interesse, eu falei “eu vou aprender”, aí fui lá e ela foi copiou num papel e eu aprendi.
(Vanice, 2023)

Os saberes foram majoritariamente veiculados através de transmissão oral, uma característica marcante dessa prática. Os pais ou avós, frequentemente, desempenham o papel de mentores, partilhando as suas experiências e sabedoria acumulada ao longo dos anos. Essa abordagem, que integra valores familiares e espirituais, cria não apenas uma transmissão de conhecimento, mas também fortalece os laços familiares e a continuidade cultural. Porém, além dessa forma de aprendizado repassada de um rezador para um aprendiz, existe um modo mais informal de aprendizado, aquele que acontece por meio da observação e escuta ativa, como é o caso de Maria Correia¹¹ e Maria de Dedé¹²:

eu tinha 13 anos, por aí assim. Aprendi com tio João Correia rezando no povo, meio alto, e eu pertinho pegava tudo.
(Maria Correia, 2023)

eu tinha 25 anos. Eu aprendi com uma mulher de lá de onde eu morava, aí ela rezava muito alto, aí eu aprendi.
(Maria de Dedé, 2023)

Por meio desses relatos, podemos perceber como a oralidade desempenha um papel fundamental na preservação e transmissão do conhecimento do benzimento de geração em geração. A fé no poder de cura contido nas palavras, e manifestado através das rezas, tem suas origens no encontro de diversas tradições que se entrelaçaram no solo brasileiro, onde a oralidade representava um componente vital na preservação da cultura. Tanto nas comunidades indígenas quanto nas africanas, destaca-se a notável presença da oralidade em rituais mágicos de cura (Moura, 2009).

De acordo com o escritor e ambientalista indígena Ailton Krenak, a oralidade é uma característica intrínseca às comunidades tradicionais, que se desenvolve a partir das experiências de vida de cada indivíduo, porém, por meio do

11 Maria Correia de Assunção, conhecida como Maria, 68 anos, moradora da zona urbana do município de Poço Verde/SE. Entrevista realizada em 14 de outubro de 2023.

12 Maria de Jesus Santos, conhecida como Maria de Dedé, 59 anos, moradora do povoado São José em Poço Verde/SE. Entrevista realizada em 13 de outubro de 2023.

compartilhamento com o grupo, ela se transforma em um sujeito coletivo (Abib, 2019).

A memorização das palavras mágicas é uma forma de preservar a tradição do benzimento, uma prática cultural comum entre o grupo de rezadores. Sem acesso à escrita, essas rezadeiras e rezadores aprenderam a benzer memorizando rezas, receitas e indicações das ervas, garantindo sua continuidade para as próximas gerações (Conceição, 2011).

Entretanto, a oralidade não foi a única maneira destacada nas entrevistas para o aprendizado das rezas. Lurdinha¹³, por exemplo, apesar de também ter tido um pai rezador, nos revela que aprendeu de uma outra maneira:

meu pai era rezador, essas coisas de ataiar sangue, fogo, olhado, inveja. Ele tinha vários tipos de reza, sobre outras doenças também, só que as outras eu não cheguei a aprender porque ele não ensinava pra gente. Diz que ficava fraca pra ele, aí ele perdeu a memória antes dele ensinar. Aí eu fui aprendendo a minha sozinha, veio na minha mente. Eu tinha 10 anos quando eu comecei a rezar.
(Lurdinha, 2023)

Esse relato carrega uma característica importante. Lurdinha revela que seu pai não a ensinou a rezar por acreditar que a reza ficaria fraca para ele. Em um estudo sobre rezadeiras na cidade de Itabaiana/SE, o pesquisador José Erivaldo Simões de Oliveira (2014) encontrou que alguns rezadores acreditam que ensinar a rezar a outras pessoas pode enfraquecer a sua própria reza. Esses rezadores acreditam que a reza é uma habilidade que é transmitida de forma espiritual, e que o ato de ensinar essa habilidade pode romper a conexão espiritual que eles têm com as forças divinas.

Como não aprendeu com seu pai, Lurdinha relata que as rezas surgiram em sua mente, remetendo a uma aprendizagem intuitiva ou espiritual. Assim como ela, outros rezadores nos contam experiências semelhantes:

tudo que eu aprendi foi da minha memória, graças a Deus, ninguém nunca me ensinou nada de reza, nada. Tudo que eu sei vem de dentro de mim, que Deus me deu o dom. Hoje eu rezo de tudo que você sentir, toda doença que você sentir eu rezo. (...) Desde pequenininha que eu tenho esse dom.
(Zefinha¹⁴, 2023)

13 Lourdes Silva, conhecida como Lurdinha, 58 anos, moradora da zona urbana do município de Poço Verde/SE. Entrevista realizada em 09 de abril de 2023.

14 Josefa Belarmina de Jesus, conhecida como Zefinha, 80 anos, moradora da zona urbana do município de Poço Verde/SE. Entrevista realizada em 12 de outubro de 2023.

tô com 40 anos que eu aprendi a benzer. Benzi não foi ninguém me ensinou, foi aquele papai eterno (levanta as mãos ao céu), graças a Deus. Foi Jesus.

(Deuzinha¹⁵, 2023)

com quantos anos eu benzi a primeira vez eu não me recordo. Agora me recordo que eu com 8 anos já sentia alguma energia, que uma função, uma missão que eu ia ter que cumprir com o tempo, que eu não entendia, mas conversava com minha mãe e ela dizia “meu filho, tenha paciência, tudo no tempo de Deus”. Que Deus me preparou e eu não corri atrás, o povo é que me procurava. Como ontem mesmo, deve ter tido aqui uma média de quase 50 pessoas, que eu comecei sete horas terminei mais de oito horas. E eu não curo, eu costumo dizer as pessoas, eu oro a Deus e peço a ele que me ilumine como orientar as pessoas.

(Seu Fernando¹⁶, 2023)

A afirmação de alguns rezadores de que aprenderam sozinhos, que a reza simplesmente apareceu em suas mentes, evoca uma conexão implícita com o conceito de mediunidade. A mediunidade é a capacidade de uma pessoa de servir como um intermediário entre o mundo espiritual e o mundo físico, muitas vezes recebendo mensagens, *insights* ou dons espirituais de fontes além da experiência humana comum (Asevêdo, 2013). Mas, houve também o depoimento de Dona Maria¹⁷ que afirma ter ouvido de outro rezador que ela é médium, apesar de ter se declarado como católica:

eu já tinha uns 20 anos e tanto, ou 30. Eu aprendi assim né (levanta as mãos para o céu), eu mesma, Deus que me deu os pensamentos (...) Eu tinha vontade. Eu aprendi quando eu tinha meu filho pequeno, eu ia pra casa dos rezador rezar, quando eu via atenderem com aquelas caras feias eu tinha uma tristeza “meu Deus, quem me dera que eu soubesse rezar pra eu não pedir a ninguém”. Quando é passado um tempo, eu tive doente e fui pra casa de um curador (...) aí ele disse “a senhora é média e é de nascença”, aí já fiquei alegre, eu aprendendo a rezar pra mim tá bom. E aí aprendi assim, não me lembro nem do começo como foi, eu sei que comecei a rezar de dor de dente e depois foi chegando gente e eu já rezava era outra reza diferente (...) Vinha gente de Tobias Barreto, gente de todo canto, era cheio, cheio, agora depois desse negócio, dessa doença veia que teve aí foi que se acabou.

(Dona Maria, 2023)

A prática de benzimento apresenta uma intrincada complexidade, especialmente quando consideramos a figura da rezadeira que, de maneira única, não enxerga contradição em se autodenominar católica e, ao mesmo tempo,

15 Maria Deuzinha da Silva, conhecida como Deuzinha, 68 anos, moradora da zona urbana do município de Poço Verde/SE. Entrevista realizada em 12 de outubro de 2023.

16 Fernando Ferreira Maynard, conhecido como Seu Fernando, moradora da zona urbana do município de Poço Verde/SE. Entrevista realizada em 13 de outubro de 2023.

17 Maria de Souza Sobrinho, conhecida como Dona Maria, 72 anos, moradora da zona urbana do município de Poço Verde/SE. Entrevista realizada em 14 de outubro de 2023.

médium. Esse fenômeno evidencia a fluidez e riqueza das crenças religiosas, destacando como as fronteiras entre tradições podem ser flexíveis. A rezadeira, muitas vezes ancorada em sua fé católica, incorpora elementos de espiritualidade e mediunidade em sua prática de benzimento, sugerindo uma abordagem sincretista. Este fenômeno desafia as categorias rígidas impostas pela religião e incentiva uma abordagem mais inclusiva e holística ao estudo das manifestações espirituais.

Como falado anteriormente, o Brasil Colônia apresentava uma religião sincrética, uma vez que era formada por uma fusão cultural popular entre diversos grupos, como negros, indígenas e portugueses. Essa miscigenação de influências resultou em um cenário religioso complexo e multifacetado (Souza, 1986). As práticas tradicionais adotadas pelas benzedeadas e benzedeados incorporaram essa religiosidade sincrética. Observações iniciais revelam que a maioria dos benzedeados se identifica com a religião católica, mesmo que suas práticas, as representações de santos canonizados ou não, e outras divindades presentes em seus espaços domésticos, indiquem uma convivência harmoniosa entre elementos de diversas origens religiosas (Mendes, Cavas, 2018).

O surgimento do conceito de sincretismo, nas primeiras décadas do século XX, teve uma associação intrínseca a questões religiosas. Entretanto, o uso histórico inadequado do conceito de sincretismo aproximou-o da noção de mistura, transformação e deterioração de culturas, perdendo, assim, pureza e autenticidade. O conceito de sincretismo associado à dominação colonial há muito tem recebido críticas porque considera o sincretismo como o encontro entre culturas de maneira harmoniosa, sem conflitos, negligenciando as potenciais (re)significações ocorridas no processo e toda a sua dinâmica (Conceição, 2011).

Canclini foi um teórico pioneiro na discussão sobre o hibridismo, preferindo chamá-lo de hibridação, considerando-o um conceito libertário, fertilizador e criativo, adequado para a análise de sociedades multiculturais surgidas na América após o projeto colonizador europeu (Mendes, Cavas, 2018).

Nos contextos mencionados, as práticas tradicionais das rezadeiras e rezadores se desenvolveram e preservam a devoção aos santos católicos, às entidades da umbanda, aos orixás do candomblé, e outras representações da cultura religiosa popular brasileira. Nesse caso, o hibridismo religioso se manifesta

como parte integrante da cultura popular, mesclando principalmente o catolicismo popular com elementos das religiões afro-brasileiras e indígenas. Essa forma popular de interação com o sagrado é reconhecida como uma das manifestações mais tradicionais no Brasil e, desde o período colonial, destaca-se pela devoção aos santos (Mendes, Cavas, 2018).

Da mesma forma, quando um rezador relata que a reza surgiu intuitivamente em sua mente, pode-se interpretar isso como um momento de mediunidade, onde as palavras e rituais podem ter sido inspirados por influências espirituais ou intuitivas. Isso pode ser observado através da fala de Deuzinha:

eu porque sou de nascença tenho Cosme e Damião num sabe minha fia, é de nascença. Às vezes eu tava dormindo assim, aí via algo assim, olhava e não via ninguém. Aí já sabia aquela reza. Quando era de noite passava assim (gesticulou como se passasse algo), ensinando a reza, de noite. Ensinando a eu, dor de cabeça, dor de dente, tomação, espinhela caída, tudo. Olhava pra ver e não via ninguém. Eu dizia: “Valeime meu Deus, minha Nossa Senhora, eu vou ver se eu rezo em alguém se eu sei”. Aí eu rezava e todo mundo se dava bem (...) Tinha 12 anos.
(Deuzinha, 2023)

Nesse depoimento, a rezadeira afirma ter recebido o dom de benzer através dos santos São Cosme e Damião. A devoção a Cosme e Damião é muito forte no Brasil, especialmente no Nordeste. Os santos são considerados protetores das crianças e da saúde, e são frequentemente invocados em pedidos de cura e proteção. A presença desses santos pode ser observada em seu altar:

Figura 15 - Altar de Deuzinha



Fonte: acervo da autora (2023).

Na figura 14, Deuzinha reflete sua fé através velas, flores artificiais e quadros com imagens dos santos São Cosme e Damião, Santa Maria, São Jorge e Santa Imperatriz dos Campos.

Segundo a tradição cristã, São Cosme e Damião foram dois médicos cristãos árabes que viveram no século III d.C. Se estabeleceram na Síria para estudar e depois exercer a profissão de médicos. Após se converterem ao cristianismo, Cosme e Damião começaram a praticar a medicina de forma gratuita, sem cobrar nada das pessoas. Eles ficaram conhecidos por sua compaixão e por sua capacidade de curar doenças graves. Por causa de sua fé cristã, Cosme e Damião foram presos e condenados à morte pelo imperador romano Diocleciano (Dias, 2014).

A Igreja Católica canonizou Cosme e Damião como santos no século VI. Eles são considerados os padroeiros dos médicos, dos farmacêuticos e das faculdades de medicina. O dia de São Cosme e Damião é comemorado pela Igreja Católica no dia 26 de setembro (Dias, 2014).

Nas religiões afro-brasileiras, como o candomblé e a umbanda, São Cosme e Damião são sincretizados com os orixás Ibejis, divindades gêmeas que representam a infância, a alegria, a brincadeira e a proteção. Os Ibejis são considerados os protetores das crianças e das famílias. Eles são frequentemente invocados para trazer saúde, felicidade e prosperidade às crianças. No dia 27 de setembro, é comemorado o Dia de Cosme e Damião, uma data muito importante para as religiões afro-brasileiras. Nessa data, são realizadas festas e celebrações em homenagem aos Ibejis através da oferta de caruru e doces para as crianças (N'dala, 2013).

São Cosme e São Damião representam um exemplo notável de hibridação religiosa no Brasil, onde a devoção católica se fundiu com tradições religiosas africanas, resultando em uma celebração popular única e significativa. Como afirma Luiz Antônio Simas (2019, p. 30), “O encontro entre o orixá Ibeji e os santos médicos cristãos é um golaço marcado nas encruzilhadas bonitas da vida”. A relação entre esses seres espirituais representa a união de duas culturas e tradições religiosas diferentes. É uma forma de expressar a diversidade e a riqueza do povo brasileiro.

Também em relação a mediunidade, foi observado que uma das entrevistadas possui um pequeno quarto na varanda de sua casa, que é dedicado exclusivamente para a realização do benzimento. Nele, há um grande altar com inúmeras esculturas de santos e orixás. Ao ser perguntada sobre a possibilidade de tirar uma foto desse local, D. Maria recusou dizendo que existem pessoas com boas e com más intenções que porventura pudessem ver esta foto. Claramente, seu pedido foi acatado. Porém, a questão a ser levantada é que ela revela que poderia rezar em qualquer lugar, caso fosse necessário, mas somente nesse quarto ela consegue receitar algo a mais para a pessoa:

se eu rezar fora eu não sei lhe passar um remédio, não vou lhe passar um banho (...) e aqui dentro eu já tenho minhas pessoas que já me espera lá dentro, meus ajudantes né, já tão ali dentro pra me ajudar. Aí eu passo o banho que você precisa, passo um chá se você precisar.

(Dona Maria, 2023)

Essa fala revela que Dona Maria recebe auxílio espiritual para ajudar a pessoa que está sendo benzida. Essa relação entre a intuição espiritual e a prática do benzimento destaca a complexidade das crenças e experiências espirituais, já

que todos os entrevistados declararam firmemente serem católicos. E a mediunidade é um conceito mais associado a religiões como o espiritismo, o candomblé, a umbanda, e práticas xamânicas, onde a comunicação com entidades espirituais desempenha um papel central. Isso se deve ao longo período histórico onde negros, índios e brancos formaram um intrincado conjunto de crenças, conhecimentos e rituais. Esses rituais originários das tradições indígenas e africanas se entrelaçaram com o catolicismo e as tradições mágicas e religiosas europeias, constituindo tais práticas tão ricas e complexas (Santos, 2005).

Essa complexidade pode ser observada também no altar da rezadeira Maucinha, disposto na Figura 15:

Figura 16 - Altar de Maucinha



Fonte: acervo da autora (2023).

A figura 15 representa um pequeno altar dentro do quarto de Maucinha, com uma escultura representando Iemanjá e um copo com água. Ela nos revela deixar um copo com água e acender uma vela todos os sábados para Iemanjá. Iemanjá, a deusa do mar e das águas, ocupa um lugar central nas tradições religiosas afro-brasileiras, especialmente no candomblé e na umbanda. Sua influência se estende além da religião, encontrando-se também como uma importante figura da cultura popular. A devoção a Iemanjá claramente revela uma interação cultural, visto que Maucinha se identifica como católica. Essa flexibilidade é resultado, principalmente, da assimilação de diversas concepções culturais.

Apesar dos rezadores se identificarem expressamente como católicos, é evidente que no âmbito das benzeções diversos elementos dos cultos afro-brasileiros estão presentes. Na prática, as benzeções incorporam elementos cruciais herdados do contexto africano e indígena, incluindo a influência de entidades religiosas que desempenham papel no processo de cura, bem como o conhecimento e utilização de plantas medicinais (Conceição, 2011).

Iemanjá é originalmente a divindade associada às águas doces e salgadas, representando a essência materna da água, fonte de vida. Considerada uma mãe virtuosa, ao mesmo tempo alegre e graciosa, no Brasil, ela é frequentemente identificada com Maria em diversas representações. Maria e Iemanjá representam, juntas, aspectos do arquétipo feminino, sendo caminhos diferentes que conduzem ao mesmo arquétipo. Para os negros escravizados, vivendo em condições adversas e sub-humanas, a busca por alento e acolhida era uma necessidade profunda. A figura de Maria, com sua história como mãe de Deus, encontrava semelhanças com Iemanjá, proporcionando uma fusão das duas figuras para invocar a proteção amorosa de uma e fonte de resiliência da outra, reverenciando ambas nos mesmos rituais (Seixas, 2018).

Da riqueza simbólica de Iemanjá, destacaremos agora a particularidade do altar do rezador Eronides:

Figura 17 - Altar de Eronides



Fonte: acervo da autora (2023).

Neste altar, podemos observar a presença também de São Cosme e Damião, de Santa Maria, São Jorge e, mais evidentemente, de Padre Cícero e Frei Damião, considerados santos populares (Oliveira, 2014). Esses santos populares nos altares de rezadores são uma representação da devoção e respeito que esses líderes religiosos inspiram na região nordeste do Brasil, especialmente no sertão. Padre Cícero e Frei Damião desempenharam papéis importantes na história religiosa e social da região, e sua presença nos altares dos rezadores servem como uma conexão direta com a tradição e os ensinamentos que eles transmitiram ao longo das gerações.

Padre Cícero Romão Batista foi um influente líder religioso brasileiro nascido em 1844, no Crato, Ceará. Foi ordenado sacerdote em 1870 e logo ganhou uma grande base de seguidores devido ao seu carisma e atividades pastorais. Ganhou renome como um padre profundamente comprometido com a comunidade do sertão,

sempre pronto para servir, atento e um conselheiro exemplar das pessoas, disposto a trabalhar na capela mais humilde da diocese. Em 1889, ele teria testemunhado o que foi considerado um milagre envolvendo hóstias que sangraram, o que reforçou ainda mais sua influência. Após esse período, sua atividade pastoral se centralizou no aconselhamento das pessoas que o buscavam, tornando-se conselheiro, benzedor e curador. Seu caráter carismático e seu papel na fé popular nordestina continuam a inspirar devoção e celebrações até os dias de hoje. Padre Cícero faleceu em 1934, mas sua memória permanece viva entre seus seguidores (Santos, 2021).

Frei Damião de Bozzano foi um frade italiano que se tornou um influente líder religioso no Nordeste do Brasil. Nasceu em 1898 em Bozzano, na Itália, e ingressou na Ordem dos Frades Menores Capuchinhos. Frei Damião chegou ao Brasil em 1931 e dedicou sua vida ao trabalho missionário, percorrendo cidades do nordeste, principalmente no sertão, pregando o catolicismo e a devoção popular. Sua mensagem enfatizou a penitência, a devoção a Nossa Senhora e a importância da oração (Santos, 2021).

A chegada dos colonizadores portugueses ao que posteriormente seria denominado Brasil resultou em atos de extrema violência contra diversos grupos populacionais, notadamente os povos indígenas nativos da terra e as numerosas etnias africanas trazidas como escravos, que eram privados de seus direitos fundamentais. Mesmo quando agrupados em diferentes etnias, os africanos, apesar das crueldades e abusos que enfrentavam, buscavam, de maneira consciente ou inconsciente, maneiras práticas de resolver seus problemas cotidianos, incluindo a prática de seus rituais religiosos. Com o tempo, eles se familiarizaram com o contexto católico e, assim, conseguiram adaptar, reinterpretar e mesclar elementos culturais e religiosos de suas tradições ancestrais com o sistema católico. Essa forma de conciliar dois mundos religiosos distintos permitiu-lhes preservar suas práticas religiosas tradicionais, ainda que influenciadas pelo sistema católico (Romão, 2018).

Figura 18 - Altar de Seu Fernando



Fonte: acervo da autora (2023).

No altar de Seu Fernando, destaca-se uma diversidade notável de imagens sacras, abrangendo representações da Sagrada Família, São Jorge, Nossa Senhora Aparecida, Santo Expedito, Iemanjá, preto velho, entre outras. Isso reflete uma abordagem pluralista e inclusiva, incorporando elementos de diferentes tradições religiosas. A presença da Sagrada Família e dos santos católicos indica uma conexão com a espiritualidade cristã, enquanto a inclusão de Iemanjá e preto velho sugere um vínculo com as religiões de matriz africana. Essa combinação de símbolos sacros denota uma hibridação de crenças, destacando a riqueza e a complexidade da espiritualidade do rezador.

Neste tópico, exploramos os fundamentos da prática de benzimento entre os rezadores, examinando não apenas suas origens, mas também as características distintivas que emergem a partir de suas narrativas e da observação cuidadosa de seus altares. Ao documentar o início desses rezadores nesse caminho espiritual, identificamos elementos marcantes que se entrelaçam com as tradições das religiões afro-brasileiras. A presença do termo "mediunidade", o contato estreito com santos e guias espirituais, bem como a existência de imagens de orixás e pretos velhos em seus altares, oferecem pistas significativas sobre a rica sinergia entre a fé católica e as influências das religiões afro-brasileiras. Essa interseção de crenças e práticas ilustra a complexidade e a fluidez das experiências espirituais, enfatizando a necessidade de abordagens mais inclusivas e contextuais ao investigar as manifestações religiosas no cenário brasileiro.

3.2 O ritual em cena

Na segunda categoria de análise, adentraremos o fascinante universo do ritual do benzimento, explorando a preparação do rezador para esse ato espiritual e curativo. Investigaremos os instrumentos empregados e os horários considerados propícios para a realização do benzimento. Além disso, examinaremos aspectos relacionados à remuneração do rezador pelo serviço prestado, analisando se existe uma prática de troca ou reconhecimento por parte daqueles que buscam auxílio espiritual. Buscaremos também compreender se, após o benzimento, há o repasse de receitas ou orientações específicas aos benzidos, revelando os aspectos práticos e instrucionais dessa prática ancestral. Essa análise detalhada nos proporcionará percepções valiosas sobre os rituais associados ao benzimento, destacando a riqueza cultural e espiritual envolvida nesse processo.

Inicialmente, alguns indivíduos compartilharam detalhes sobre a preparação que antecede o momento do benzimento:

a primeira coisa é você se benzer primeiro. Você se benzer e ver, na hora de tirar o ramo, você vê que aquela pessoa tá muito carregada. Então você tem que se benzer, se não você vai puxar tudo pra você.
(Lurdinha, 2023)

me preparo, eu rezo pra fechar meu corpo.
(Dona Maria, 2023)

Os depoimentos acima revelam a importância dada as rezadeiras a prática de “fechar o corpo” para se proteger das energias que porventura venham a acometê-las durante o benzimento, como o mau olhado, a inveja e o ataque espiritual. Segundo Mariana de Carvalho Ilheo (2017, p. 111), fechar o corpo seria “adquirir imunidade a doenças e quaisquer males do corpo e do espírito, por processos mágicos; fica-se com o corpo fechado.” Através da oração, o benzedor invoca as forças da fé para se proteger dessas influências negativas, como nos retrata Dona Lili e Seu Fernando:

a gente tem que rezar as oração pra Deus nos livrar, porque se for pra nós rezar com o corpo em aberto direto minha fia... Antes de você levantar da cama, você já se entrega a Jesus com as oração que Deus Nosso Senhor ensinou (...) Não é todo sofrimento que a pessoa pode rezar sem se prevenir.
(Lili, 2023)

aqui eu inicio chamando pelo pai, filho e espírito santo, fazendo as orações que ele nos ensinou como o Pai-nosso e a Ave-maria.
(Seu Fernando, 2023)

A partir das falas dos rezadores, podemos perceber o poder da oração e, mais especificadamente, da palavra. Por meio do poder da palavra, o mal é repellido. Sob essa ótica, a palavra proferida adquire o peso de uma ordem ou de uma sentença, tornando-se o componente fundamental do ritual (Oliveira, 2014). A potência da palavra reside na compreensão de que a eficácia na cura de determinados males está intrinsecamente ligada à habilidade do curador em utilizar com destreza as palavras (encantamentos) adequadas para uma situação específica (Santos, 2005).

Em relação ao ritual, a maioria (14 rezadores) diz utilizar três galhos de algum ramo verde, podendo ser de qualquer espécie. Porém, alguns declararam a preferência por vassourinha (*Scoparia dulcis*) ou pinhão-roxo (*Jatropha gossypifolia*). Além dos ramos, observa-se o uso de uma garrafa com água para a reza de sol e sereno, que é colocada acima da cabeça da pessoa a ser benzida. E na reza da “vermelha”, usa-se a cebola roxa. Podemos observar em alguns relatos a frequente referência à planta vassourinha:

pra gente passar o ramo assim em qualquer coisa, em qualquer pessoa, ou até num criatório, é os galhos de bassourinha, uma planta que chama bassourinha. Tem também pedegoso, mas eu gosto de rezar mais com a bassourinha.
(Maucinha, 2023)

eu pego um galhinho de folha, rezo (gesto de cruz), reza lendo aquela oração que eu não decorei. Com a planta vassourinha, qualquer planta, mas a melhor mesmo é a vassourinha.
(Araci, 2023)

o certo diz que é com vassourinha né, mas é qualquer mato verde. Rezo com a garrafinha pra dor de cabeça.
(Lucinha¹⁸, 2023)

A vassourinha (*Scoparia dulcis*), também conhecida como vassourinha-doce, é uma planta que desempenha um papel significativo em rituais de benzimento e práticas de cura tradicionais em algumas culturas. É frequentemente utilizada em rituais de benzeção para purificar e limpar energias negativas de uma pessoa. Acredita-se que a vassourinha tenha propriedades de purificação e limpeza espiritual, ajudando a remover influências negativas, como o mau-olhado, a inveja e

18 Lúcia Alves Oliveira, conhecida como Lucinha, 65 anos, moradora do povoado Borrocões em Poço Verde/SE. Entrevista realizada em 15 de outubro de 2023.

o quebrante. Sua significância espiritual deve-se ao fato de ser uma planta consagrada a Nossa Senhora (Araújo, 2019).

Em outros relatos, podemos observar que, além da preferência pela vassourinha, há também pelo pinhão roxo:

pode ser qualquer folha verde, agora tem mais o especial mesmo, que é o pinhão roxo, tem a vassourinha... Uso só o ramo, e as oração.
(Lurdinha, 2023)

pinhão roxo, vassourinha de Nossa Senhora, tira aqueles três olhos e reza.
(Maria Correia, 2023)

de olho eu rezo de ramo, pode ser qualquer um, pinhão roxo é o mais melhor de todos.
(Deuzinha, 2023)

O pinhão-roxo (*Jatropha gossypifolia*) é utilizado na medicina popular e em rituais de natureza mística ou religiosa. É empregado como um meio de afastar o mau-olhado e, na perspectiva das religiões de matriz africana pode ser utilizado para benzer e para purificar o corpo, possuindo grande importância na cultura popular brasileira (Araújo, et al, 2023). O uso da arruda também foi citado, assim como de outros materiais:

um galho verde pra rezar de olhado, de sol e sereno é com água, uma garrafinha de água, e da isipa é com cebola vermelha e vinagre. Ou arruda, ou vassourinha ou qualquer galhinho de mato que seja um matinho verde e das folhinhas comprida.
(Vanice, 2023)

o ramo, frasquinho cheio de água, uma cebola vermelha. Dependendo o sofrimento da pessoa (...) A cebola vermelha é pra rezar da vermelha. Corta aquela cebola em cruz e fica passando e dizendo aquelas palavra tudo (...) Qualquer ramo de folha verde, três olhinho de folha pra rezar de olhado, ou três folhinhas de arruda ou de qualquer coisa. Foi verde... só não seco.
(Lili, 2023)

A arruda (*Ruta graveolens*) é empregada em rituais de afastamento de maus fluidos, como nos benzimentos e bate-folhas. Sua utilização visa repelir energias ligadas ao mau-olhado, inveja e má sorte, proporcionando segurança e eliminando influências energéticas desarmoniosas (Dantas, 2023).

Contudo, a opinião unânime entre os entrevistados foi a de que, independentemente do tipo de planta, qualquer ramo de folhas verdes é adequado:

três galhinhos de folha verde, pode ser qualquer folha, foi verdinha.
(Lôra, 2023)

eu rezo com folha verde (...) Uso só a planta. Garrafa eu uso também, na reza de sol e sereno, tem a garrafinha.
(Marizete, 2023)

qualquer um galho que você pegar, o que vale é a reza (...) três galhinhos.
(Eronides, 2023)

três raminhos de mato, qualquer um.
(Maria de Dedé, 2023)

eu uso galho, folha... qualquer folha, só não folha de espinho.
(Dona Maria, 2023)

Durante o ritual de benzimento, esses ramos têm o propósito de limpar o mal enraizado em uma pessoa, principalmente quando originados de sentimentos como ciúmes, inveja e mau olhado. Eles são empregados para abençoar, purificar o corpo e são elementos essenciais nos preparativos de chás medicinais e banhos energéticos (Oliveira, 2014).

O uso de ramos em rituais de benzeção pode ser relacionado ao conceito de fitoenergética, conforme proposto pelo terapeuta Bruno Gimenes. De acordo com a fitoenergética, as plantas possuem energias que podem ser utilizadas para equilibrar e harmonizar o corpo, a mente e o espírito. No contexto da benzimento, os ramos servem não apenas como elementos físicos, mas também como transportadores das energias e propriedades das plantas utilizadas. Assim, a fitoenergética incorpora a ideia de que as plantas têm energias que podem ser usadas para promover a cura, o equilíbrio e a proteção (Gimenes, 2019).

Apesar de grande parte dos entrevistados citar o uso de ramo durante a prática, dois participantes não utilizam. Seu Fernando possui um terço grande em cima de uma mesa e pede apenas para que a pessoa coloque a mão dentro desse terço. Segundo ele, os instrumentos que utiliza são:

eu uso muito aqui a água, que água é vida (...) Uso o perfume seiva de alfazema e faço esse barrufo (aperta um spray) como uma purificação porque quando você chega num ambiente perfumado, com coisas da natureza, como a alfazema, que é uma planta que vem da natureza, você sente uma energia boa.
(Seu Fernando, 2023)

Segundo Dantas (2023), a alfazema (*Lavandula officinalis*) desempenha um papel no plano astral ao dissipar maus fluidos e energias negativas nos ambientes. É utilizada para práticas de meditação e limpeza geral, promovendo a clarividência e afastando larvas astrais. Seus benefícios incluem o estímulo da alegria, o alívio de dores de cabeça, insônia, ansiedade e depressão, além de proporcionar relaxamento e tranquilidade mental. Também contribui para afastar sentimentos de raiva e tensão, promovendo harmonia nos negócios e relacionamentos.

Na figura abaixo, representamos o ritual desenvolvido por Seu Fernando, com a mão da pessoa a ser benzida posicionada dentro do terço:

Figura 19 - Benzido por Seu Fernando com a mão no terço



Fonte: acervo da autora (2023).

Segundo Seu Fernando, “O terço é uma corrente de oração para as pessoas colocarem a mão e se sentir seguro através da palavra de Deus”. Isso sugere que o terço é percebido não apenas como um objeto físico, mas como um instrumento espiritual que oferece conforto e proteção por meio das práticas de oração e da conexão com o sagrado. O terço representa um legado espiritual da Igreja Católica, sendo formado por diversas orações, incluindo o Credo, o Pai Nosso, a Ave Maria e a Salve Rainha (Oliveira, 2014). Porém, durante o ritual de benzimento de Seu

Fernando, seu uso é predominantemente simbólico, com o benzido colocando a mão sobre ele, sem a recitação completa das orações do terço.

A rezadeira Zefinha declarou que também não utiliza ramo para benzer:

nada, eu não pego um ramo. Às vezes alguma pessoa pega e me dá, eu aceito aquele ramo (...) Mas não precisa. Não precisa ramo nenhum. Com a sua mão mesmo você diz as palavras, diz aquelas palavras.
(Zefinha 2023)

Zefinha afirma que não vê a necessidade de usar um ramo durante o processo de benzeção. Isso pode refletir uma abordagem mais flexível ou pessoal em relação às práticas de benzimento, indicando que o uso de objetos específicos não é considerado essencial para a eficácia do ritual. Essa atitude pode também destacar a importância das palavras e intenções nesse ritual de cura

Grande parte dos rezadores relataram que não há dia ou horário certo para rezar. Essa abertura temporal pode proporcionar uma sensação de disponibilidade espiritual, permitindo que os rezadores estejam prontos para atender às necessidades espirituais daqueles que procuram sua orientação a qualquer momento. Essa forma foi observada nas falas:

não tem dia específico pra rezar, só na data mesmo da precisão.
(Araci, 2023)

qualquer hora do dia, a semana toda, é de noite, madrugada, qualquer hora (...) E qualquer lugar, eu rezo no meio da estrada, em todo canto eu rezo.
(Zefinha, 2023)

qualquer hora do dia ou qualquer hora da noite eu rezo, graças a Deus.
(Lôra, 2023)

Porém, algumas rezadeiras relataram rezarem apenas durante o dia:

pode ser rezada em qualquer dia e qualquer hora que cê quiser, só não pela noite.
(Maucinha, 2023)

qualquer dia, não tem escolha não (...) Bem cedo e de tardezinha.
(Vanice, 2023)

qualquer dia, qualquer hora (...) Até as cinco, passou das cinco eu já não rezo mais.
(Dona Maria, 2023)

Segundo Conceição (2011), não são os parâmetros temporais modernos, medidos em horas, minutos e segundos, que regem a prática da benzeção, mas sim concepções culturais enraizadas no tempo divino, destacando uma conexão mais profunda entre o ato de orar e a natureza cíclica do tempo. O ato de orar não se sujeita aos padrões cronológicos da era moderna, mas encontra-se intrinsecamente ligado aos ciclos naturais, como evidenciado pelo caso do sol. Em épocas inverniais, quando a noite se antecipa, a benção também se ajusta a esse fenômeno, enquanto nos dias de verão, quando o anoitecer demora, rezadeiras e rezadores prolongam o ritual, em sintonia com a expansão do dia proporcionada pela natureza.

Já outros, fazem a escolha de alguns dias específicos por questão de organização, de acordo com a preferência pessoal do rezador:

todo dia é santo, todo dia é sagrado, todo minuto da vida nossa, ou segundo. Agora, eu dei uma preferência mais as terças e quintas porque queira ou não queira isso traz um desgaste físico e mental, eu tô com os pés inchados porque passei ontem o dia sentado e eu tenho problema de circulação por causa do diabetes. Então, pra diminuir um pouco a minha carga, eu falei as terças e quintas. Aí começo sete horas, agora tem dias que vai terminar dez horas, que eu gosto de atender cada um com a necessidade de cada.
(Seu Fernando, 2023)

os meus dias de rezar certo é quarta e sexta. Só rezo pela tarde, o sol vai baixando. Foi os dia que eu escolhi (...) Eu rezo em qualquer lugar.
(Marizete, 2023)

Outra unanimidade encontrada nesse trabalho é a não cobrança pela prática, fato também corroborado pelas pesquisas realizadas anteriormente. Os rezadores são pessoas simples e altruístas que oferecem seus serviços sem cobrar por eles. Sua motivação advém de uma genuína vontade de ajudar o próximo e não uma busca por compensação financeira (Oliveira, 1985). As entrevistadas Lôra e Maria, dizem:

eu não recebo, eu não vou trocar a reza por bem nenhum. A reza é Deus que fez a gente aprender em quem precisa.
(Maria Correia, 2023)

não, as palavras de Deus ninguém cobra, ninguém se vende. Um dia uma senhorinha mandou pedir pra eu ir lá na casa dela benzer ela, que ela tava ruim, bem doente, eu fui. Benzi essa mulher, ela se deu tão bem. Quando foi no outro dia, não... uns três dias, eu caminhei três dias pra lá benzendo ela. Quando ela se deu bem, quando chegou aqui o marido dela com uma nota de cinquenta reais, que ela

disse que mandava pra mim, eu disse “não senhor, pode levar o dinheiro dela e diga a ela que as palavras de Deus não se vende, ela compre de remédio pra ela usar, agora pra eu receber dinheiro de ninguém eu recebo”.
(Lôra, 2023)

A recusa em receber qualquer recompensa material pela reza destaca a natureza desinteressada e altruísta dessa prática, reforçando a ideia de que a motivação principal é servir aos outros através da intercessão espiritual. Evidencia-se o caráter solidário da prática. Os rezadores não solicitam remuneração por seus serviços. Na realidade, praticam o ator de benzer com um interesse primordial em expressar solidariedade e compaixão com aqueles que necessitam do seu atendimento. De maneira unânime, concordam que não se deve associar a palavra de Deus a motivações financeiras (Conceição, 2011).

Apesar de não definirem um valor financeiro, outros entrevistados relatam que recebem alguma quantia em dinheiro ou produtos como velas, seiva de alfazema, sabonetes, entre outros, porém não definem um valor fixo. Foram relatados:

a pessoa dá o agrado que quiser né. Eu não digo “é tanto a reza” não.
(Eronides, 2023)

eu não cobro nada. As palavras é de graça. Mas às vezes o povo me dão presente, às vezes me dão dinheiro.
(Zefinha, 2023)

agora tem uma coisa, que cobrar eu não cobro de ninguém, que as palavras de Deus não se vende (...) Se for pra me pagar, eu não recebo, agora presente eu tenho recebido muito graças a Deus, de vez em quando eu tenho recebido um corte de pano, um frasco de seiva de alfazema...
(Lili, 2023)

as pessoas às vezes contribuem com uma coisa porque a gente compra alfazema, compra vela, mas aqui ninguém tem taxa a pagar e é atendido todos por igual, seja de qualquer nível ou padrão social ou financeiro, aqui eu atendo a todos por igual.
(Seu Fernando, 2023)

se me der, eu recebo, e se não me der, eu não recebo também (...) Eu rezo de graça pra quem não tem e quem quiser agradar eu vou receber né, uma gorjetinha, um sabonete, o que quiser dar. Mas cobrar mesmo assim eu não cobro não.
(Maria de Dedé, 2023)

recebo o que você me dá. Não é cobrança, é o que você dá, o que você puder dar porque eu preciso de vela, eu preciso de alfazema,

eu preciso de caderno, eu preciso de caneta, preciso de tudo né (...)
 Você me dá o que você quiser, o que você puder e o que você
 pensar no seu coração.
 (Dona Maria, 2023)

Alguns deles reconhecem a existência de uma troca simbólica entre eles e os enfermos, destacando-se o carinho e a gratidão como elementos fundamentais. É comum que os pacientes expressem sua apreciação presenteando os benzedores com pequenos mimos, como réplicas de santos, velas, entre outros. Essa prática contribui para o estabelecimento de um vínculo duradouro, onde o sentimento de gratidão pode ser manifestado de diversas maneiras (Conceição, 2011).

A maioria dos participantes relatou que o seu ritual se limita à prática da reza, não dando nenhuma recomendação posterior ao benzido. No entanto, alguns entrevistados mencionaram a inclusão de recomendações adicionais para o indivíduo, tais como sugestões de chás ou banhos:

na reza vê que tá precisando de um banho. Se eu rezar em você, pode você não precisar. Não sabe se é erva, se é um perfume, se é um alho, se é um sal...
 (Lurdinha, 2023)

passo banho. Só sei na hora que tô rezando é que eu sei o que vou passar, banho, defumador, essas coisas.
 (Dona Maria, 2023)

se o olhado tiver brabo demais, toma um banho de nove olho de cidreira, pega e cozinha os nove olho, bota um pouco de sal, que o sal é retirador dessas coisas também, e se quiser derramar na cabeça bem, se não, você derrama daqui pra baixo (indicou do pescoço para baixo), já limpa.
 (Maria Correia, 2023)

De acordo com Oliveira (2014), a utilização de banhos nos rituais é interpretada como uma prática destinada a afastar o mau-olhado, revitalizar o corpo cansado ou enfraquecido, e remover obstáculos que possam estar presentes nos negócios ou na vida amorosa. Os banhos constituem práticas que empregam as energias dos elementos com o propósito de modificar o campo energético que nos envolve, visando sempre ao nosso bem-estar físico e espiritual. Esses banhos possuem diversas finalidades, incluindo energização, defesa e descarrego (Dantas, 2023).

Os banhos de descarrego têm a função de liberar nossos corpos de excessos de energias, reestabelecendo o equilíbrio entre corpo, mente e espírito. Esta prática

visa limpar o campo magnético e eliminar larvas astrais que se fixam magneticamente na aura, proporcionando uma purificação completa das baixas vibrações. Algumas ervas utilizadas em banhos de descarrego incluem aroeira, arruda, guiné, casca de alho e pinhão-roxo. Já os banhos de energização têm como objetivo equilibrar e calibrar as energias dos corpos individuais, impregnando-os com a energia necessária. Essa prática ativa e revitaliza os centros energéticos, regenerando a aura. Ervas como rosas em geral, alfazema, erva-cidreira, jasmim, colônia, camomila, folhas de romã e canela são exemplos comuns em banhos de energização (Dantas, 2023).

Todos os participantes da pesquisa também deixaram claro o que é primordial para a prática: a fé. Essa ênfase na importância da fé reflete a compreensão de que a eficácia do benzimento está intrinsecamente ligada à convicção e confiança depositadas tanto pelo rezador quanto pela pessoa que busca a cura. Como afirmam os entrevistados, a fé é um alicerce indispensável nas práticas de benzimento:

tem que cê rezar e ter fé.
(Eronides, 2023)

graças a Deus, não é eu que curo ninguém, é Deus. É Deus, eu não curo ninguém. Agora quem acreditar, que crer em Deus, que tiver com ele, é curado.
(Lili, 2023)

quanto mais você traz fé, mais me dá fé, mais eu tenho força.
(Dona Maria, 2023)

A fé desempenha um papel primordial nos rituais de benzeção e em muitos outros rituais religiosos, conforme observado por diversos antropólogos. A fé é o alicerce sobre o que estão relacionados com as implicações e práticas religiosas, incluindo o benzimento. Segundo Hoffmann (2012), a fé precisa de vir de três pilares: da benzedeira, da pessoa a ser benzida e do coletivo. A confiança do paciente ou cliente no processo e na capacidade da benzedeira, que é vista como alguém abençoado pelos dons divinos, juntamente com o reconhecimento da comunidade, ajuda-os a ter um papel essencial na eficácia do processo de cura.

À medida que exploramos os detalhes do benzimento, desde a preparação do rezador até a utilização de elementos simbólicos, horários específicos e o papel fundamental da fé, torna-se claro que o benzimento transcende o plano físico,

adentrando dimensões simbólicas e espirituais, onde a palavra, a intenção e a crença desempenham papéis cruciais. No tópico subsequente, direcionaremos nossa atenção para uma análise aprofundada das rezas, desvendando as palavras carregadas de significado proferidas pelos rezadores durante os rituais de benzimento.

3.3 As rezas

Neste momento, iremos reproduzir e analisar as rezas transmitidas pelos rezadores poço-verdenses. Essas rezas desempenham um papel fundamental na vida espiritual e cultural dessa comunidade, refletindo não apenas a sua fé, mas também a sua conexão com as tradições religiosas e os rituais de cura. Através da apresentação e análise dessas rezas, buscamos lançar luz sobre a riqueza e a complexidade das práticas de benzeção em Poço Verde.

O ato de rezar é uma prática carregada de simbolismo. A oração é uma forma de pedir proteção para o benzido, seja das mazelas físicas, emocionais ou espirituais que o afligem. Nesse sentido, a benção, que é um ato de oração específico, pode ainda ter um efeito de exorcização do mal, reparando a tragédia, a dor, a aflição e o sofrimento (Oliveira, 1985).

Alguns rezadores preferiram não divulgar as rezas, seja pela crença de que ao ensinar a “reza fica fraca”, seja pelo de fato não saber uma reza específica e apenas utilizar sua intuição para falar determinadas palavras no momento da prática. Na fala de Eronides, observamos um certo receio em ensinar a oração pela crença de que, após ensinar, não saberia mais como rezar:

mas eu não posso ensinar (...) porque eu aprendi rezar não foi que ninguém ensinou, foi de família né, os guia, porque se eu rezar aqui e ensinar quando pensar que não, eu volto pra trás e já não sei o que dizer mais. É assim. E na hora que eu tô rezando eu sei descobrir tudo.

(Eronides, 2023)

A declaração do rezador, indicando que se ele ensinar, não vai mais saber rezar, sugere que a formalização do ensino poderia diluir ou alterar a autenticidade e a profundidade de sua própria experiência espiritual. Já na declaração de Zefinha, ela afirma que não sabe ensinar:

eu não sei dizer. Você reza um Pai-Nosso, uma Ave-Maria, não sei... Na hora que eu vou orar na pessoa Deus dá aquela graça, aí eu digo aquelas palavras.
(Zefinha, 2023)

A fala de Zefinha sugere uma abordagem espiritual que é mais intuitiva e espontânea do que seguir uma fórmula predefinida. Ela expressa uma ligação direta com a espiritualidade, afirmando que na hora da oração, as palavras vêm de uma inspiração divina ou graça concedida por Deus. A menção de rezar um Pai-Nosso e uma Ave-Maria, seguido de um "não sei", indica que ela não segue rigidamente uma sequência específica de orações estabelecidas. Em vez disso, ela confia na intuição e na comunicação direta com Deus para guiar suas palavras e intenções durante a prática de benzimento. Na fala de Seu Fernando, também percebemos que não há uma reza estabelecida, e sim uma orientação espiritual:

quando eu me concentro e chamo pelo pai, o filho e o espírito santo, amém. Rezo o Pai-Nosso com a Ave-Maria, Santa-Maria, peço ao divino Espírito Santo que me ilumine o que devo orientar aquela pessoa e se tem alguma medicação que lhe aconselhe. Na maioria das vezes, quando as pessoas seguem direitinho, que isso aqui é que nem um médico, você passa uma receita e a pessoa não compra o remédio, não se cura. Agora vi remédios naturais aqui que tem o efeito surpreendente.
(Seu Fernando, 2023)

Seu Fernando utiliza inicialmente a recitação de orações tradicionais, como o Pai-Nosso, Ave-Maria e Santa-Maria. Após isso, a abordagem destaca a busca de orientação divina, complementada pelo pedido ao Divino Espírito Santo para iluminar o aconselhamento e indicar potenciais intervenções, incluindo sugestões de medicamentos naturais.

Os demais rezadores, ao contrário da abordagem intuitiva e personalizada mencionada anteriormente, adotam um enfoque mais convencional, fazendo uso de orações predefinidas para promover a cura de males físicos e espirituais. Essa distinção entre abordagens ressalta a diversidade de métodos e crenças presentes no universo das práticas de cura espiritual.

Quanto ao tipo de reza, a unanimidade entre todos os entrevistados foi a reza para o mau olhado. Mas, além dessa, outras foram também muito citadas como para erisipela, sol e sereno e fogo selvagem.

A rezadeira Maucinha compartilhou sua reza para mau olhado. Segundo Mariana de Carvalho Ilheo (2017, p. 112), o mau olhado ou chamado também apenas de olhado, é uma “alteração da saúde que se diz causada por influência de olhares maléficos; quebranto, feitiço”. O mau olhado é interpretado como a projeção de energias negativas sobre indivíduos, frequentemente originado pelo ciúme e inveja. Os sintomas associados incluem má vontade, bocejos frequentes e fadiga corporal (Conceição, 2011). A seguir, apresentaremos a reza na íntegra, examinando seus elementos simbólicos e culturais:

(Nome da pessoa), Deus te fez, Deus te curou
 Nas ondas do mar sagrado tu vai cair
 Com dois te botaram, com três que te tiro
 Com os poderes de Deus e da Virgem Maria
 Amém!

Repetir 5 vezes ou 9 vezes. Depois reza Pai-Nosso, Ave-Maria e Santa Maria.

Ofereço esse Pai-Nosso, Ave-Maria e Santa-Maria que eu agora rezei, intenção dos galinhos de São Pedro e os pintinhos de São João, com os poderes de Deus e da Virgem Maria. Amém!
 (Maucinha, 2023)

Essa reza revela a combinação de elementos cristãos, como a referência a Deus, a Virgem Maria, o Pai-Nosso e a Ave-Maria, com elementos mais específicos da cultura popular, como a menção das ondas do mar sagrado. A parte inicial, "Deus te fez, Deus te curou", enfatiza a crença na intervenção divina tanto na criação, quanto na cura. A alusão às ondas do mar sagrado pode estar relacionada a práticas de purificação e limpeza espiritual associadas à água. O uso repetitivo da contagem, seja cinco ou nove vezes, sugere uma ênfase na importância da repetição para fortalecer o poder da reza.

O trecho “nas ondas do mar sagrado tu vai cair” destaca a crença na capacidade transformadora das águas do mar. O mar, na perspectiva espiritual, detém um notável potencial de limpeza e purificação. Confia-se ao mar a responsabilidade de levar embora qualquer mal, doença, azar, inveja, olho gordo, ou outros males, para que jamais retornem ao corpo ou ao espírito da pessoa (Santos, 2005).

É comum que os benzedores tenham um forte apego às práticas religiosas. Isso porque, para eles, a cura é uma intervenção divina, que é mediada por santos

ou guias. As práticas curativas dos benzedores são, portanto, sempre permeadas por um viés religioso (Conceição, 2011).

Como a reza para mau olhado é muito comum, a rezadeira Nita também compartilhou sua oração, que difere em alguns aspectos da reza apresentada anteriormente. Nessa, a rezadeira profere:

Bem-dito, louvado seja
 Nosso Senhor Jesus Cristo
 Assim como Deus deixou a casa de quem não reza
 Tira a usura desse pobre pecador com os poderes de Deus e da Virgem Maria.
 Com dois te botaram, com três eu tiro
 Com os poderes de Deus e da Virgem Maria
 Se for olhado ou quebrante ou o ar excomungado, vá pro fundo do mar
 Com os poderes de Deus e da Virgem Maria
 Amém!

Reza um Pai-Nosso com três Ave-Maria e três Santa-Maria
 Oferece a Nossa Senhora da Saúde e a Nossa Mãe Aparecida.
 (Nita, 2023)

Ambas as rezas compartilham semelhanças em sua estrutura e propósito, enfocando a proteção espiritual, a cura divina e a remoção de influências negativas. Ambas invocam os poderes de Deus e da Virgem Maria, expressando uma forte ligação com a fé cristã. Além disso, ambas incluem a referência às "ondas do mar sagrado", associando a água do mar à purificação espiritual.

O início da oração, com a expressão "Bem-dito, louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo", sinaliza uma reverência ao cristianismo e uma invocação ao divino. A prática de "com dois te botaram, com três que te tiro" em ambas as rezas sugere uma abordagem simbólica para neutralizar ou reverter influências adversas.

A repetição dos poderes de Deus e da Virgem Maria reforça a convicção na intervenção divina para desfazer malefícios. A parte que menciona "olhado", "quebrante" e "ar escomungado" indica a preocupação com influências negativas, possivelmente associadas a olhares malévolos, quebra de energias ou maldições.

A instrução para rezar um Pai-nosso, três Ave-maria e três Santa-Maria, e oferecer às santas, Nossa Senhora da Saúde e Nossa Mãe Aparecida, mostra uma devoção específica a essas entidades religiosas como intercessoras.

Para contribuir ainda mais com essa discussão, compartilhamos abaixo mais uma reza de olhado, da rezadeira Vanice:

Jesus que te fez, Jesus Cristo que te gerou
Jesus Cristo que te formou, Jesus Cristo que no mundo andou
Que tire olhado, quebrante, usura e inveja
Dos ossos, do tutano, dos nervos, do sangue e do corpo de (nome
da pessoa)
Do jeito de andar, do jeito de caminhar, do jeito de dormir
Do jeito de sonhar, do jeito de pensar
Com os poderes de Deus e da Virgem Maria
Amém!

Rezar um Pai-nosso, uma Ave-Maria e uma Santa-Maria e oferecer
ao santo que quiser.
(Vanice, 2023)

Mais uma vez, a reza revela uma estrutura profundamente enraizada na fé cristã, com uma invocação intensiva à figura de Jesus Cristo e à Virgem Maria. A repetição enfática do nome de Jesus Cristo em diferentes contextos, desde a criação até a caminhada no mundo, ressalta a devoção e a importância atribuídas à figura central do cristianismo. A reza busca uma proteção integral ao mencionar a remoção de malefícios como olhado, quebrante, usura e inveja, evidenciando a crença na capacidade de Jesus Cristo de intervir em diversas esferas da vida do indivíduo nomeado.

A especificidade com que a reza menciona ossos, tutano, nervos e sangue destaca uma preocupação com a saúde física do indivíduo. A inclusão do modo de andar, caminhar, dormir, sonhar e pensar amplia a abordagem para além do aspecto físico, sugerindo uma busca por proteção em todos os aspectos da vida cotidiana.

As três rezas compartilham semelhanças notáveis em termos de estrutura, conteúdo e objetivos. Todas incluem invocações a Deus e à Virgem Maria, indicando uma forte conexão com a tradição cristã e a crença na intervenção divina para proteção e cura. Abordam a remoção de olhado, quebrante, usura e inveja. E terminam com a palavra "Amém", indicando a finalização do pedido com fé e confiança.

Apesar das semelhanças, é notável que cada uma tem suas características únicas, como as referências específicas a entidades religiosas e a instrução específica para repetir a reza um número determinado de vezes. As diferenças observadas entre as rezas podem refletir nuances introduzidas pela transmissão oral. Quando as práticas espirituais são transmitidas oralmente, há espaço para interpretação e adaptação por parte dos praticantes ao longo do tempo.

Após a análise detalhada das rezas para mau olhado, analisaremos a reza de sol e sereno. A condição conhecida como sol e sereno está associada a uma dor de cabeça persistente que é desencadeada pelo excesso de exposição ao sol ou ao sereno. Para realizar o benzimento, utiliza-se uma abordagem diferente, que envolve o uso de uma garrafa transparente e de um pequeno pano branco sobre a cabeça do enfermo. Quando há um borbulhar na água contida na garrafa, as rezadeiras afirmam que tal ocorrência indica que a pessoa estava afetada pelo possível mal (Oliveira, 2014). A oração da rezadeira Nita para sol e sereno diz:

São Lucas e São Salvador é os apóstolos de Nosso Senhor
Jesus Cristo, tire o sol, sereno, lua e ré da cabeça de (nome da
pessoa)
Com os poderes e Deus e da Virgem Maria
Amém!

Repete três vezes. Reza Pai-Nosso com três Ave-Maria e três Santa-
Maria. Oferece a Nossa Senhora da Saúde e a Nossa Mãe
Aparecida.
(Nita, 2023)

Trata-se de uma reza curta que se destaca por sua invocação específica a São Lucas e São Salvador, identificando-os como os apóstolos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Essa referência também é observada na reza de Lili, acrescentando-se São Mateus:

Rezar o Pai-Nosso, oferecer a São Lucas, São Mateus, São
Salvador.
Tirai sol, sereno, resta de lua, de estrela, tonticha, zonzura e oferecer
ao santos.

Repetir três vezes ou quatro. Batendo na garrafinha.
(Lili, 2023)

Já na reza de Vanice, são citados São Paulo, São Pedro e São Salvador:

Eu rezo de resta, lua, sol e sereno
São Paulo, São Pedro e São Salvador
Arretire para onda do mar todo mal que tiver na cabeça de (nome da
pessoa)
Amém.

Repete 3 vezes. Rezar um Pai-Nosso, uma Ave-Maria e uma Santa-
Maria e oferecer ao santo que quiser.
(Vanice, 2023)

As três rezas, apesar de serem diferentes, apresentam muitas semelhanças. Em todas as rezas, observa-se a invocação de figuras sagradas, como São Lucas e São Salvador, indicando uma base cristã na prática espiritual. Além disso, há uma ênfase consistente na remoção do sol e sereno, apontados como uma condição que surge na cabeça da pessoa, por isso as rezas incluem “tire o sol, sereno, lua e ré da cabeça” e “arretire para onda do mar todo mal que tiver na cabeça”. A repetição ritualística é uma característica também presente em todas as rezas.

Nesta reza é utilizada uma garrafa de vidro cheia de água, posicionada acima da cabeça da pessoa a ser benzida, com o auxílio de um pano branco, como é retratado na figura a seguir:

Figura 20 - Benzimento de sol e sereno



Fonte: acervo da autora (2021).

Durante o procedimento, ao mesmo tempo em que pronuncia a reza, a rezadeira vai dando pequenas batidas na garrafa. A origem da dor de cabeça é determinada pelo sol ou pelo sereno, conforme indicado pelo padrão de borbulhar observado na garrafa utilizada durante o ritual de cura. Quando ocorre um "borbulhar

graúdo", a dor é associada à exposição solar. Em contrapartida, um "borbulhar miúdo" indica que a dor tem origem no excesso do sereno noturno (Oliveira, 2014).

Outro tipo de reza relatado pelos entrevistados foi a reza para fogo morto, fogo selvagem ou cobreiro, que são designações para o herpes zoster. Essa condição é caracterizada por uma doença de pele que se manifesta por meio de bolhas, vermelhidão e coceira (Santos, 2005). A rezadeira Vanice compartilhou sua reza para essa condição:

Eu rezo de fogo morto e fogo cobreiro, fogo selvagem
Corto a ponta da rama e da cabeça
Com o poder de Deus e da Santa Maria
Amém!

Repete 3 vezes. Rezar um Pai-Nosso, uma Ave-Maria e uma Santa-Maria e oferecer ao santo que quiser.
(Vanice, 2023)

É uma breve oração que busca a cura da condição específica chamada de fogo morto, cobreiro ou fogo selvagem. A menção de cortar a ponta da rama e da cabeça pode ser interpretado como uma ação simbólica destinada a remoção ou mitigação do problema mencionado. Já a reza de Deuzinha, se apresenta como um possível diálogo:

Santa Helena tinha duas filhas, uma fiava, outra cozinha e outra se ardia no fogo.

- De que cê vem rezando?
- Eu venho rezando de fogo, fogo selvagem.
- Com o que cê reza?
- Com ramos verdes e água claras.

Aí reza três padre-nosso.
(Deuzinha, 2023)

A reza apresenta uma narrativa associado à figura de Santa Helena. É possível que o trecho "outra se ardia no fogo" faça uma referência simbólica à condição de "fogo selvagem," também conhecida como herpes zoster. O diálogo subsequente revela a prática de rezar em resposta a uma indagação sobre o motivo da reza, mencionando especificamente o fogo selvagem. A utilização de "ramos verdes e água claras" como instrumentos para a reza sugere uma conexão com a natureza e elementos utilizados no benzimento. A instrução para rezar três Pai-nossos enfatiza a repetição ritualística, comum nos benzimentos observados.

Já a erisipela, popularmente chamada de "vermelha", é uma condição dermatológica caracterizada pela presença de sintomas como coloração avermelhada da pele, inflamação, feridas e sensação de coceira (Oliveira, 2014). A rezadeira Maria nos contou sua oração:

Pedro e Paulo foi a Roma, com Jesus Cristo encontrou
 - Pedro, o que há de curar?
 - A isipa que quer me matar
 Rosa branca, rosa preta, rosa azul, rosa vermelha, rosa de nove
 condição. Este mal dá no tutano, do tutano dá no osso, do osso dá
 na carne, da carne dá na pele, da pele sai pra fora.
 Com os poderes de Deus e da Virgem Maria, este mal não torna a
 voltar.

Diz três vezes e reza o Pai-Nosso. Que a cura de todas as orações é
 o Pai-Nosso e a Ave-Maria.
 (Maria Correia, 2023)

A reza apresenta um encontro entre os apóstolos Pedro e Paulo com Jesus Cristo, representando um possível diálogo entre eles. A interação entre Pedro e Jesus reflete uma busca pela cura da "isipa" que deseja prejudicar Pedro. A sequência de invocações de rosas brancas, pretas, azuis, vermelhas e a "rosa de nove condição" sugere uma abordagem simbólica e ritualística para combater o mal. A descrição da propagação do mal do tutano até a pele enfatiza a gravidade da condição a ser curada. O uso dos poderes de Deus e da Virgem Maria é central na reza, indicando a crença na intervenção divina para afastar e prevenir o mal. A citação das "rosas" também aparece na reza de Vanice:

Insipa, insipela, vermelha
 Vermelhando, rosadinha, rosa branca, rosa roxa
 Rosa mal se chama bicha fera
 Que come a carne, que rói os ossos
 Com os poderes de Deus eu corto o pescoço, assim como ela veste
 e reveste
 Como os três raios de sol, as três missa de Natal, as três pessoa da
 Santíssima Trindade
 Ela é de ser cortada a cabeça, sumida e convestida e afungentada
 para a onda do mar, do sangue, da pele
 Com o poder de Deus e da Virgem Maria
 Amém!

Rezar um Pai-Nosso, uma Ave-Maria e uma Santa-Maria e oferecer
 ao santo que quiser.
 (Vanice, 2023)

A referência à enfermidade como "bicha fera" a caracteriza como uma força negativa, capaz de prejudicar, consumindo carne e roendo ossos. A reza invoca os poderes de Deus para cortar o pescoço, utilizando simbolismos como os três raios de sol, as três missas de Natal e as três pessoas da Santíssima Trindade para fortalecer a intervenção divina. A ordem de cortar a cabeça e afugentar a enfermidade para a onda do mar reforça a ideia de purificação e cura.

Além das rezas para combater condições físicas e espirituais, a rezadeira Lili ensinou uma reza de proteção para ser pronunciada sempre ao sair de casa:

Eu ando com Jesus e a cruz crucificada
Me livre do perigo que é dos nossos inimigos
Eu salvo a noite e o dia
Eu quero que Deus me dê a companhia que deu sempre a Virgem
Maria
Meus ossos seja ausente e meu sangue seja livre, nem seja preso e
nem ferido
Eu em mim e quem tiver na minha companhia.

Bota o pé direito na frente e siga.
(Lili, 2023)

A reza apresenta uma abordagem espiritual e protetora, invocando a presença e proteção divina, especificamente associada a Jesus Cristo e à Virgem Maria. A expressão "me livre do perigo que é dos nossos inimigos" revela a intenção de afastar ameaças e perigos durante aquele dia.

Em síntese, as rezas apresentadas são curtas e simples, muitas vezes sem um sentido racional, porém com uma grande simbologia e ritualística. Observa-se que todas as rezas são complementadas pelo Pai-Nosso, Ave-Maria e Santa-Maria, orações advindas do catolicismo. Geralmente contam uma história ou diálogo contendo o nome da doença em questão, fazendo uma súplica a algum santo para a sua cura. Uma das rezas apresentadas se caracteriza como uma reza de proteção por pedir o livramento de perigos ao sair de casa.

A análise das diferentes práticas de rezas revela uma rica trama de abordagens espirituais na busca por cura física e espiritual. Enquanto algumas rezas são marcadas pela intuição, espontaneidade e uma conexão pessoal com a espiritualidade, outras adotam uma abordagem mais estruturada, recorrendo a orações predefinidas, sem perder também sua singularidade. Essa diversidade de métodos destaca a complexidade e a flexibilidade presentes nas práticas espirituais,

onde a individualidade, a tradição e a inovação coexistem. As distintas formas de abordar a cura espiritual ilustram a capacidade humana de adaptação e interpretação, refletindo uma busca contínua por significado e bem-estar através da espiritualidade. Essa diversidade, longe de ser um obstáculo à compreensão, enriquece nossa percepção da complexidade humana e da busca inata por conexões significativas com o transcendental.

CONCLUSÃO

Nesta pesquisa busquei investigar o ofício da prática de benzimento entre as rezadeiras e rezadores poço-verdenses. Pesquisar sobre a cidade em que cresci e ouvir esses agentes de cura foi como desbravar um território que, embora já conhecido, ainda guarda uma infinidade de novas descobertas e saberes.

O benzimento faz parte da nossa memória afetiva e por isso evoca sentimentos de paz, acolhimento, relaxamento e cura. A observação, escuta, contato com a natureza e com o mundo espiritual são características daqueles que possuem o dom de benzer. Dentre os ensinamentos captados nas falas, ter fé é o elemento primordial. Sem ele, não há reza.

Na casa dos rezadores encontrei um portal para o sagrado. As rezas transcendem o ordinário e tocam a alma. Ali, as paredes guardam segredos sussurrados pelos tempos, e as bênçãos ecoam nos corações dos que buscam alento.

Inicialmente, busquei descrever a cidade escolhida para a realização da pesquisa. Essa caracterização é importante para entendermos os aspectos históricos, geográficos, sociais, culturais e religiosos que permeiam a região e influenciam diretamente no contexto estudado. Poço Verde, cidade marcada pela devoção a Santa Cruz e a São Sebastião e enraizada em tradições populares, testemunha a continuidade e a resiliência das práticas de benzimento.

A interseção entre a religiosidade católica predominante e as práticas populares de cura evidencia a complexidade da identidade cultural local. A coexistência de elementos do catolicismo, manifestações afro-brasileiras e a reverência aos santos revela a capacidade de adaptação e hibridismo que caracteriza a experiência religiosa em Poço Verde.

Nesse pequeno município sergipano, a beleza está na autenticidade, nas pequenas sutilezas da vida cotidiana. Cada esquina, cada sorriso, cada palavra partilhada na simplicidade do dia a dia revela o verdadeiro tesouro deste lugar que, mesmo não sendo turístico, é o meu refúgio de encanto e pertencimento.

Sua história já se inicia com um grande simbolismo. Tendo seu nome inspirado por possuir um poço cujas margens exibiam uma vegetação sempre verde. Do ponto de vista geográfico, Poço Verde situa-se na região centro-sul de Sergipe. A

agricultura, focada no cultivo de milho e feijão, é a principal atividade econômica, consolidando a cidade como um importante centro produtor no estado. A pecuária, envolvendo bovinos, caprinos e ovinos, também contribui de maneira significativa para a economia local.

As festas religiosas, especialmente as dedicadas a São Sebastião e à Santa Cruz, desempenham um papel significativo na vida da comunidade, refletindo a influência da fé católica entre os habitantes. Dentre suas atividades culturais, destacam-se as quadrilhas, bandas de pifanos, tecelagem e filarmônica, contribuindo para a riqueza e diversidade cultural da comunidade poço-verdense.

Após essa contextualização, adentramos numa discussão acerca da memória e da história oral como registros válidos para a construção de conhecimentos. Esses meios narrativos, que transcendem as fronteiras do escrito formal, revelam-se instrumentos fundamentais na preservação e transmissão de vivências, possibilitando uma compreensão mais rica e diversificada das realidades culturais e sociais que moldaram as experiências humanas ao longo do tempo.

A validade da narrativa de vida de um entrevistado não depende da existência de documentos que corroborem os fatos apresentados, suas memórias são moldadas por experiências pessoais, emoções e interpretações únicas. Ao reconhecer e valorizar as lembranças coletivas, a sociedade pode usufruir de uma ferramenta poderosa para compreender sua história e cultura. A história local, com suas peculiaridades, tradições e costumes, desempenha um papel fundamental nesse processo, alimentando um sentimento de pertencimento.

Ao longo deste trabalho, refletimos também sobre o início da prática de benzimento no Brasil, contemplando uma retrospectiva que ressalta a intrincada relação entre indígenas, africanos e portugueses. A convergência dessas diversas culturas contribuiu de maneira significativa para a formação do panorama terapêutico brasileiro, deixando um legado rico e multifacetado que se manifesta até os dias atuais. A interação entre os povos indígenas, africanos e portugueses não apenas trouxe consigo conhecimentos tradicionais sobre as propriedades curativas de plantas e rituais, mas também influenciou a maneira como essas práticas foram adaptadas e mescladas ao longo do tempo.

O benzimento, muitas vezes transmitido oralmente de geração em geração, representa não apenas um conjunto de técnicas terapêuticas, mas também uma

expressão viva dessa diversidade cultural que caracteriza o panorama de cura brasileiro.

Essa prática não se limita apenas a curar aflições físicas, mas busca também promover bem-estar emocional e espiritual, reconhecendo a interconexão entre corpo, mente e espírito. A relação intrínseca entre o benzimento, a espiritualidade e a medicina popular ressalta a natureza holística dessas práticas. Ao incorporar elementos espirituais, o benzimento transcende o domínio da mera técnica terapêutica, tornando-se um meio de conexão com dimensões mais amplas da existência. Essa abordagem reflete não apenas métodos curativos, mas também a importância da fé, crença e relação com forças transcendentais na busca pelo equilíbrio e saúde.

Ao final desta jornada exploratória pelas vidas e práticas dos rezadores, é inegável reconhecer o papel fundamental da história oral como uma ferramenta poderosa para dar voz àqueles que muitas vezes foram marginalizados ou negligenciados nos registros históricos convencionais. A metodologia da história oral revelou-se uma porta de entrada para um universo rico em nuances, experiências e sabedorias, oferecendo uma perspectiva autêntica e profundamente humana.

Em síntese, as narrativas dos entrevistados destacam a transmissão oral como principal meio de aprendizado, indicando uma continuidade geracional das práticas de benzimento. A diversidade nas fontes de aprendizado, seja pelo ensino de rezadores mais experientes ou por revelações espirituais individuais, ressalta a natureza multifacetada e personalizada dessa tradição.

Os altares, ricos em simbolismo, revelam um hibridismo cultural, onde coexistem elementos das religiões afro-brasileiras, catolicismo popular e espiritualidade. Para o benzimento, utiliza-se geralmente qualquer ramo verde, sendo preferencialmente a vassourinha e o pinhão roxo.

Quanto à temporalidade e à formalidade das práticas, a diversidade de abordagens reflete a flexibilidade inerente a essa tradição. Seja rezando a qualquer dia e horário ou seguindo um calendário específico por razões individuais ou organizacionais, a prática do benzimento adapta-se aos hábitos de cada praticante.

O aspecto compartilhado por todos é a ausência de cobrança monetária, evidenciando a natureza altruísta e dedicada dos benzedeiros, que oferecem seus

serviços movidos pela fé, pela vontade de ajudar e pela devoção à tradição, solidificando assim o caráter comunitário e espiritual dessa prática ancestral.

O aprendizado que acumulei durante todos esses meses de estudos e entrevistas é inestimável. Perguntando as pessoas da cidade se elas conheciam algum rezador, procurando suas casas, sendo acolhida sempre com muita atenção e simplicidade, acessando suas memórias e ouvindo atentamente seus saberes.

Em um mundo cada vez mais complexo e tecnologicamente orientado, o benzimento representa um resgate de valores fundamentais, como a conexão com a natureza, a espiritualidade e a comunidade.

A simplicidade no contexto do benzimento não se refere à ausência de profundidade ou significado, mas sim à valorização de práticas que têm raízes na simplicidade da vida cotidiana, nas tradições orais transmitidas de geração em geração e na compreensão profunda das relações humanas com o meio ambiente.

O chamado para uma vida mais simples ressoa não apenas como uma necessidade individual, mas como uma responsabilidade coletiva. O meio ambiente clama por socorro diante da exploração desenfreada de recursos naturais, da produção excessiva de resíduos tóxicos e do desequilíbrio causado por padrões insustentáveis de consumo. O impacto global da atividade humana é evidente na degradação ambiental, mudanças climáticas e perda acelerada da biodiversidade. A vida nas grandes cidades, marcada por aglomeração, poluição e estresse constante, também reflete a desconexão entre a humanidade e a harmonia natural.

Essa desconexão se expressa também na forma como cuidamos da nossa saúde. A abordagem atual em relação à saúde muitas vezes reflete a busca por soluções rápidas e sintomáticas, negligenciando as causas subjacentes dos desequilíbrios. O aumento constante do número de farmácias pode ser interpretado como um sintoma dessa mentalidade, onde a preferência por tratamentos imediatos muitas vezes prevalece sobre a compreensão mais profunda das raízes dos problemas de saúde.

A reconexão com práticas ancestrais, como o benzimento e o consumo de ervas naturais, representa uma resposta sensata a essa dinâmica. Essas práticas oferecem uma abordagem holística, considerando não apenas os sintomas, mas também as causas subjacentes dos desequilíbrios. O benzimento, por exemplo, reconhece a importância da conexão entre corpo e espírito, buscando harmonizar

não apenas os sintomas físicos, mas também os aspectos emocionais e espirituais da saúde.

Ao nos voltarmos para práticas mais tradicionais e autossustentáveis, reconhecemos a importância de cultivar hábitos saudáveis no dia a dia, como uma dieta equilibrada, a prática regular de exercícios, o descanso adequado e a gestão do estresse.

A retomada de práticas mais simples, que respeitem a natureza e promovam a saúde física, mental, emocional e espiritual, é uma forma de reconectar-se com a nossa própria natureza. Ao adotar práticas mais sustentáveis e voltar-se para uma vida mais simples e harmônica, as pessoas podem desempenhar um papel significativo na construção de um futuro mais equitativo, saudável e respeitoso com o planeta que todos compartilhamos.

Essa pesquisa é apenas um recorte da vasta sabedoria que habita no povo poço-verdense. Não foram entrevistados todos os rezadores, rezadeiras, raizeiros e curandeiros da região, que com certeza detêm ainda mais conhecimentos acerca da cura, da saúde, da espiritualidade e da ancestralidade que ali existem.

Contudo, desejo que esse trabalho venha a contribuir significativamente para o enriquecimento do conhecimento acerca das práticas de benzimento e das histórias de vida dos rezadores. Ao estudar essas narrativas muitas vezes negligenciadas, buscamos promover uma compreensão mais profunda e respeitosa das tradições culturais populares, além de reconhecer o valor intrínseco dos rezadores e rezadeiras como guardiões do patrimônio imaterial.

Ao compartilhar suas experiências, saberes e desafios, as rezadeiras e rezadores oferecem ensinamentos preciosos sobre a complexidade da cultura brasileira e a interconexão entre as esferas espiritual, medicinal e social. Almejo que este estudo inspire novas pesquisas, diálogos e iniciativas que continuem a preservar e celebrar a diversidade cultural do Brasil, garantindo que essas tradições não apenas sobrevivam, mas prosperem em nossas vidas e em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- ABIB, P. R. J. **Culturas populares, educação e descolonização**. Revista Educação em Questão, Natal, v. 57, n. 54, p. 1-20, e-18279, out./dez. 2019.
- ALBERTI, V. **Manual de história oral: possibilidades e procedimentos**. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 236 p.
- ALMEIDA, E. F. et al. **Perfil dos consumidores de carne ovina no município de Poço Verde, Sergipe, Brasil**. Research, Society and Development, v. 11, n. 12, 2022.
- ARAÚJO, N. R. **Práticas Tradicionais de Cura: poder mágico e espiritual das plantas medicinais nos rituais das comunidades quilombolas em Itamarandiba, Minas Gerais**. 2019. 103 f. Dissertação (Mestrado – Pós-graduação em Saúde, Sociedade e Ambiente) - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2019.
- ARAÚJO, P. A. S. et al. **Pinhão-Roxo (Jatropha gossypifolia): Uma Revisão de Literatura dos Usos Tradicionais, Atividade Biológica e Caracterização Fitoquímica**. In: Pesquisa e Avanços em Química dos Produtos Naturais. Organizado por Agron Science. 1. ed. Rio de Janeiro: Agron Science, p. 123-145. 2023.
- ASEVÊDO, A. S. **Mediunidade e Experiência Religiosa: trânsito entre religião e saúde mental**. 2013. 71 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2013.
- AZEVEDO, G. X.; LEMOS, C. T. **As benzedeiras na tessitura da cultura, religião e medicina populares**. Goiânia: Agbook, 2018.
- BADINELLI, I. F. **Saúde e Doença no Brasil Colonial: Práticas de cura e uso de plantas medicinais no Tratado Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira (1735)**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel e Licenciatura em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARROS, M. A. **A benzedeira: experiências com o sagrado**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2022.
- BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2017.
- BORELLI, S. H. S. **Memória e temporalidade: diálogo entre Walter Benjamin e Henri Bergson**. Margem, São Paulo, v. 1. p. 79-90, 1992.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, C. R. **Vocação de criar: anotações sobre a cultura e as culturas populares**. Cadernos de Pesquisa, v.39, n.138, p.715-746, set./dez. 2009.

BRANDÃO, C. R. **Os deuses do povo**. São Paulo: Editora S.A., 1980.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. **Política Nacional de Educação Popular em Saúde**. Brasília, DF: MS; Sgep, 2012.

BRASIL. Portaria nº 2.761, de 19 de novembro de 2013. Institui a **Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (PNEPSSUS)**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 nov. 2013. Seção 1, p. 62.

BURITI, I. **Leituras do sensível: escritos femininos e sensibilidade médicas no Segundo Império**. Campina Grande: EDUFPG, 2011.

CALAINHO, D. B. **Jesuítas e medicina no Brasil colonial**. Tempo, v. 10, n. 19, p. 61-75, jul. 2005.

CÂMARA, Y. R.; FIALHO, L. M. F. **O papel sanitário das rezadeiras brasileiras outrora e agora: ressignificações e continuidades**. Eccos - Revista Científica, São Paulo, n. 59, p. 1-19, e14185, out./dez. 2021.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Editora Edusp, 1998.

CANTOS PIEDOSOS. **Bendita e louvada seja**. Cantos Piedosos. 15 fev. 2016. Disponível em: <https://cantospiedosos.blogspot.com/2016/02/bendita-e-louvada-seja.html>. Acesso em: 08 dez. 2023.

CARVALHO, J. C. A. **Caracterização de rezas populares no município de Itabaiana - SE: uma análise sócio-discursiva**. 2010. 117 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

CARVALHO, J. J. **'Espetacularização' e 'canibalização' das culturas populares na América Latina**. Revista Antropológicas, Recife, a. 14, v. 21, n. 1, p. 39-76, 2010.

CASCUDO, L. C. **Dicionário do folclore brasileiro**. 9. ed. São Paulo: Global Editora, 2000.

CATENACCI, V. **Cultura Popular: Entre a Tradição e a Transformação**. São Paulo em Perspectiva, v. 15, 2001.

CHALHOUB, S. **Cidade Febril: Cortiços e Epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHAUÍ, M. **Apresentação**. In: BOSI, E. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 17-33.

CHAUÍ, M. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CONCEIÇÃO, A. S. **"O santo é quem nos vale, rapaz! Quem quiser acreditar, acredita!": práticas culturais e religiosas no âmbito das benzeções. Governador Mangabeira – Recôncavo Sul da Bahia (1950-1970)**. 2011. 125f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2011.

COUTINHO, A. L. **Conhecimento e utilização de plantas mágico-religiosas por rezadeiras do semiárido paraibano**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) Universidade Federal da Paraíba (UFPB). 2018.

CURVELO, D. A. **Poço Verde - início e desenvolvimento**. São Paulo: Editora Lux, 2022.

DANTAS, F. **Ervas e benzimentos: o livro sagrado**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

DELGADO, L. A. N. **História Oral e Narrativa: Tempo, memória e identidades**. Revista da Associação Brasileira de História Oral, n.6, p. 9-25, 2003.

DELGADO, L. A. N. **História oral: memória, tempo, identidades**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 135p.

DIAS, J. C. T. **As origens do culto de Cosme e Damião**. Sacrilégens, Juiz de Fora, v.11, n.1, p. 36-57, jan-jun, 2014.

DISTANTE, C. **Memória e Identidade**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FERREIRA, M. M. **História, Tempo Presente e História Oral**. Topoi, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 314-332, jul./dez. 2002.

FIGUEIREDO, B. G. **Os manuais de medicina e a circulação do saber no século XIX no Brasil: mediação entre o saber acadêmico e o saber popular**. Educar, Curitiba, n. 25, p. 59-73, 2005.

FREITAS, S. M. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial HumNitas, 2006. 142 p.

GASPAR, E. D. **Guia de Religiões Populares do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

GERVAZONI, C. **Na Umbanda, São Sebastião é o Orixá Oxóssi e comanda os caboclos**. Imparcial, 20 jan. 2023. Disponível em: <https://www.imparcial.com.br/noticias/-na-umbanda-sao-sebastiao-e-o-orixa-oxossi-e-comanda-os-caboclos,56120>. Acesso em: 05 nov. 2023.

GIMENES, B. J. **Fitoenergética: a energia das plantas no equilíbrio da alma**. Nova Petrópolis: Luz da Serra Editora, 2019.

GUEDES, F. **Vestígios de Curandage: Memórias de Saberes Popular/Tradicionalis**. São Paulo: A Ilha, 2022.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

HEGENBERG, L. **Evolução histórica do conceito de doença**. In: HEGENBERG, L. Doença: um estudo filosófico. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1998. p. 17-30.

HOFFMANN, M. T. H. **Velhas benzedeadas**. Mediações, Londrina, v. 17, n. 2, p. 126-140, jul/dez. 2012.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, M. T. **Benzedeadas, garrafadas e costuras: considerações sobre a prática da benzedeadas**. Guaju – Revista Brasileira de Desenvolvimento Territorial Sustentável, v.1, n. 2, p. 110-126, jul./dez., 2015.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo 2010; 2020; 2022.

ILHEO, M. C. **Tradição e prática: um estudo etnográfico do benzimento em Campeste (MG)**. Monografia em Ciências Sociais. IFCH/UNICAMP. Campinas, 2017.

JOÃOZINHO, Pe. **São Sebastião**. Santos do Povo. 1993.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019.

LEAL, J. S. **'Retirantes do Sertão' foi uma das destaques no domingo**. CNPPV – Central da Notícia Poço-verdense, 2015. Disponível em: <https://cnnpv.blogspot.com/2015/06/retirantes-do-sertao-foi-uma-das.html>. Acesso em: 07 dez. 2023.

LEITE, D. A. T.; ARCHANJO, L. R. **A benzedeadas como prática terapêutica**. In: Revista do Núcleo de Ciências Biológicas e da Saúde, v. 01, n. 03, p. 15-19. Curitiba, Universidade Positivo, 2008.

LEMOS, C. T. **Benzedeadas: uma forma de exercer o poder**. In: Carolina Teles Lemos. (Org.). Religião e Saúde. 1 ed. Goiânia: Deescubra, v. 2, p. 19-34, 2007.

LEMOS, C. T. **O perfil de uma benzedeadas: aliança entre chás, "provas" e partos no cotidiano da vida camponesa**. In: AUGUSTO, Adailton Maciel (coord.). Ainda o Sagrado Selvagem. São Paulo: Fonte Editorial; Paulinas, 2010.

LIMA, I. S. **Benzedeadas - fé e cura no sertão: relações entre ciência, espiritualidade e saúde**. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020.

MACÊDO, S. **Deputados aprovam 'Filarmônica Santa Cruz' como patrimônio sergipano**. Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe, Aracaju, 2021. Disponível em: <https://al.se.leg.br/deputados-aprovam-filarmonica-santa-cruz-como-patrimonio-sergipano/>. Acesso em: 04 abr. 2023.

MACÊDO, S. **Festa de Santa Cruz é declarada Patrimônio Cultural**. Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe, Aracaju, 2020. Disponível em: <https://al.se.leg.br/festa-de-santa-cruz-e-declarada-patrimonio-cultural/>. Acesso em: 04 abr. 2023.

MACHADO, A. F.; OLIVEIRA, L. S. **Memórias ancestrais e filosofias africanas forjando caminhos para uma educação afroreferenciada**. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 17, e2219478, p. 1-15, 2022. ISSN 1809-4031.

MASCHIO, M.; ZOMER, L. **As memórias das benzedeadas como “médicas populares guiadas por Deus” em Clevelândia (PR)**. História Oral, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 237–254, 2021.

MEDEIROS, C. **História da experiência das epidemias no Brasil**. São Paulo: GLAC edições 2021.

MEINBERG, C. **Dicas da benzedead: renove sua fé com São Sebastião e Oxossi**. Terra - Vida e Estilo - Horóscopo, 21 jan. 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/horoscopo/dicas-da-benzedead-renove-sua-fe-com-sao-sebastiao-e-oxossi,f796244e8a49b69f528c14e1cbcd336brz3t6687.html>. Acesso em: 05 nov. 2023.

MENDES, D. S.; CAVAS, C. S. T. **Benzedeadas e benzedeados quilombolas - construindo identidades culturais**. Interações (Campo Grande), v. 19, n. 1, p. 3–14, jan. 2018.

MENEGATTI, B. D. N. B. **Soprando a gaita: bandas de pífanos no sertão baiano**. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MENEZES, J. **A arte do benzimento**. São Paulo: Alfabeto, 2020.

MOURA, E. C. D. **Entre Ramos e Rezas: O Ritual de Benzeção em São Luiz do Paraitinga, de 1950 a 2008**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP, 2009.

N'DALA, D. B. **Os gêmeos afro-brasileiros e o sincretismo religioso: o culto aos gêmeos: entre África e Brasil**. 2013. 81 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

NASCIMENTO, D. G.; AYALA, M. I. N. **As práticas orais das rezadeiras: um patrimônio imaterial presente na vida dos itabaianenses**. Nau Literária, Porto Alegre, v. 9, n. 1, jan/jun. 2013.

NASCIMENTO, G. M. **Feitio de viver: memórias de descendentes de escravos**. Londrina: Eduel, 2006.

OLIVEIRA, A. A. G.. **"Lá vem chegando São Sebastião, vem aqui te visitar": festas, andanças e folias no interior goiano (1960/2014)**. 2014. 142 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

OLIVEIRA, E. R. **O que é benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1985. 108 p.

OLIVEIRA, J. E. S. **Rezadeiras de Itabaiana/SE: entre herança cultural, a modernidade e os rituais de cura**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2014.

OLIVEIRA, O.; PADILHA, M. A. **História, Memória e Benzimentos**. V Congresso Internacional de História, 2011.

OLIVEIRA, P. A. R. **Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1985.

PIMENTEL, C. M. S. **Rezadeiras – uma fé popular**. Ceará, OPSIS, v. 7, n. 8, jan-jun. 2007. Disponível em:
<https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/download/9418/6492/0>. Acesso em 15 de out. de 2021.

PINSKY, C. B. (org). **Fontes históricas**. São Paulo, Contexto, 2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE POÇO VERDE. Secretaria Municipal de Educação. **Plano Municipal de Educação (2015-2025)**. Poço Verde, 2015.

QUINTANA, A. M. **A Ciência da Benzedura: mau olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise**. São Paulo: EDUSC, 1999.

RABELO, M. C. M. **Religião, ritual e cura**. In: Minayo, M. C. S. & Alves, p. C. (Org.) Saúde e Doença: um olhar antropológico. Fiocruz, Rio de Janeiro – RJ. 1998, p. 47-56.

RECH, A. L. **Memória de velhos através da narração ilustrativa das histórias em quadrinhos**. Revista Educação, Artes e Inclusão, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 27–48, 2016.

RIBEIRO JR, W. A. **Biografia de Hipócrates: o pai da medicina**. Ver. Modelo 19. V. 4, n. 9, p. 69-72, 1999.

RIBEIRO, C. M. **O imaginário das águas e o aprendizado erótico do corpo**. Educar, Curitiba, n. 35, p. 107-121, 2009.

ROMÃO, T. L. C. **Sincretismo religioso como estratégia de sobrevivência transnacional e translacional: divindades africanas e santos católicos em tradução**. Trabalhos em Linguística Aplicada, v. 57, n. 1, p. 353–381, jan. 2018.

SALVE AS FOLHAS. Intérprete: Maria Bethânia. Compositor: Ildásio Tavares / Gerônimo. In: MEMÓRIAS da Pele. Intérprete: Maria Bethânia. [S. l.]: Polygram, 1989.

SANTOS, A. L. R. **O espaço urbano em Poço Verde/SE, uma reflexão a partir do estudo morfológico**. 2021. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021.

SANTOS, A. R. R. **A sustentabilidade da água no município de Poço Verde-SE: desafios e possibilidades**. 2014. 97 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

SANTOS, B. S. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. São Paulo: Cortez; 2011.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo; Editora Cortez. 2010.

SANTOS, D. L. **Nas Encruzilhadas da Cura: Crenças, Saberes e Diferentes Práticas Curativas. Santo Antonio de Jesus – Recôncavo Sul – Bahia (1940 – 1980)** – Dissertação de Mestrado. UFBA, Bahia, 2005.

SANTOS, F. V. **O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar**. Revista CPC, São Paulo, n. 8, p. 6-35, maio/out. 2009.

SANTOS, I. **A Luta pela LIBERDADE RELIGIOSA**. [Vídeo]. ATUALIZE.se, 15 set. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Exemplo>. Acesso em: 20 dez. 2023.

SANTOS, J. E. C. **A estirpe de conselheiros do catolicismo popular sertanejo do nordeste brasileiro**. Revista de Estudos de Religião, vol. 12, n. 2, p. 182-205, 2021.

SANTOS, L. A. **Quadrilha junina e políticas culturais: aspectos históricos e simbólicos para a manutenção de uma manifestação cultural brasileira**. 46p. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Produção e Política Cultural) - Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão, Jaguarão, 2017.

SANTOS, M. **O dinheiro e o território**. São Paulo: GEOgraphia, 1999.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6. ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 2001.

SÃO SEBASTIÃO. Intérprete: Pe. Joãozinho. Compositor: Pe. Joãozinho; Pe. Geraldo Carlos da Silva. *In*: Santos do Povo. Intérprete: Pe. Joãozinho. [S. l.]: Paulinas-COMEP, 1993.

Seixas, L. M. P. **Maria e Iemanjá: Duas Faces – Um Arquétipo**. Revista Último Andar (ISSN 1980-8305), n. 31, 2018.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. **Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos**. Qualitas Revista Eletrônica, v. 17, n. 1, 2015.

SILVA, C. S. **Rezadeiras: guardiãs da memória**. Bahia, V ENECULT, 2009. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19161.pdf>. Acesso em: 15 de out. de 2021.

SILVA, V. A. G. **Benzedeiras**. Curitiba: Máquina de Escrever, 2013.

- SILVA, V. T. S. **Benzedeiras de Goiás: resistência e memória popular.** Monografia (Licenciatura em História) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2022.
- SIMAS, L. A. **O corpo encantado das ruas.** 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- SOUZA, L. M. **O diabo na terra de Santa Cruz.** São Paulo: Cia. Das Letras, 1986.
- STANCIK, M. A. **Medicina e saúde pública no Brasil: dos pajés e físicos aos homens de ciência do século XX.** Revista Brasileira de História da Medicina, v. 1, n. 1, p. 1-22, 2009.
- STHAL, H. C; LEAL, C. R. A. A. **Educação Popular como política de saúde: interfaces com a formação profissional em saúde.** Cad. Pes., São Luís, v. 24, n. 2, mai./ago. 2017.
- SUSSOL, M. **O livro dos benzimentos brasileiros.** São Paulo: Editora Posteridade, 2020.
- THOMPSON, P. **A voz do passado.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- VASCONCELOS, E. M.. **Educação popular: de uma prática alternativa a uma estratégia de gestão participativa das políticas de saúde.** Physis: Revista de Saúde Coletiva, v. 14, n. 1, p. 67–83, jan. 2004
- ZACCHI, M. S. **A tecelagem em Poço Verde.** Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE)

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa. O título da pesquisa é “ENTRE FOLHAS E REZAS: A PRESENÇA DO BENZIMENTO EM POÇO VERDE - SE”. O objetivo desta pesquisa é conhecer as práticas de cura de rezadeiras e rezadores de Poço Verde-SE. Como muitas pessoas não conhecem ou estão deixando de lado essa prática, indo apenas para médicos e tomando somente remédios de farmácia, queremos registrar os saberes populares relacionados à saúde como forma de valorização dessas práticas de cura. O (a) pesquisador(a) responsável por essa pesquisa é Brunna Santos de Oliveira, estudante do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Culturas Populares, da Universidade Federal de Sergipe.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa. Não será possível manter o sigilo e a confidencialidade dos participantes, já que haverá filmagens e registros fotográficos. Porém, o(a) entrevistado(a) terá liberdade para decidir se a sua identidade será divulgada ou não e, quais informações poderão ser tratadas de forma pública. Podendo também desistir a qualquer momento da pesquisa, sem prejuízo algum. Os participantes poderão ter acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado.

As informações serão obtidas da seguinte forma. Irei fazer algumas perguntas relacionadas ao benzimento, por exemplo: como o(a) senhor(a) começou a benzer, para quais doenças benze, quais instrumentos usa, entre outras. Tirarei fotos e farei filmagens durante todo o processo, se o(a) senhor(a) permitir. Para que após a entrevista, seja possível ouvir novamente tudo que o(a) senhor(a) disse e escrever o trabalho. Sua participação envolve riscos mínimos. É possível que o(a) senhor(a) se sinta desconfortável ou constrangido(a) durante as gravações, podendo pedir para parar a qualquer momento. Caso canse ou tenha vergonha de responder algumas perguntas, sinta-se à vontade para não responder. Todas as perguntas são apenas para conhecer melhor sobre os benzimentos, não há resposta certa ou errada. sua participação será de grande importância para a valorização dos seus saberes e para o reconhecimento do benzimento enquanto prática cultural.

Assim, você está sendo consultado sobre seu interesse e disponibilidade de participar dessa pesquisa. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu

consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não acarretará nenhuma penalidade.

Você não receberá pagamentos por ser participante. Se houver gastos com transporte ou alimentação, eles serão ressarcidos pelo pesquisador responsável. Todas as informações obtidas por meio de sua participação serão de uso exclusivo para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do/da pesquisador/a responsável. Caso a pesquisa resulte em dano pessoal, o ressarcimento e indenizações previstos em lei (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19) poderão ser requeridos pelo participante. Nós assumimos o compromisso de divulgar os resultados da pesquisa, quando ela terminar, em formato acessível (como aconselhamento e orientações e que traga benefícios diretos).

Para maiores informações sobre os direitos dos participantes de pesquisa, leia a Cartilha dos Direitos dos Participantes de Pesquisa elaborada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep), que está disponível para leitura no site: <http://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/img/boletins/Cartilha_Direitos_Participantes_de_Pesquisa_2020.pdf> Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode entrar em contato com o pesquisador através do(s) telefone(s) [(79) 99928-5207], pelo e-mail [brun.na@academico.ufs.br], endereço [Rua Professor Damião Teles de Menezes, 15; Condomínio Arboris Jabotiana, Torre Camomila 902; CEP: 494094-806].

Este estudo foi analisado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos e a segurança de participantes de pesquisa. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, ou se estiver insatisfeito com a maneira como o estudo está sendo realizado, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Sergipe, situado na Rua Cláudio Batista s/nº Bairro: Sanatório – Aracaju CEP: 49.060-110 – SE. Contato por e-mail: cep@academico.ufs.br .Telefone: (79) 3194-7208 e horários para contato– Segunda a Sexta-feira das 07:00 as 12:00h.

No caso de aceitar fazer parte como participante, você e o pesquisador devem rubricar todas as páginas e também assinar as duas vias desse documento. Uma via é sua. A outra via ficará com o(a) pesquisador(a).

Consentimento do participante

Eu, abaixo assinado, entendi como é a pesquisa, tirei dúvidas com o(a) pesquisador(a) e aceito participar, sabendo que posso desistir em qualquer momento, durante e depois de participar. Autorizo a divulgação dos dados obtidos neste estudo, assim como a veiculação das minhas fotos e vídeos. Informo que recebi uma via deste documento com todas as páginas rubricadas e assinadas por mim e pelo Pesquisador Responsável.

Nome do(a) participante: _____

Assinatura: _____ local e data: _____

Declaração do pesquisador

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária, o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante (ou representante legal) para a participação neste estudo. Declaro ainda que me comprometo a cumprir todos os termos aqui descritos.

Nome do Pesquisador: _____

Assinatura: _____ Local/data: _____

Nome do auxiliar de pesquisa/testemunha (Se houver): _____

Assinatura: _____ Local/data: _____



Assinatura Datiloscópica (se não alfabetizado)

Presenciei a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do participante.

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores)

Nome: _____ Assinatura: _____

APÊNDICE B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu _____, CPF _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Brunna Santos de Oliveira do projeto de pesquisa intitulado “ENTRE FOLHAS E REZAS: A PRESENÇA DO BENZIMENTO EM POÇO VERDE - SE” a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor da pesquisadora da pesquisa, acima especificada, assim como para divulgação em redes sociais e mídias digitais.

_____, ____ de ____ de _____

Participante da pesquisa

Pesquisador responsável pelo projeto

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA
ROTEIRO DE DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS E ENTREVISTA

Data da entrevista: ___/___/___ Início___:___ Término___:___ Local: _____

Nome completo: _____

Conhecida como: _____ Idade: _____

Religião: _____ Estado civil: _____ Filhos: _____

Escolaridade: _____ Ocupação: _____

Fala inicial do entrevistador: A ideia desse encontro é conversarmos sobre os benzimentos e as plantas medicinais que a senhora utiliza. Se a senhora autorizar, irei gravar esse encontro para a produção de vídeos e para facilitar a transcrição dos dados. Irei fazer algumas perguntas e pode se sentir à vontade para não responder o que não quiser.

- Qual foi a primeira vez na sua vida que você ouviu falar em benzimento?
- Nesse tempo tinha muitos curadores aqui em poço verde? Tinham homens e mulheres?
- Como você se prepara para rezar?
- Você tem devoção a algum santo?
- Como o (a) senhor(a) aprendeu a benzer?
- Quantos anos tinha quando benzeu pela primeira vez?
- Para quais doenças o(a) senhor(a) reza?
- O(a) senhor(a) recebe algo pelo benzimento?
- Pode-se benzer em qualquer dia e/ou horário? Os dias da semana determinam alguma coisa?
- Você canta quando reza?
- Quais instrumentos o(a) senhor(a) usa para benzer?
- Em que local o(a) senhor(a) reza?
- Após o benzimento, recomenda-se alguma coisa para o benzido (por exemplo, a utilização de chás, banho de ervas, etc)? Se sim, quais as ervas mais utilizadas e suas indicações?